



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Aline da Fonseca Fernandez

**Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta: estudo
de caso do Município de São Gonçalo**

Duque de Caxias

2012

Aline da Fonseca Fernandez

**Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta: estudo de caso do
Município de São Gonçalo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Mônica Dias Peregrino

Duque de Caxias

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

F363 Fernandez, Aline da Fonseca.
Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta: estudo de caso do Município de São Gonçalo / Aline da Fonseca Fernandez – 2012.
139f.

Orientadora: Mônica Dias Peregrino.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Jovens – Condições sociais – São Gonçalo (RJ) - Teses. I. Peregrino, Mônica Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 308-053.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Aline da Fonseca Fernandez

**Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta: estudo de caso do
Município de São Gonçalo**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

Aprovada em 28 de maio de 2012.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Mônica Dias Peregrino (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Prof.^a Dra. Neiva Vieira da Cunha
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Paulo César Carrano
Universidade Federal Fluminense - UFF

Duque de Caxias

2012

DEDICATÓRIA

A minha família, meu noivo, amigos e mestres que tanto me ajudaram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que sou, por estar sempre em minha vida fortalecendo meu coração e dando-me vitórias diárias.

Aos meus pais, por sempre abdicarem dos seus sonhos para que os meus se tornassem reais.

A minha irmã, Adriana, e ao meu cunhado, George, por ouvirem atenciosamente as minhas produções, sempre me incentivarem e auxiliarem nos momentos mais difíceis.

Ao meu noivo, Martín, que sempre me incentivou, estando ao meu lado, mesmo que distante, em todos os momentos, ajudando nas inúmeras discussões e na utilização de várias ferramentas.

A todos os amigos e familiares (tias/os, dindinha, primas/os), que muito me ajudaram nas mais diversas formas, e que de alguma maneira incorporaram-se a produção desta dissertação.

A Professora Dra. Mônica Peregrino, minha orientadora e amiga, por sua infinita compreensão, atenção, compromisso, ensinamentos, apoio. Em fim, pelo incansável empenho e contribuição ao meu aprendizado, desde o início de minha caminhada.

Aos membros da Banca Examinadora, pelo incentivo e disponibilidade, pelas idéias, conhecimentos e reflexões críticas.

Aos professores e colegas de turma (especialmente Andriele, Sônia, Márcia e Nádia), as minhas amigas da pesquisa, a todos os membros do programa do mestrado e do Observatório Jovem pelo conhecimento, aprendizagem, confiança e apoio incondicional.

Aos jovens entrevistados por me concederem mais que seus tempos, suas vivências e experiências, contribuindo para realização desse trabalho.

São inúmeros agradecimentos que devo proferir, pois foram muitos os que me ajudaram direta ou indiretamente na minha caminhada. Entretanto, para ser sucinta ao mesmo tempo em que não ser omissa agradeço de forma geral a todos pela ajuda, incentivo, compreensão, amizade, carinho, e, em muitos casos, pelo saber.

O assunto mais importante do mundo pode ser simplificado até ao ponto em que todos possam apreciá-lo e compreendê-lo. Isso é - ou deveria ser - a mais elevada forma de arte.

Charles Chaplin

RESUMO

FERNANDEZ, Aline da Fonseca. *Efeitos do território sobre processos de transição para a vida adulta*: estudo de caso do Município de São Gonçalo. 2012. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2012.

O presente trabalho consiste em um estudo de caso exploratório acerca das formas de transição para a vida adulta entre jovens das classes populares. Busca-se compreender se e de que maneira as desigualdades territoriais em localidades periféricas, como São Gonçalo, podem expressar desigualdades nas formas de se vivenciar a juventude. Uma das principais hipóteses explicita que morar nos distritos extremos desse município influencia a forma como os jovens se reconhecem, se projetam e se apropriam dos espaços da cidade, tornando a dimensão territorial um dos elementos influenciadores na construção de suas trajetórias. A metodologia utilizada envolve: inicialmente, uma revisão bibliográfica dos conceitos chaves de juventude, transição e território; em seguida, a caracterização do município e diálogo com dados secundários sobre o banco de dados da pesquisa suporte, fornecendo-nos os critérios para a escolha dos entrevistados; logo, as análises das quatorze entrevistas semiestruturadas realizadas com jovens dos dois grupos de distritos extremos. Ao final, fica claro, dentre outras constatações, que há influência do território sobre modos de vida distintos entre os jovens, nos permitindo caracterizá-los a partir de elementos comuns ("jovens de fronteira", "jovens enraizados" e "jovens híbridos") e mostrando que apenas certa configuração de condições (englobando tipos de escola, trabalho, circulação, forma de divertimento, etc.), disponível para alguns, permite a busca por romper com a circunscrição ao território de residência.

Palavras-chave: Juventude. Transição para a vida adulta. Território.

ABSTRACT

This work consists of an exploratory case study on the forms of transition to adulthood among youngsters from the popular classes. We seek to understand whether and how the territorial inequalities in peripheral locations such as São Gonçalo can express inequalities in the ways of experiencing youth. One of the main hypotheses explicit that living in extreme districts of that city influences the way young people recognize, project and appropriate themselves of the city spaces, making the territorial dimension one of the influencing elements in the construction of their trajectories. The methodology involves initially, a literature review of key concepts of youth, transition and territory; then, the characterization of the municipality and dialogue with secondary data on the database of the support research, providing us the criteria for the choice of interviewees; therefore, the analysis of fourteen semi-structured interviews with young people of the two extreme groups of districts. At the end, it is clear, among other findings, that there are influences of the territory on the distinct lifestyles among young people, what allowed us characterizing them by common elements ("border youngsters", "rooted youngsters" and "hybrid youngsters") and showing that only certain configuration of conditions (including types of school, work, movement, form of entertainment, etc.), available for some, allows the search for breaking with the territory of residence circumscription.

Keywords: Youth. Transition to adulthood. Territory.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Relação Distritos X Quantidade de anos repetidos de 1ª a 4ª séries.....	60
Tabela 2 -	Relação Distritos X Turno EM.....	60
Tabela 3 -	Relação Distritos X Exerceu alguma atividade remunerada.....	62
Tabela 4 -	Relação Distritos X Período escolar que estava cursando quanto iniciou a trabalhar.....	63
Tabela 5 -	Relação Distritos X Frequência ao centro de SG.....	66
Tabela 6 -	Relação Distritos X Frequência a Niterói.....	67
Tabela 7 -	Relação Distritos X Frequência ao Município do Rio de Janeiro.....	68
Tabela 8 -	Perfil socioeconômico dos jovens entrevistados.....	76
Tabela 9 -	Nível de escolarização dos jovens e dos seus pais.....	77
Tabela 10 -	Participação em grupos e demais associações juvenis.....	78

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 -	Tipologia Sócio-espacial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro por áreas (2000).....	43
Mapa 2 -	Regiões Administrativas de São Gonçalo.....	50
Gráfico 1 -	Relação Distritos X Grau de Escolaridade da Mãe.....	58
Gráfico 2 -	Relação Distritos X Grau de Escolaridade do Pai.....	59
Gráfico 3 -	Relação Distritos X Repetência no EF.....	59
Gráfico 4 -	Relação Distritos X Repetência no EM.....	61
Gráfico 5 -	Relação Distritos X Quantos anos começou a trabalhar.....	63
Gráfico 6 -	Relação Distritos X Tempo de moradia no Município de São Gonçalo.....	65
Gráfico 7 -	Relação Distritos X Tempo de moradia no bairro.....	65
Gráfico 8 -	Relação Distritos X Possuir parentes próximos.....	66
Gráfico 9 -	Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir o centro de SG.....	68
Gráfico 10 -	Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir a Niterói.....	69
Gráfico 11 -	Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir ao Município do RJ.....	70
Figura 1 -	Percursos realizados pelos jovens de Neves e São Gonçalo.....	110
Figura 2 -	Percursos realizados pelos jovens de Monjolos e Ipiúba.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COMPERJ	Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
GRET	Grupo de Recerca Educación i Treball
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
SG	São Gonçalo
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	JUVENTUDE E TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA	16
1.1	Diferentes abordagens do conceito de juventude	22
1.2	Transição para a vida adulta	25
1.2.1	<u>Panorama das transições no contexto europeu</u>	26
1.2.2	<u>Transições para a vida adulta no contexto brasileiro</u>	29
2	TERRITÓRIO	34
2.1	Panorama de como vem sendo tratado o conceito de território	34
2.2	Pensando o território da cidade	36
2.2.1	<u>Dialogando com estudos recentes que abordam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro</u>	41
2.3	Pontos de interseção: Juventude X Território	45
3	METODOLOGIA	47
3.1	Caracterização da região estudada: São Gonçalo	49
3.1.1	<u>Mergulhando nas desigualdades internas do município: um olhar sobre os distritos</u>	52
3.2	Caminho trilhado	55
3.2.1	<u>Comparando os dados já analisados pela pesquisa que oferece suporte a este trabalho com aqueles obtidos através do uso do programa SPSS</u>	57
4	TRAJETÓRIAS E ANÁLISES	75
4.1	Trajetórias em foco	75
4.1.1	<u>Os jovens: perfil socioeconômico</u>	76
4.1.2	<u>Primeiras impressões</u>	79
4.2	Olhar sobre as entrevistas	83
5	COSIDERAÇÕES FINAIS	120
	REFERÊNCIAS	128
	APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecimento	135
	APÊNDICE B - Ilustrações do conhecimento territorial dos jovens	136

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em um estudo de caso exploratório acerca das formas de transição para a vida adulta entre os jovens. Buscamos compreender se e de que maneira as desigualdades territoriais em localidades periféricas, como São Gonçalo, por exemplo, podem expressar desigualdades nas formas de se vivenciar a juventude nas classes populares. Questionamo-nos especificamente: qual a importância da escola, da inserção no mercado de trabalho, dos equipamentos culturais e do território na vida dos jovens moradores de um município periférico; e o que significa experimentar a condição juvenil nos diferentes distritos que compõe o município de São Gonçalo?

O interesse por esse tema surgiu a partir das inquietações encontradas ao longo da minha experiência como bolsista do Projeto de Pesquisa “Condições de Escolarização Pública de Jovens em Periferias Urbanas”, e mais tarde, no projeto “Percurso, trajetórias, modos de crescer: escola e trabalho na transição para a vida adulta”, do qual sou voluntária atualmente. Nesses projetos, me aproximei da temática da juventude e a questão do território veio gradativamente; devido, em parte, às próprias conclusões explicitadas pelas pesquisas, como também pela minha formação como geógrafa.

Partimos do pressuposto de que, no Brasil, a juventude pode ser vivida de múltiplas formas e que essas formas podem expressar ao mesmo tempo potencialidades ou vulnerabilidades de acordo com fatores como: classe social, etnia, gênero, território, etc. Compreendemos a juventude enquanto noção construída social e culturalmente, variável com os contextos social, histórico, econômico e cultural em que é formulada. Buscamos entendê-la em sua diversidade, seus pertencimentos sociais, privilegiando a dimensão espacial na constituição da experiência juvenil e tendo como posição de análise dos processos de socialização dos jovens os estudos sobre a transição para vida adulta.

Entendemos transição, assim como aponta Melissa Pimenta (2007), como um sistema complexo que articula uma pluralidade de trajetórias diferentes, intimamente interligada e que se influenciam mutuamente, sendo compreendida não apenas como a passagem da escola para o trabalho, mas como um processo relacional entre trajetórias escolares e laborais, afetivas e familiares, as quais conformam o processo de fazer-se adulto. Vislumbramos que a importância dos estudos das transições, como já apontado por vários pesquisadores, reside principalmente no fato de ser nesse momento particular da biografia dos sujeitos que se articulam as principais transformações e determinantes da posição social futura, comungando

a formação escolar e a obtenção de títulos, os êxitos ou fracasso na consolidação de uma vida profissional, o estabelecimento das relações de casal, bem como variações e/ou determinações nascidas da relação com o grupo de iguais, dos referentes da ação e dos valores.

Acreditamos que, para além da condição macro social (englobando questões de classe, sexo, raça), há um “micro-cosmo” que perpassa a escala do território (inserindo conflitos entre frações de classes, estruturas de oportunidades educacionais, de trabalho, disputas internas por aparatos públicos e acesso a equipamentos culturais), marcando diferentes e desiguais formas de se vivenciar a juventude.

Corroboramos com Rogério Haesbaert (2007) ao afirmar que o território carrega toda a complexidade com que se constroem relações de poder, seja este centralizado e identificável das instituições formalizadas ou mais sutis, invisível e simbólico do imaginário e das representações dos diferentes grupos culturais. Nesse trabalho, nos debruçamos sobre o território da cidade, especificamente sobre o Município de São Gonçalo, onde a relação entre espaço urbano e espaço social não apresenta uma equivalência, uma vez que, mesmo sendo um município periférico cuja maior parte da população pertence à classe popular, encontramos defasagens e inúmeras desigualdades entre a estrutura urbana e a hierarquia social, decorrentes principalmente das diferenças dos tempos históricos de mudanças da sociedade e da forma de ocupação.

São Gonçalo é um município urbano que compõe o Leste Metropolitano do Rio de Janeiro. Desde 1943 o município é dividido em cinco distritos: São Gonçalo sede, Ipiíba, Monjolos, Neves e Sete Pontes que permanecem até os dias atuais. Sua trajetória foi constituída na composição entre um desenvolvimento econômico inicial de base agrícola ao qual se justapôs um processo de industrialização descontínuo, sendo palco de um modo de urbanização crescente e polarizada, que implicou num primeiro momento em melhorias concentradas em algumas de suas regiões, sem que tivesse havido, contudo, planejamento urbano que estendesse os benefícios às demais regiões. Podemos observar no município uma distribuição desigual de bens de consumo coletivo (escolas, postos de saúde, esgoto, água, transporte, etc.), havendo uma concentração desses bens nos distritos de São Gonçalo e Neves e uma enorme precariedade em Ipiíba e principalmente Monjolos.

Ao estudarmos as periferias, São Gonçalo, por exemplo, temos que levar em consideração a existência da desigualdade dentro da pobreza, sobretudo quando se pensa na desigualdade entre os diferentes territórios de uma cidade. Assim, não devemos negligenciar a dimensão espacial da desigualdade que se manifesta pelas diferentes modalidades de segregação sócio-espacial, visível através da precária ou mesmo ausência na oferta de

infraestrutura, políticas e aparatos públicos (oportunidade de educação, trabalho, vivências culturais, etc.) e privados, que acabam produzindo e reproduzindo limitações, singularidades e até mesmo novas possibilidades de se vivenciar as diversas maneiras de “ser jovem”.

Nossa hipótese geral é que morar nos territórios extremos de São Gonçalo influencia a forma como os jovens se reconhecem, se projetam e se apropriam dos espaços da cidade, ou seja, a dimensão territorial torna-se um dos elementos influenciadores (sem cair no determinismo geográfico, longe disso) na construção de suas trajetórias, uma vez que interfere diretamente na sociabilidade, no cerceamento da mobilidade nos espaços da cidade, nos processos de pertencimento, na organização das identidades, etc. Determinados territórios da cidade, especialmente os mais pauperizados, refletem o agravamento das condições sociais e de isolamento, já que o processo de territorialização estreita as redes sociais para fora das localidades, fazendo com que o elo de contato entre esses moradores com o resto da cidade seja extremamente restringido.

Nesse contexto, buscamos a possibilidade de compreender, através de uma visão interdisciplinar (utilizando conceitos geográficos, sociológicos), a realidade da condição juvenil que marca o município de São Gonçalo, enfatizando os impactos que os diferentes territórios da cidade inferem na transição para vida adulta. Levamos em consideração as diversas escalas que compõe a realidade, indo desde as transformações mais gerais de nossa sociedade até as peculiaridades que marcam o município.

A metodologia utilizada para alcançar tais objetivos se baseia inicialmente na revisão bibliográfica dos conceitos chaves de juventude, transição e território. No primeiro capítulo enfocamos as diferentes abordagens do conceito de juventude e os estudos sobre a transição para a vida adulta, tanto no contexto europeu como no nacional. Em seguida, nos debruçamos sobre o conceito de território, fazendo inicialmente um panorama de como ele vem sendo abordado e, logo, ressaltando o território da cidade. Este, por sua vez, se subdivide em dois tópicos: um onde dialogamos com os estudos recentes que abordam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro e outro sobre os pontos de interseção entre a juventude e o território.

No terceiro capítulo, ressaltamos o passo a passo da metodologia utilizada indo desde a escolha do método, passando pela caracterização do nosso lócus privilegiado, o município de São Gonçalo, a delimitação dos dados secundários da pesquisa que nos dá suporte até o caminho trilhado da formulação das hipóteses as escolhas dos jovens para as entrevistas.

No quarto capítulo elucidamos as primeiras impressões sobre os jovens selecionados, suas posições socioeconômicas e o processo de análise das quatorze entrevistas.

Por fim, o quinto capítulo é dedicado a elucidarmos os resultados e as conclusões alcançadas, bem como levantar novas indagações e contribuições para os estudos sobre o impacto do território para a transição da vida adulta.

Esperamos que com esse estudo possamos trazer contribuições crítico-reflexivas, capazes de gerar inquietações e reflexões que aprofundem as discussões sobre as possíveis nuances que o território pode exercer sobre a transição para a vida adulta, levando-o a ser mais um dos fatores necessário à compreensão desse período complexo e rico.

1 JUVENTUDE E TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA

A juventude, enquanto categoria analítica, situa-se em um terreno instável e de difícil resolução, uma vez que abraça tanto aspectos biológicos quanto sociais, englobando geralmente maturidade biológica e imaturidade social. É uma categoria classificatória cultural e histórica, sendo foco de inúmeros estudos.

O debate acerca da juventude ganha grande importância em alguns países europeus no período do Pós-Segunda Guerra Mundial, no qual muitos estudiosos enfrentam a problemática de entender qual o significado da juventude na sociedade, se esta fase seria universal e uma condição natural ou não, suas características, etc. Buscam compreender a conjuntura de mobilização e integração dessa fase perante os conflitos postos pela sociedade em termos de uma reciprocidade entre juventude e sociedade, tentando analisar os novos rumos macro-sociais referentes à expansão da escolarização, ao processo de industrialização, etc. (MANNHEIM, 1968)

De modo bem simplório, podemos apreender, baseados nos estudos sociológicos, um panorama histórico da construção social da juventude, mesmo partindo do pressuposto que não há um marco bem definido para seu surgimento. Denise Cordeiro (2009), pautada nos estudos de Ariès, ressalta que, no campo analítico a juventude começa a ser tematizada como um ciclo de vida entre fins do século XVIII e início do XIX, tendo como marco de sua produção o aparecimento do conceito de infância e de família na sociedade ocidental. A juventude, enquanto ator protagonista do cenário público surge como já apontado por Feixa (1999), no século XX; sendo, entretanto, possível rastrear sua origem ao longo do processo de transição do feudalismo para o capitalismo.

Carles Feixa (1999) faz um panorama histórico abarcando tanto a construção cultural da juventude como a construção juvenil da cultura. Explicita que não se pode identificar uma data precisa para o nascimento da juventude e nem confundi-lo com o surgimento das teorias sobre esse período da vida, mas ressalta que foi na segunda metade do século XX que houve uma irrupção da juventude como ator protagonista no cenário público, sendo sua origem um produto de uma série de transformações nas instituições como a família, a escola, o exército e o trabalho. Ressalta, ainda, a importância do período do entre-guerras como fase de politização crescente da juventude cuja capacidade mobilizadora é percebida pela Igreja, movimentos juvenis especializados, comunismo e principalmente pelo fascismo e nazismo. Enfatiza cinco fatores fundamentais que modificaram as condições sociais e as imagens

culturais dos jovens nos países ocidentais ao longo dos anos sessenta: a emergência do Estado de bem-estar social, a crise da autoridade patriarcal, o nascimento do “teenage market”, a criação de uma cultura juvenil internacional-popular através dos meios de comunicação de massa e a revolução sexual.

Dentre os estudos clássicos que emergem no pós-guerra, encontra-se o de Mannheim (1968), que visa entender o significado da juventude para a sociedade bem como a natureza do potencial que a mocidade representa, e o de Bourdieu (1983). Mannheim escreve sobre a juventude tentando compreender o papel dos jovens na sociedade moderna, especificamente na Inglaterra. Para ele, a juventude deve ser encarada enquanto recursos latentes de que toda sociedade dispõe e pode ou não mobilizá-los de acordo com sua vitalidade e estrutura sociológica, configurando uma condição, um patamar. Ser jovem significaria, nessa análise, ser um homem marginal e estranho ao grupo, sendo por isso mais receptivo e acessível a mudanças. Isso porque a juventude se aproximaria dos conflitos da sociedade moderna “vinda de fora”, uma vez que o jovem penetra num mundo em que os valores, hábitos e costumes são diferentes dos que conhecia até então, sendo uma novidade para ele. Assim, os jovens seriam mais aptos a se solidarizarem aos movimentos sociais dinâmicos por não estarem emersos no estado de coisas existente como ocorre no caso dos adultos.

Já Bourdieu (1983) afirma que as divisões entre as idades são arbitrárias, constituindo em um dado socialmente manipulado e manipulável. A juventude, enquanto noção sociológica relacional, é a posição dada por uma diversidade de fatores (socialização primária, classe social, hábitos...); mas, principalmente, pela instituição escolar, não havendo apenas uma juventude, mas juventudes. Dentre os critérios que diferenciam os jovens estão as condições de vida, o mercado de trabalho e o orçamento do tempo¹. Ocorre uma dependência entre a juventude e a instituição escolar, pois é nessa instituição que se agrega valores e “estilos de vida”, mantendo o jovem “fora do jogo” social, constituindo um período em que os jovens não estariam coagidos pela sociedade. As transformações no sistema escolar gerariam como efeito fundamental a manipulação das aspirações uma vez que a escola para além dos conhecimentos confere títulos, direitos e as próprias aspirações.

Dessa maneira, a escola como lugar que distribui seu poder simbólico de forma desigual, sendo veículo de privilégios, estaria, para esse autor, na base dos conflitos de

¹ Bourdieu, ao abordar o orçamento do tempo, explicita a diferença entre as juventudes, especificamente entre os jovens trabalhadores e os estudantes. Demonstra o abismo entre ambos, no qual um tem a preocupação com as questões econômicas reais, falta de tempo livre e o outro, em seu estado de assistido, que não tem que se preocupar com a alimentação e moradia, cujo tempo livre pode usufruir pagando preço reduzido em entradas de cinema e teatro. Assim, ressalta não só dois extremos de se vivenciar a juventude, mas um mundo de possibilidades de ser jovem em distintas classes e frações de classes, sendo uma categoria manipulável.

gerações, que correspondem a sistema de aspirações constituído em épocas diferentes para as gerações em relação (pais e filhos, diferentes gerações no interior das instituições e empresas, etc.). Não é por acaso que a desqualificação estrutural da geração, através da menor obtenção do valor dos seus títulos em relação à geração precedente, gera um desencantamento comum a toda geração, o que se torna especialmente importante nos contextos de expansão escolar. Um exemplo claro entre as gerações e essas desigualdades reside hoje no Brasil na discrepância entre a qualificação e o emprego, cujo prolongamento de escolarização não implicou nem no adiamento da entrada no mercado de trabalho (ampliação da simultaneidade escola e trabalho) e nem na melhora nessa inserção, cabendo aos jovens os postos mais precários.

Buscando encontrar os pontos de contato na experiência de cada geração, Mario Margulis e Marcelo Urresti (1996) ressaltam o conceito de *memória social incorporada*, explicitando que cada geração é uma estrutura transversal de experiência histórica e memória acumulada frente a estímulos de uma época, sendo mais do que a coincidência referente à data de nascimento, mas uma “diacronia compartilhada”. Portanto, o eixo de unidade da juventude passa pela compreensão dos conflitos e anseios geracionais uma vez que, fazer parte de uma geração distinta significa diferenças na memória e na experiência vivida. Ser jovem implicaria considerar o fato geracional, a idade como característica biológica da condição do corpo e o setor social ao qual pertence no que se refere à possibilidade diversificada e desigual de acessar a uma moratória.

Os autores tentam descortinar o mecanismo pelo qual o uso e a legitimidade da condição juvenil encontram sua lógica de distribuição diferenciando *moratória vital* da *moratória social*. A idéia de moratória social é entendida como um período permitido ao jovem vivenciar a sua juventude sem assumir os mesmos compromissos que os adultos (postergando responsabilidades econômicas e familiares, como o casamento e a procriação), tendo um tempo livre para formar-se e “curtir” diferentes experiências. Este tempo seria socialmente aceito pela sociedade. Entretanto, essa moratória não se estende a todos os jovens, mas a grupos crescentes que pertencem comumente a setores sociais médios e altos, uma vez que, os menos favorecidos não têm (ou não lhes são oferecidas pelo Estado) condições econômicas para “sustentarem” esses tempos livres, ou seja, aparecerão nessa moratória as diferenças sociais e culturais, de classe e/ou de gênero, no modo de ser jovem.

Por outro lado, Margulis e Urresti apontam a existência de uma moratória que complementa a social: a moratória vital. Um período da vida em que se possui um excedente temporal, um crédito, chamado “capital temporal” ou “capital energético”. Assim, a moratória vital diz respeito ao aspecto energético do corpo próprio da juventude. Esta moratória é

comum a todos os jovens e se identifica com a sensação de imortalidade, a energia do corpo, a distância da morte, ou seja, características próprias dos jovens.

A noção de moratória permite não apenas diferenciarmos, dentro dos grupos e classes, a distribuição desigual do uso da condição juvenil como uma espécie de capital simbólico, como também nos dá base para compreendermos que a juventude não é só uma condição etária, biológica, mas que ela se realiza socialmente como um símbolo cuja distribuição é diferente de acordo com a posição social que se ocupa. Estamos diante da juventude tanto como unidade, quando referente às gerações, como também em diversidade e desigualdade ao utilizarmos a moratória para entender a maneira ao mesmo tempo diversa e desigual a partir da qual a juventude pode ser experimentada. Assim, como categoria social, a juventude incorpora dois aspectos diferentes e não-excludentes: por um lado, é um corte geracional, referindo-se a experiência geracional comum; por outro, engloba diversas e heterogêneas culturas juvenis.

Pais (1993) ressalta vários fatores que influenciam no processo de produção de modelizações sobre o que significa ser jovem na sociedade moderna: o crescimento populacional no século XX, principalmente a partir dos anos 1940; o crescimento econômico do pós-guerra; a expansão e a retração da classe média; o desenvolvimento da tecnologia e dos meios de comunicação; a segmentação do espaço urbano. Cordeiro (2009) aponta que é exatamente essa produção temporal de modos juvenis que induz muitas vezes a uma tipificação da juventude numa perspectiva eminentemente geracional. É por meio dessas tipificações que nos deparamos com o estabelecimento de imagens sociais dos jovens, relacionadas a uma época específica que encapsula e cristaliza a juventude como uma condição geracional.

Dessa maneira, podemos visualizar, por exemplo, algumas imagens dos jovens de acordo com as décadas: 1950, Abramo (1994) aborda como as imagens dos jovens, de modo bem essencialista, passaram a destacá-los do ponto de vista de sua integração ou marginalização ao sistema, ou como radicalismo e alienação diante da ordem social, ou seja, o jovem era a personificação da rebeldia e do conflito intergeracional (“rebeldes sem causa”, delinquentes juvenis). Nos anos 1960/1970, os jovens desenvolveram uma cultura de contestação à razão tecnocrática, jovens esses predominantemente das classes médias, passaram a integrar os movimentos estudantis de oposição ao regime autoritário, cuja imagem juvenil da época refere-se ao jovem ativista político. Os anos 1980 foram marcados pela imagem da juventude como conformista social, despolitizada, ressaltando-se as dependências

químicas e a violência juvenil, isto é, emerge a *juventude em situação de risco*² ou a Geração Coca-cola, como na música do Grupo Legião Urbana. Já nos anos 1990, emergem a juventude globalizada ou pós-moderna, cujos jovens estão emersos nas novas tecnologias da comunicação.

Toda essa discussão sobre as gerações é sempre a busca de apreensão de tendências de época que deixa escapar as margens. Em um pequeno filme produzido pela empresa BOX 1824 (uma empresa de pesquisa especializada em tendências de comportamento e consumo), intitulado “We All Want to be Young/ Todos querem ser jovens”, sob a direção e roteiro de Lena Maciel, Lucas Liedke e Rony Rodrigues, podemos visualizar bem essa apreensão das tipificações dos jovens e suas influências nos hábitos de consumo. Segue abaixo uma transcrição desse pequeno filme, facilmente encontrado no You Tube, para fim meramente ilustrativo.

You Tube: We all Want to Be Young

Todos querem ser jovens. É atraente. É uma explosão de hormônios! É sexy. Saudável. Bem, talvez não.

Jovens representam novas linguagens e comportamentos. Eles estão influenciando diretamente os hábitos de consumo. Estão posicionados no topo da pirâmide de influência. E são aspiracionais para os mais novos, e inspiracionais para os mais velhos, tanto faz...

É a maioria em números absolutos em uma perspectiva global. E têm um alto poder de compra, se comparado ao de seus pais quando eram jovens, porque esse importante papel da juventude atual tem origem justamente na geração Baby Boomer. Eles nasceram depois da II Guerra Mundial nos anos 40 e 50. Inseguros e impacientes, eles causaram grandes mudanças. Eles foram a primeira geração a conquistar o direito de ser jovens. Inventando o que ficou conhecido como o lifestyle jovem. Eles receberam as chaves de casa, e a liberdade de ir e vir. Eles tomaram conta dos centros acadêmicos, grandes festivais e ruas. Por causa disso, eles foram chamados de “Juventude Libertária”. Vendo de fora, pareciam meio loucos, mas o papo de paz e amor, sexo livre e “flower power”, continua influenciando o comportamento até hoje. Tudo aquilo deve ter sido muito divertido. E falando em diversão, nós não podemos esquecer da geração X. Nascidos nos anos 60 e 70, eles aproveitaram os direitos conquistados pelos Baby Boomers, vivendo uma busca por prazer sem culpas. A vida passa muito rápido. Inconformados e entusiastas, eles levaram a novas grandes mudanças. Dentro de casa, eles eram os donos dos quartos, e tomam conta de suas individualidades. Geração X é apaixonada por estereótipos. Influenciada pelo avanço do marketing e da publicidade, tanto no universo corporativo, quanto no entretenimento, a geração X é lembrada como a “Juventude Competitiva”. Não é apenas um trabalho para ele, é uma guerra. Mas agora é um jogo completamente diferente.

Os jovens mudaram as regras novamente. Conhecidos como a primeira “Juventude Global”. Millennials não só têm a chave de casa, e do seu quarto, eles também conquistaram o mundo. Sim, acesso total! Transcendem o lugar de onde são. Isso não está acontecendo por pura coincidência. O consumo globalizado promove conexões estéticas e comportamentais com outros jovens ao redor do mundo. A internet está permitindo que conteúdo pessoal, ganhe dimensões estratosféricas, onde tudo pode ser remexido. Em poucos dias, o conteúdo pode se transformar em memes globais na internet. Também alcançando relevância fora da internet. Obviamente, tudo isso tem consequências. O excesso

² Para maior aprofundamento ler: REIS, Letícia. Jovens em situação de risco social. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Orgs.). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 81-102.

de informação e possibilidades está fazendo essa jovem geração ter ansiedade crônica. Está se tornando mais necessário que eles escolham os filtros certos, com tanto conteúdo e pessoas em suas vidas. O medo de se sentirem perdidos na multidão, fez com que usassem uma linguagem hiperbólica para se expressarem.

Nem sempre é fácil entender o que os Millennials estão dizendo. Isso porque eles desenvolveram um modo não linear de pensar, que reflete exatamente a linguagem da internet, onde uma infinidade de assuntos podem ser acompanhados ao mesmo tempo. Para esse Millennials é natural começar com uma coisa e terminar com outra. Mas não entre em pânico, tudo isso é orgânico. Hoje em dia é legal saber e ser várias coisas ao mesmo tempo. É muito diferente dos anos 80, quando os jovens tinham uma opinião bem radical, sobre o poder dos grupos. Você era uma coisa ou outra. Nos anos 90, o poder das tribos já não era algo tão legal de se estar vinculado. Alguns começaram a se chamar de “normais”, para transitar entre os diferentes grupos. Hoje, ser normal se tornou chato. E ao invés de neutralizar suas diferenças, se tornou legal expressá-las. É possível ser surfista, DJ, roqueiro, nerd, cinéfilo, designer ao mesmo tempo. Nós estamos falando da geração de jovens mais plural da história. É uma pluralidade que garante que os jovens possam, simultaneamente, reconhecer-se, mesmo com suas diferenças pessoais. Sua nova e estendida rede social resultou em um maior número de relacionamentos pessoais efêmeros. Também é visível em seu trabalho, onde planos de carreira tradicionais e sistemas hierárquicos são deixados de lado. Cada vez mais, eles querem unir trabalho com prazer. Mais isso não acontece pela busca de um lifestyle hedonista. O prazer acontece em breaks programados.

Os jovens Millennials são pragmáticos. Eles também são mais realistas. Seus grandes ídolos não são figuras totalmente idealizadas. Mas sim, pessoas comuns que realizam pequenos e possíveis sonhos. Eles são os rostos da nova economia. Comandada por open source e crowdsourcing. E iniciativas independentes, que com o poder da internet, podem ter um impacto imensurável. Essa consciência coletiva é o zeitgeist do futuro, levando a um cenário de oportunidades. Mas não é fácil, o novo sempre intimida. Muitas coisas que não eram imediatamente entendidas no passado são hoje consideradas comportamento natural. Você pode entender e tomar parte, ou sentar confortavelmente e se acomodar. No final, ser jovem é sexy e divertido. Mas é muito mais que isso, vem com perguntas e grandes ambições. Se você acha que já sabe bastante e está em paz com seu espaço no mundo, então, parabéns! Você está oficialmente morto! Mais do que nunca, para entender o mundo é preciso entender esses jovens. Que são os catalisadores das grandes mudanças. Entender a evolução do mundo é uma busca que pode nos manter jovens para sempre.

Esse é um relato muito interessante que expressa uma síntese, com toda sua problemática, das tipificações dos jovens dos anos 1940-2000. Cordeiro (2009) explicita, como progressivamente, os jovens são capturados pelos padrões de consumo e retoma as discussões propostas por Frederic Jameson sobre a globalização para evidenciar como as questões culturais tendem a se propagar nos planos econômicos e sociais, ocorrendo na “pós-modernidade” a dissolução do cultural no econômico e o econômico no cultural. Ressalta como a juventude, independente da classe social, passa a experimentar uma lógica cultural sustentada numa sociedade de imagens, direcionada para o consumo.

Diante desse panorama geral, faz-se necessário compreender como o conceito de juventude vem sendo abordado no âmbito da sociologia.

1.1 Diferentes abordagens do conceito de juventude

Alguns autores contemporâneos vão tentar agrupar as teorias sobre juventude em tendências correntes, como fazem Joaquim Casal et al. (2006) e Machado Pais (1993).

Casal descreve três enfoques epistemológicos na abordagem sobre a juventude: a perspectiva funcionalista do ciclo de vida, a perspectiva conflitualista das gerações e a perspectiva biográfica. Na primeira, a juventude é vista como uma das quatro etapas da vida – infância, juventude, vida adulta e velhice, a principal referência deste enfoque são os estágios de desenvolvimento, com vínculos na psicologia evolutiva, e o ciclo de reprodução familiar. O interesse é interpretar as especificidades do desenvolvimento do jovem e a relação entre os pais e filhos em contexto social da modernidade, da industrialização e urbanismo.

Na perspectiva geracional ou conflitualista, a juventude é entendida através do conflito entre as gerações de jovens e adultos, cujos jovens representariam os valores assimilados pelo desenvolvimento social e pelo progresso, enquanto os adultos e anciãos representariam os valores assimilados pela tradição e pelas raízes identitárias. Essa perspectiva tem como base quatro aspectos: a descrição das rupturas, onde as gerações seriam as condutoras das mudanças sociais; a proposta de diferenciação das culturas juvenis, arraigada nas teorias da reprodução cultural ou no enfoque da cultura de massas, tomando a cultura juvenil enquanto confrontação alternativa, individual ou coletiva; a hipótese em torno do narcisismo dos jovens, englobando as teorias do radicalismo dessa fase, envolvendo termos como contracultura, antiautoritarismo e comunitarismo; a consideração da juventude positiva, vista como fase larga e prolongada de criatividade e permanência na subcultura juvenil, como nova maneira de viver o individualismo.

Já na perspectiva biográfica, a juventude é vista perante a concepção de itinerário e trajetória, indo desde a emergência da adolescência física até a aquisição da emancipação familiar plena, processo que termina com o acesso a um domicílio próprio e independente. Parte do princípio que o ator social, no caso o jovem, é sujeito histórico e protagonista de sua vida, articulando de forma complexa as eleições racionais, as emoções, as construções sociais, culturais e as estratégias de futuro. Baseia-se em três vetores da sociologia: estrutura, ação institucional e ator, isto é, enfoca a trama biográfica dos jovens num estudo longitudinal. Nessa perspectiva, há critérios definidores, onde a transição é vista enquanto articulação complexa de processos de formação, inserção profissional e emancipação familiar. O processo

emancipatório se constrói socialmente em um marco sociopolítico determinado, configurando um sistema político de transição que, por sua vez, é sociohistórico e geopolítico.

Para Machado Pais, há duas grandes tendências na abordagem dessa temática. Uma, cuja juventude é entendida como um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, buscando aspectos mais uniformes e homogêneos formado por uma cultura juvenil. Nessa perspectiva, encontramos mais unidade do que diversidades e desigualdades naquilo que chamamos de “juventude”. E outra, onde a juventude é tomada como um conjunto social diversificado, formado por diferentes culturas juvenis, levando em consideração as diversas situações sociais e permitindo sua compreensão em seus aspectos mais coesos ou mais diversificados. Essas tendências circunscrevem correntes teóricas diferentes, respectivamente corrente geracional e corrente classista.

Para além de toda e qualquer definição e classificação dos estudos sociológicos acerca da juventude, há, a princípio, o debate de como os problemas sociais evidenciando realidades pré-construídas passam a se constituir em objeto sociológico, ou seja, é preciso entender como a juventude torna-se mais do que um problema social em um problema sociológico. Para compreender tal processo, Remi Lenoir (1998) expõe que os princípios de classificação, inclusive a idade, referem-se sempre a fundamentos sociais contextualizados no tempo e no espaço, que passam pelas etapas de reconhecimento e legitimação do “problema” enquanto tal. A juventude é vista como categoria delimitada pelo estado das relações de forças entre as classes e, em cada classe, pelas relações entre as gerações, englobando a distribuição do poder e dos privilégios.

Compreendemos a juventude enquanto noção construída social e culturalmente, variável de acordo com os contextos social, histórico, econômico e cultural em que é formulada. A juventude é, assim, uma condição liminar, dependente, relacional, sustentável, com caráter simbólico e de representação, entendida para além do tempo, no sentido de ser englobante não apenas das relações intergeracionais, mas agrupando também as experiências. Entendemos, como já ressaltado por diversos autores – como, por exemplo, Marília Sposito (2003), José Machado Pais (1993), Abramo (1994), Camacho (2004) –, que a juventude não se traduz como um conjunto social homogêneo e único, respeitando-se a diversidade das culturas juvenis.

Sposito (2003), ao abordar a temática da juventude, remete-se a Abad ressaltando a importância de fazer a distinção entre condição juvenil e situação juvenil. A condição juvenil seria a forma como a sociedade constitui e significa esse momento do ciclo da vida. A situação juvenil, por sua vez, corresponderia aos diferentes percursos experimentados pela

condição juvenil a partir dos mais diversos recortes: classe, gênero, etnia, origem rural ou urbana.

Em estudo recente, conhecido como Estado da Arte³, Sposito (2009), no primeiro capítulo do primeiro volume, enfatiza como o tema da juventude ganha visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da interação de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Explicita, como os segmentos juvenis entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país. Dentre os temas mais frequentes de acordo com as áreas, observa-se na Educação os estudos voltados para as trajetórias escolares dos jovens; nas áreas Ciências Sociais, Serviço Social e mesmo Educação, temas relacionados às desigualdades sociais extremas e aos processos de exclusão, incluindo questões referentes à violência, mídia, grupos juvenis e jovens negros, têm grande destaque. Chama atenção, ainda, que as investigações sobre a juventude não se desligam das interrogações mais amplas sobre a vida social, onde o avanço nos estudos sobre os jovens (“compreendendo o que o jovem faz com o que fazem dele”) poderá favorecer o desenvolvimento de novos conhecimentos dos processos sociais que afetam a sociedade como um todo.

Atualmente, muitos pesquisadores vêm analisando os impactos sobre o ciclo de vida, em especial sobre os jovens, buscando entender como as instituições encarregadas da socialização das novas gerações sofrem os efeitos dos processos de mudança que alteram as relações entre adultos e jovens nos últimos 50 anos. Uma das questões mais importantes derivadas dessas mudanças remete a tentar compreender quando começa ou termina a juventude?

Para analisar a juventude em seus aspectos mais diversos e desiguais, emergem os estudos sobre transição para vida adulta. Esses estudos ganham visibilidades em decorrência das transformações na família, na sexualidade e no ciclo da vida, onde começa a ocorrer a descristalização das etapas da vida, não havendo mais linearidade nas trajetórias.

Diante dessas mudanças, buscamos compreender a juventude em sua diversidade, seus pertencimentos sociais, privilegiando a dimensão espacial na constituição da experiência juvenil. Nessa perspectiva, torna-se necessário delimitar a nossa posição de análise dos processos de socialização dos jovens, entendendo-os em seus múltiplos pertencimentos

³ “Estado de Arte” ou “Estado do Conhecimento” é um esforço sistemático de inventariar e fazer balanço sobre aquilo que foi produzido em determinado período de tempo e área de abrangência. O Estado da arte, em questão, refere-se a um balanço da produção de conhecimentos discentes nos programas de pós-graduação no campo dos estudos sobre juventude de 1999 até 2006 nas áreas Educação, Ciências Sociais (Antropologia, Ciência política e Sociologia) e Serviço Social.

(escola, trabalho, família, igreja, etc.). Para isso, faz-se necessário debruçarmos sobre os estudos da transição para a vida adulta.

1.2 Transição para a vida adulta

Nos estudos da transição para a vida adulta como objeto da sociologia, a juventude é entendida como uma determinada fase da vida, isto é, é um conceito construído em relação a outros conceitos das idades da vida, sendo o período que se interpõe entre a infância e a vida adulta.

Inicialmente, a classificação dos indivíduos em diferentes categorias de idade presumia um modelo linear de desenvolvimento, marcado pela passagem por diversas etapas ordenadas em uma sequência lógica. Essa sequência pautava-se, para além do avançar gradual da idade, na compreensão do adulto como aquele que atinge um estado de maturidade física e emocional suficiente para ser encarado como independente econômico e afetivo, em relação à família de origem. De acordo com Stenner e Marshall (1999), esse modelo linear ficou conhecido como modelo da psicologia desenvolvimentista, servindo de base para vários estudos sobre juventude, tanto da Biologia quanto da Psicologia, que hoje vêm sendo contestados pela Sociologia.

Os processos de transição que marcam o curso da vida estão sujeitos a definições culturais que são determinados pelo grupo social e o tempo histórico ao qual pertence. Do ponto de vista sociológico, Lenoir (1998) expõe que na manipulação das classificações em termos de idade o que está em questão é a definição dos poderes associados aos diferentes momentos do ciclo da vida, sendo que a amplitude e o fundamento do poder variam segundo a natureza das implicações (peculiares a cada faixa ou a cada geração de faixa) da luta entre as gerações.

A transição pode ocorrer de múltiplas formas em decorrência do sexo, da classe social de origem, da família, da etnia, da religião, do grupo etário ao qual o indivíduo pertence e acreditamos que do território pertencente. Assim, o importante para o sociólogo é analisar como ocorre ou não a inserção social dos indivíduos no interior dos grupos sociais, buscando entender as relações de forças entre as gerações e entre as classes sociais, bem como as representações dominantes das práticas legítimas associadas à definição de uma faixa etária.

Ou seja, o importante não é definir quem é ou não jovem, mas descrever o processo pelo qual os indivíduos são socialmente designados como tais (PEREGRINO, 2010).

Na tentativa de contextualizar os estudos sobre a transição para a vida adulta, recorreremos à tese de Melissa Pimenta (2007) que traça um balanço sobre tais estudos desenvolvidos na Europa.

1.2.1 Panorama das transições no contexto europeu

A preocupação com o processo de transição para vida adulta teve início na sociologia europeia no final da década de setenta, centrando-se principalmente na passagem da escola para o trabalho. Pimenta (2007), fazendo um panorama desses estudos, aborda dois autores clássicos: Claude Chamboredon e Oliver Galland, e os estudos da equipe de pesquisadores denominada EL GRET (Grupo de Recerca Educació i Treball).

Chamboredon apud Pimenta (2007) foi um dos primeiros sociólogos a apontar a existência de “uma nova fase da vida” distinta da adolescência e da vida adulta, como consequência de um conjunto de fatores estruturais. Dentre esses fatores, explicitava: a extensão do período de formação ligado à generalização e ao prolongamento da escolarização; a extensão do período de transição entre a escola e o mercado de trabalho; a extensão do período de transição da família de origem para a família de procriação, com retardamento do matrimônio e do nascimento do primeiro filho. Para além desses fatores estruturais, apontava que esse período é o resultado da luta intergeracionais, defendendo que a delimitação de idades da vida é uma estratégia empregada pelas diferentes gerações na luta para estabelecer posições sociais.

Posteriormente, Galland apud Pimenta (2007) analisa as condições sociais sob as quais a transição se processava na França, bem como as estratégias e representações que a acompanhavam. Baseou-se no modelo “tradicional” de transição, pautado em três eventos socialmente significativos: início da vida profissional, matrimônio e abandono da família de origem. Esse modelo se consolidou após a Segunda Guerra Mundial, caracterizando-se por uma “relativa sincronia” da passagem por essas etapas. Partindo do ponto de vista biográfico, Galland buscava integrar os três aspectos e perceber diferentes combinações e modelos específicos de transição segundo o gênero e a origem social.

Já em 1984, Galland começa a observar um período de “indeterminação” marcado pelo “atraso” na passagem das etapas tradicionais e progressiva “dessincronização” dessas etapas. Entretanto, não era um fenômeno generalizado e estava associado à origem social e ao nível de formação educacional atingido. Continuando com esses estudos na década de 1990, evidenciou mudanças significativas nas idades médias das passagens pelos marcos de transição, apontando para o chamado “prolongamento da juventude”, onde o modelo “dessincronizado”, pelo menos na França, já podia ser observado em todas as classes sociais e com mais frequência entre pessoas ocupadas do que entre estudantes.

O aspecto que mais recebeu destaque em relação às mudanças observadas no processo de transição para a vida adulta foi a “dessincronização” das etapas, onde passaram não apenas a ocorrer mais tarde, mas desconectadas umas das outras, gerando uma série de modos intermediários de vida, o que segundo o autor, favoreceu o surgimento da “pós-adolescência”.

Em 1997, Galland propôs um novo modelo, no qual as novas fases intermediárias foram denominadas: a primeira etapa vai do final da escolaridade obrigatória até a saída da casa dos pais, chamadas de “pós-adolescência”; a segunda denominada “juventude” corresponderia ao período entre o abandono do lar familiar e a formação de um casal, em que o (a) jovem já saiu de casa, é independente da família de origem e se é solteiro (a); e a última conhecida como “pré-adulta”, remeteria ao período que vai da formação de um casal ao nascimento de uma criança, quando o estado adulto seria atingido.

Na hipótese do autor, as transformações no modelo tradicional seriam resultado das modificações profundas no modelo de socialização, onde ocorreu a passagem de um modelo de identificação baseado no processo de transição, sem alterações, de estatutos e valores relativamente estáveis, de uma geração para a outra, a um modelo de experimentação no qual a definição de si não é herdada, mas construída.

Uma das críticas de Pimenta (2007) ao modelo proposto por Galland remete ao fato do modelo “dessincronizado” ser um modelo linear de desenvolvimento, baseado numa perspectiva unidirecional que obedece a uma sequência lógica que vai de uma situação de imaturidade e dependência (adolescência) a um estado final de maturidade e independência (vida adulta). Além disso, ressalta a importância de encerrar a transição para a vida adulta não como um processo que se desenvolve à revelia dos sujeitos, mas que depende, em grande parte, das escolhas e orientações que cada jovem dará a sua trajetória.

Desde 1985, EL GRET (equipe de pesquisadores ligados ao Departamento de Sociologia da Universidade Autônoma de Barcelona) vem desenvolvendo pesquisas sobre a transição centradas nos itinerários de inserção social e profissional dos jovens catalães.

Partem da constatação de que os cidadãos são classificados segundo determinadas fases, estudos ou etapas delimitadas institucionalmente de acordo com um intervalo etário, sendo “atores sociais tangíveis, determinados por fatores externos (sociais e contextuais) e internos (psicológicos e identitários)”.

Segundo Casal et al. (2002), integrante do GRET, as dimensões fundamentais de seus estudos sobre transição remetem aos seguintes pressupostos: a realidade juvenil determinada por processos de transições desiguais, dependente dos contextos estruturais, históricos e culturais específicos em que os jovens estão inseridos; a transição sendo também um processo biográfico, marcado por momentos “chaves” que determinam as histórias de vida juvenis e são significativos, uma vez que podem implicar mudanças de posição social em relação ao grupo familiar de origem; a transição como complexo encadeado “entre idades coortes e períodos que permitem identificar mudanças e fenômenos emergentes nas situações sociais dos jovens”. Compreendendo, nesse caso, coorte como um grupo de cidadãos classificados segundo o ano de nascimento, cujas principais características são a quantidade de nascidos em um ano determinado e o local de nascimento. Já os períodos, como um espaço de tempo ou conjunto de anos agrupados de acordo com a situação política, econômica, social e cultural que têm determinados efeitos sobre a população.

Pimenta (2007) ressalta como, nos estudos do GRET, o conceito de itinerário ou de trajetória insere-se no de biografia e corresponde a uma sequência estruturada de sucessos e resultados de ordem familiar, educacional, laboral, cultural e de perspectivas para o futuro, que situam as escolhas e as ações dos sujeitos, estabelecendo uma relação entre a posição social e as realizações alcançadas por eles. Isso possibilita analisar as trajetórias num nível microssocial, a partir de uma perspectiva diacrônica, integrando ações dos sujeitos e contexto global de condicionantes sociais, econômicos e culturais, saindo do viés classista e incluindo uma negociação com outros atores sociais.

Uma das contribuições dos teóricos do GRET encontra-se na prerrogativa de não atribuir uma única causa ao “atraso” na conquista da emancipação ou ao denominado “prolongamento da situação juvenil”, explicitando os múltiplos fatores que interferem nas posições e expectativas dos jovens.

Além dos estudos citados, vários outros⁴ contribuíram, desde a década de 1980, no contexto europeu, para evidenciar como as mudanças, referentes à ampliação do acesso à

⁴ Outros estudos sobre a transição para a vida adulta, também citados por Pimenta (2007), que abordam e enriquecem a temática no contexto europeu: EGRIS (European Society for Regional and International Social Research – rede de pesquisadores europeus que a partir de 1993 começaram a realizar análises comparativas que transcenderam horizontes regionais e nacionais); Calvo (2001).

escola, ao aumento da demanda por trabalhadores qualificados, à maior participação das mulheres no mercado de trabalho, ao crescimento do desemprego, em especial os juvenis, aos novos padrões de relacionamento familiar e à redução de apoios estatais, vêm afetando as transições para a vida adulta nas últimas décadas.

Ser jovem e tornar-se adulto na França é diferente do que ocorre na Itália, na Alemanha, na Espanha e, certamente, no Brasil.

1.2.2 Transições para a vida adulta no contexto brasileiro

Uma das grandes dificuldades em abordar a questão da transição remete a própria delimitação da condição juvenil. Como explicita Caccia Bava Jr. (2004), os limites estabelecidos pela legislação brasileira entre criança, adolescente e jovem acabam por obscurecer e criar obstáculos ao estudo da categoria social dos jovens, uma vez que os identificam como grupo de indivíduos em condição homóloga de existência à adolescência, nos aspectos bio-psíquicos e jurídicos. Mello (2005) também ressalta como a legislação e as políticas públicas, ao se basearem em limites que se sobrepõem, tendem a tomar como sinônimas adolescência e juventude, tratando como homogêneos segmentos populacionais com especificidades e demandas diferenciadas.

Rogério Costanzi (2009) explicita que, se por um lado, a Constituição da República Federativa do Brasil determina os 16 anos como a idade mínima para o trabalho, admitindo, a partir dos 14 anos, apenas o trabalho na condição de aprendiz⁵; por outro, a atual política nacional para a juventude definiu que a faixa etária para sua atuação é dos 15 aos 29 anos.

Poderíamos citar vários exemplos de contradições na delimitação da condição juvenil referentes à nossa legislação, dentre eles, o já exposto por Pimenta (2007); a contradição entre não empregar o menor de 16 anos e poder interná-lo na antiga FEBEM (Fundação Estadual de Bem Estar do Menor – Instituição de recolhimento de adolescentes e jovens entre treze e dezoito anos de idade), atual Fundação Casa; em poder votar, mas não ser representado politicamente, pois a idade mínima para a elegibilidade dos cidadãos é de dezoito anos.

⁵ O Decreto 5.598/2005, que regulamenta a contratação de aprendizes, define aprendiz como “todo trabalhador com idade entre 14 e 24 anos e que celebra contrato de aprendizagem como um contrato especial de trabalho”, segundo o qual “o empregador deverá fornecer ao aprendiz formação técnico profissional compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico”.

Uma das especificidades de nosso país é a desigualdade que perpassa diferentes âmbitos, marcando de forma bem direta as mudanças que afetam a transição para a vida adulta. Assim, no Brasil, encontramos múltiplas trajetórias juvenis, não apenas pelos distintos constrangimentos sociais impostos pelas condições do acesso à educação e ao mercado de trabalho, mas também pelo contexto histórico, socioeconômico e espacial que diferencia nosso país dos países europeus, por exemplo.

No Brasil, o tema transição não tem sido objeto privilegiado de investigação, apesar de nos últimos 10 anos o tema da juventude vir ganhando maior abrangência. As problemáticas que vêm impulsionando os estudos mais recentes sobre a transição, segundo Pimenta (2007), remetem, em primeiro lugar, ao prolongamento da condição juvenil, marcado por trajetórias escolares prolongadas, maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho, aumento das idades médias da primeira união e do nascimento do primeiro filho e, conseqüentemente, maior período de permanência na casa dos pais. Em segundo, encontram-se os condicionantes socioeconômicos interpretados a partir das variáveis de gênero, raça, grau de escolaridade, ocupação e renda. Além é claro, dos conflitos existentes entre as aspirações juvenis sem o acompanhamento das condições reais dadas pela sociedade.

Neste sentido, os estudos realizados por Camarano et al. (2006) apontam a necessidade de rompermos com a visão da transição para vida adulta enquanto percurso linear que atribui um caráter de instabilidade à juventude em oposição à estabilidade da vida adulta, ou seja, é como se os jovens estivessem sempre se preparando para alcançar a autonomia e os adultos fossem um status de maturidade sempre estável. Ressalta como as mudanças observadas no processo de transição podem ser explicadas, de modo geral, por duas ordens de fatores que acontecem nas esferas da escola, do trabalho e da família. A primeira, de ordem pública, envolve o aumento da escolarização e as dificuldades crescentes de inserção profissional dos jovens. A segunda, de natureza privada, deriva da desvinculação entre atividade sexual e união conjugal, e entre união conjugal e parentalidade, apontando para uma flexibilização nos padrões de relacionamentos afetivos e familiares. Expõem, ainda, como em nosso país os processos convencionais de transição marcados por sequências lineares estão convivendo com formas “dessequeenciadas”/não-lineares e, por vezes, caracterizadas por trajetórias reversíveis.

Nos estudos realizados por Camarano et al. (2004) e Arruda (2004), baseados nas PNADs⁶, de 1981, 1982, 2001 e 2002, observamos a tendência ao aumento relativo das idades

⁶ Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que apresentam indicadores sobre frequência escolar, acesso ao mercado de trabalho, natalidade, fecundidade e mortalidade, bem como ocupação, renda e situação familiar.

médias em que se realizam alguns eventos tradicionalmente utilizados para marcar a passagem para a vida adulta. Dentre as tendências observadas destacam-se: a diminuição da taxa de atividade masculina, incremento das taxas de participação das mulheres jovens com mais de 18 anos e expressiva elevação das taxas de desemprego. Em 2002, 47,7% dos desempregados, no Brasil, eram jovens e acompanhando essa queda da participação economicamente ativa (PEA) dos jovens houve um aumento no número dos que não estudam e nem trabalham ou só estudam e não trabalham.

Com relação à expansão da escolarização, podemos observar como a “universalização” da escola pública com a entrada das classes populares, principalmente a partir da década de 90, é marcada por uma mudança do “perfil” da instituição educativa. Uma de suas características é “fazer mais com menos”, uma vez que se promove maior acesso às escolas (muitas vezes se prolongando a “estadia” dos jovens) sem, contudo, mudar a desigualdade na distribuição dos seus benefícios, ocasionando inúmeras transformações, seja através da circunscrição de seu âmbito de ação às fatias de inserção mais precária na dinâmica institucional, ou pela fragilização de sua estrutura (PEREGRINO, 2006). Entretanto, essa expansão não vem ocorrendo de maneira degradada somente no Brasil; pois, como aponta Fanfani (2000), esse processo refere-se na América Latina à massificação dos sistemas de ensino.

Dessa forma, a expansão da escola pública no Brasil tem implicado na modificação gradativa da dinâmica institucional, aonde a escola vem perdendo paulatinamente seu caráter de socialização em detrimento da retenção e circunscrição da pobreza. No quadro dessa expansão, alguns efeitos já foram identificados e destacados por Eveline B. Algebaile (2004) e Mônica Peregrino (2006), dentre eles:

- Utilização das instituições escolares com atribuições estranhas ao âmbito “escolar”. Especificamente, utilização da escola como posto avançado do Estado, expandindo suas funções, num quadro de fragilização de suas tarefas “clássicas”.
- Desinstitucionalização da escola, com perda de sua capacidade de autorregulação, traduzindo-se em perda de sua autonomia enquanto instituição tanto em termos de produção, validação e distribuição de conhecimento, quanto em termos de socialização de sujeitos sociais.

Mas, essas tendências muito gerais não configuram um processo unívoco. Por um lado, os efeitos da expansão escolar sobre os diferentes segmentos, sobre os diversos sistemas

de ensino, sobre as localidades, e até sobre as unidades escolares, não revelam o mesmo impacto (PEREGRINO, 2008a).

Roberto Gonzalez (2009)⁷, apresenta a evolução das políticas de emprego para a juventude no nível do governo federal no período de 2003-2008. Evidencia, dentre outras coisas, que o prolongamento de escolarização não implicou adiamento da entrada no mercado de trabalho (ampliação da simultaneidade escola e trabalho); dedicar-se exclusivamente ao estudo na adolescência (15-17 anos) e assumir um posto de trabalho na etapa seguinte (18-24 anos) é uma realidade para poucos: metade dos homens e um terço das mulheres; a probabilidade de dedicar-se integralmente ao estudo cresce conforme renda como também diminui a probabilidade de inativos entre ambos os sexos; os postos de trabalho ocupados pelos mais jovens são aqueles com menores exigências de qualificação e de pior qualidade. Sintetizando, ressalta como a inserção dos jovens brasileiros no mundo do trabalho se dá de forma precária e difícil, pois além de serem os mais desfavorecidos pelas mudanças no mundo do trabalho, também reproduzem em si as desigualdades de gênero e de renda presentes na população como um todo.

Em análise que discute a relação para com o trabalho de jovens da periferia de São Paulo, Carla Corrochano (2008) aborda como nessa nova fase do trabalho permite-se maior acesso territorial, porém sem permanência ou reais vínculos. No Brasil, segundo Corrochano, é principalmente a partir do início dos anos 2000 que as temáticas do emprego e, sobretudo, do desemprego e da juventude aproximam-se e ganham a cena pública, mobilizando a construção de respostas por parte do Estado. Assim, tanto as incipientes políticas de geração de trabalho e renda, quanto as políticas de juventude, passam a fazer parte de uma agenda que considera o desemprego e os jovens como problemas políticos, ou seja, categorias sociais passíveis de uma intervenção específica do Estado.

Gisela Tartuce (2007), tratando o problema da transição escola-trabalho na sociedade brasileira, especificamente no caso de São Paulo, ressalta as tensões e intenções que regem essa transição em um contexto de crescente demanda por escolaridade e formação e, simultaneamente, de decrescente possibilidade de absorção pelo mercado de trabalho de parcelas não desprezível da população jovem. Evidencia que a busca de qualificação e de inserção no trabalho é encarado pelos jovens como processo de aquisição de experiência, sendo experimentado de maneiras muito diferentes: “medo de não se inserir”, “parada no

⁷ Os dados referem-se ao Capítulo Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída?. In: Juventude e políticas sociais no Brasil / organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília: Ipea, 2009.

tempo”, período “sofrido”, ou como parte de seu processo de qualificação para a aquisição de ganhos futuros de acordo, dentre outros, com sua inserção social. Demonstra como nessa busca por qualificação transfere-se para os indivíduos a responsabilidade de se “tornarem” empregáveis e “gestores” de sua própria trajetória. Assim, podemos perceber que “qualificação”, essa busca incessante por melhorar e acrescentar o currículo, estaria funcionando para todos os jovens como gerador de “expectativa de inserção”, uma vez que teoricamente só dependeria deles o sucesso ou o fracasso. (PEREGRINO, 2010)

O que podemos observar, com os estudos sobre a transição para a vida adulta, realizados no Brasil, é que estes expõem uma pluralidade de situações vividas e uma multiplicidade de possíveis trajetórias, demonstrando uma heterogeneidade das condições em que vivem os jovens em relação à escolaridade, inserção no mercado de trabalho, à conjugalidade, à parentalidade e à situação em relação à família de origem.

Entendemos transição, assim como aponta Melissa Pimenta (2007), como um sistema complexo que articula uma pluralidade de trajetórias diferentes, intimamente interligada e que se influenciam mutuamente, sendo compreendida não apenas como a passagem da escola para o trabalho, mas como um processo relacional entre trajetórias escolares e laborais, afetivas e familiares, as quais conformam o processo de fazer-se adulto.

Nesse sentido, a importância dos estudos das transições, como já apontado por vários pesquisadores, reside principalmente no fato de ser nesse momento particular da biografia dos sujeitos que se articulam as principais transformações e determinantes da posição social futura, comungando a formação escolar e a obtenção de títulos, os êxitos ou fracassos na consolidação de uma vida profissional, o estabelecimento das relações de casal, bem como variações e/ou determinações nascidas da relação com o grupo de iguais, dos referentes da ação e dos valores.

Buscando compreender a relação entre juventude e território faz-se necessário delimitar o que entendemos como território.

2 TERRITÓRIO

As Ciências Sociais e especialmente a Geografia têm realizado uma profunda reavaliação sobre o conceito de território a partir de suas múltiplas manifestações.

2.1 Panorama de como vem sendo tratado o conceito de território

Marcos A. Saquet (2007) faz um panorama histórico das abordagens sobre o conceito do território através da relação da ciência Geografia e do envolvimento de outras ciências sociais (especialmente a Sociologia) e da Filosofia, a partir dos anos 1950-1960 até os dias atuais. Mapeia em quatro tendências principais os estudos e debates sobre o(s) método(s) de abordagem e sobre o conceito de território: uma centrada na discussão teórico-metodológica, a partir das obras de Dematteis, Vagaggini/Dematteis, Deleuze/Guattari, Quaini, Bagnasco e Raffestin; outra pautada na compreensão da dimensão geopolítica do espaço, como fazem Gottmann, Soja e Raffestin/Guichonnet; outra, ainda, voltada à explicação do desenvolvimento territorial, da reestruturação do capital e de movimentos sociais, a partir dos estudos de Muscarina, Bagnasco, Magnaghi, Becattini, Dematteis e de Indovina/Calabi; e, uma quarta, semiológica, com Eco entre outros.

A partir desses outros autores e obras, Saquet (2007) identifica e caracteriza quatro perspectivas de abordagem do território que se sucedem no tempo histórico e coexistem em algumas situações, momentos e períodos: uma, eminentemente econômica, sob o materialismo histórico e dialético, na qual se entende o território a partir das relações de produção e das forças produtivas; outra, pautada na dimensão geopolítica do território; a terceira, dando ênfase às dinâmicas políticas e culturais, simbólico-identitária, tratando de representações sociais, centrada na fenomenologia; e, a última, que ganha força a partir dos anos 1990, voltada às discussões sobre a sustentabilidade ambiental e ao desenvolvimento local, tentando articular, ao mesmo tempo, conhecimentos e experiências de maneira interdisciplinar.

O autor ressalta, ainda, a necessidade de superar as concepções simplistas que compreendem os territórios sem sujeitos sociais ou esses sujeitos sem territórios, e apreender

a complexidade e a unidade da vida, de maneira (i) material, ou seja, as interações no e com o lugar, objetiva e subjetivamente, sinalizando para a potencialização de processos de desenvolvimento. Devemos então considerar as dimensões sociais e materiais da constituição do território, a multiplicidade (tempos históricos e coexistentes; a relação espaço-tempo) e componentes relevantes, como as relações de poder, as redes de circulação e de comunicação, e a constituição de identidades simbólico-culturais, que auxiliam na produção (i) material de descontinuidades do território e da territorialidade cotidiana.

Haesbaert (2004) esclarece, que desde a origem o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo da terra-territorium quanto de terres-terror (terror, aterrorizar), assim seu significado tinha a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo. Para os que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira identificação (positiva) e efetiva “apropriação”. Nesse sentido, concordamos com a distinção feita por Lefebvre (1986) entre a apropriação, como processo simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, e a dominação (“possessão”, “propriedade”) como processo mais concreto, funcional e vinculada ao valor de troca.

Compreendemos que o território carrega toda a complexidade com que se constroem relações de poder, seja este centralizado e identificável das instituições formalizadas ou mais sutis, invisível e simbólico do imaginário e das representações dos diferentes grupos culturais. Dessa maneira, o território é como aponta Rogério Haesbaert (2007) construído no jogo do material e imaterial, funcional e simbólico, visto através da perspectiva que valoriza as relações e os processos (território num sentido relacional e processual), as múltiplas temporalidades e velocidades nas quais são construídos e por meio da conjugação entre ou num *continuum* que se estende desde o território mais funcional até o mais simbólico. Toda a identidade cultural é espacial na medida em que se realiza através do espaço, mas nem toda identidade é territorial, pois, como explicita Haesbaert, “identidade territorial só se efetiva quando um referente espacial se torna elemento central para a identificação e ação política do grupo”.

Para o presente estudo, partiremos da concepção de território que se aproxima do proposto por Saquet (2007), onde este “só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com outros indivíduos; relação, reciprocidade e unidade; significa territorialidades”, havendo movimento do pensamento e no pensamento do território e no território; unidade de cada território e entre os territórios.

Dessa maneira, o território pode ser pensado “como um texto num contexto, como lugar articulado a lugares, por múltiplas relações, econômicas, políticas e culturais”. No caso, debruçaremos sobre o território da cidade, especificamente sobre o Município de São Gonçalo.

2.2 Pensando o território da cidade

A Escola de Chicago foi a pioneira no que se refere a tomar a cidade como seu objeto privilegiado de investigação. Distinguiu-se pela produção de conhecimentos úteis para a solução de problemas sociais concretos que a cidade de Chicago enfrentava, tais como: problemas de imigração, crescimento demográfico, delinquência, criminalidade, conflitos étnicos, seus guetos de diferentes nacionalidades geradoras de segregação urbana, sua concentração populacional excessiva e suas condições de vida e de infraestrutura precárias.

O que se desenvolveu na Universidade de Chicago, no início do século XX, foi uma sociologia da ação voltada para compreensão e combate dos problemas impulsionados por tais fenômenos. O empirismo que marcava a abordagem da Escola que transformava a cidade de Chicago em um "laboratório social" resultava do interesse de buscar soluções concretas para uma cidade caótica, marcada por um intenso processo de industrialização e de urbanização, que ocorreu na virada do século XIX para o XX.

De maneira bem simplória, podemos dividir as análises da Escola de Chicago em dois momentos: primeiro, onde a cidade é vista como entidade física em um esquema de cidade material, buscando encontrar padrões/diagramas e cuja normatividade é dada, focando no comportamento divergente; num segundo momento, o foco é na interação social, numa perspectiva mais relacional, a normatividade passa a ser analisada em sua conjuntura e a cidade é vista como um palco, o microcosmo da sociedade. Esses dois momentos correspondem a ideias marcantes observadas na divisão da Escola de Chicago em duas “fases”: a primeira (1915 a 1940) e a segunda, posterior à Segunda Guerra Mundial (1945 a 1960).

Dentre os principais intelectuais e/ou pesquisadores da Escola de Chicago da primeira fase, encontram-se: Robert Park, Ernest Burgess, Louis Wirth que basearam seus estudos nas seguintes teorias: Desorganização social: decréscimo da influência das regras sociais de comportamento sobre os membros individuais do grupo; Ecologia humana: A luta pela

existência entre as espécies na sua relação com o meio ambiente; A ordem ecológica da cidade apresentando-se como o resultado de uma série de processos de interação: competição, conflito, adaptação e assimilação.

Park (1948) propõe uma analogia entre a organização da vida vegetal e a da vida humana em sociedade. Assim, parece-lhe que o comportamento humano seria modelado e limitado pelas condições sociais presentes nos meios físicos e sociais. Foi um dos criadores da Teoria da Ecologia Humana fundamentada em dois conceitos de ciência natural: simbiose e invasão, dominação e sucessão, baseados na perspectiva de vida coletiva como um processo adaptativo consistente da interação entre meio ambiente, população e organização.

Burgess (1948) propõe a Teoria das Zonas Concêntricas, que se baseia na divisão de Chicago em cinco zonas concêntricas, as quais se expandem a partir do centro, todas detendo características próprias e constante mobilidade, avançando no território das outras por meio de processos de invasão, dominação e sucessão, buscando relacionar o crescimento espacial da cidade com a sua segmentação social.

Já para Wirth (1928), a cidade deve ser entendida como uma "força" social capaz de gerar, por sua influência, diferentes efeitos na vida social. Acreditava que o estabelecimento de cidades implicava o surgimento de uma nova forma de cultura, caracterizada por papéis altamente fragmentados, predominância de contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento nos laços de família e competição individualista. Assim, em suas análises, a cidade atuava e se desdobrava para além de seus limites físicos, através da propagação do estilo de vida urbano, e tornava-se o lócus do surgimento do urbanismo como modo de vida.

Dentre os autores da segunda fase, destacam-se: Erving Goffman; Howard S. Becker; William F. White; etc. Goffman (2001) estudou a interação social no dia-a-dia e demonstrava como o desempenho dos papéis sociais tem a ver com o modo como cada indivíduo concebe a sua imagem e a mantém. Para ele não há nada de natural na interação com o outro e a sociedade é uma performance. Estudou o que denominou como "instituições totais", lugares onde o indivíduo era isolado da sociedade, tendo todas as suas atividades concentradas e normalizadas, por exemplo, os manicômios, as prisões e os conventos. Dessa forma, abordava a questão do estigma e a manipulação dos sujeitos estigmatizados.

Becker (1977), por sua vez, enfocava como os comportamentos sociais não se podem explicar a partir de esquemas rigidamente estabelecidos, segundo papéis sociais

estereotipados, mas antes pela interação entre sujeitos. O comportamento dos indivíduos só é compreensível a partir das interpretações que cada um faz dos mecanismos de interação social em que se encontra envolvido. Dentre suas pesquisas, encontra-se o estudo sobre os usuários de maconha, no qual ressalta a questão do desvio como algo relacional, pois tanto a normatividade como o desvio seriam construídos.

Um dos autores que mais nos chamou a atenção foi William F. Whyte (2005) em seu livro *Sociedade de Esquina*. Nessa pesquisa, o autor estudou as gangues de esquina, as organizações mafiosas e policiais, a organização política e a estrutura social. Todas elas foram descritas e analisadas em termos de uma hierarquia de relações pessoais baseada num sistema de obrigações recíprocas. Para o autor, estes são os elementos fundamentais com os quais são construídas todas as instituições em Cornerville, comunidade pobre de imigrantes italianos, na realidade o *North End*. de Boston, também conhecida como *Little Italy*. E, ao contrário do que se acreditava, o problema das comunidades pobres do distrito não era falta de organização, mas o fracasso de sua própria organização social em se interconectar com a estrutura da sociedade à sua volta. Daí a explicação para o desenvolvimento das organizações políticas e mafiosas locais.

Whyte buscava compreender essa organização social existente através da narrativa, permitindo-nos acompanhar com clareza os diferentes padrões de interação cujos indivíduos se movimentam e as organizações formais e informais surgem, desaparecem e reaparecem em diversos níveis da hierarquia social. Ao longo do livro, podemos visualizar os meandros de uma cidade marcada por um complexo jogo de interesses, no qual há diferentes tipos de pressões exercidas sobre os policiais, gângsteres e a população local, em suas interações internas e externas.

Mesmos não podendo postular uma unidade teórica marcante, a tradição sociológica de Chicago exerceu, e ainda exerce, influência nas investigações em meio urbano, uma vez que perpassa por seus estudos e torna-se atual a busca pela compreensão do significado da cidade e que significados a gramática do urbano determina no meio social e individual.

Recuperando autores contemporâneos que voltam a dialogar, muitas vezes criticando alguns dos seus pressupostos direta ou indiretamente, com o postulado da Escola de Chicago, encontramos Loic Wacquant (2001), William J. Wilson (1990), Small (2004) e Pierre Bourdieu (1998).

Wacquant (2001) ressalta a importância do território na atualidade em decorrência: das mudanças no trabalho assalariado; da desconexão funcional proveniente de tendências macroeconômicas; fixação e estigmatização territorial; alienação territorial ou dissolução do

lugar. Explicita como a reestruturação do capitalismo com a mudança da era fordista-keynesiana para era pós-fordista causa excessiva dessocialização do trabalho, onde este deixa de ser a referência das experiências socializadoras. Em relação aos efeitos das transformações da desconexão funcional, o autor chama atenção, por um lado, para os macros investimentos da economia mundializada, marcada pela competição sistêmica e instabilidade; por outro, o Estado, que vem implementando mais políticas sociais compensatórias, focalizadas e de inserção, do que políticas de integração.

Outro ponto bem assinalado refere-se à dissolução do lugar, onde Wacquant faz a diferenciação entre lugar e espaço. Lugar corresponderia a uma arena estável, cheia e fixa de emoções compartilhadas, significados conjuntos, práticas e instituições de reciprocidade, havendo acúmulo coletivo. Já os espaços seriam arenas instáveis, “vácuos potenciais”, correspondendo a áreas que devem ser temidas, policiadas ou abandonadas. Hoje estaria ocorrendo a transformação de vários lugares em espaços, pois a desproletarização total de grandes segmentos da população associada ao esvaziamento do meio de sustento coletivo acaba por gerar a mudança no papel do lugar/território, fazendo com que este deixe de ser o “colchão” de proteção. Assim, os bairros dos “excluídos” perdem o amparo coletivo e, para sobreviverem, recorrem às estratégias de sobrevivência como autoabastecimento, trabalho clandestino, comércio informal...

Já Bourdieu (1998) aborda o conceito de distância social, enfatizando o espaço social enquanto exclusão/distinção das posições marcadas por relações hierárquicas. Diferencia espaço físico, referente à localização, do espaço social que remete a uma posição, uma graduação em uma ordem, marcada por relações de proximidade e separação.

Para o autor, o espaço social reificado (fisicamente objetivado) comporta a relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço, cuja relação define o valor das diferentes regiões. No espaço social, os agentes e grupos são distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com dois princípios de diferenciação: o capital econômico e o capital cultural. As distâncias espaciais equivaleriam às distâncias sociais e formariam os diferentes campos. A partir do espaço social, seriam definidas as posições sociais dos agentes, que formariam seu *habitus* (ou disposições) e direcionariam suas tomadas de decisões. Portanto, é no espaço social que o poder exerce sua força em sua forma mais sutil: da violência simbólica como violência despercebida.

Vera Telles (2006) chama atenção que a reestruturação produtiva em curso desde o final dos anos 80, e intensificada nos anos 90, altera o cenário dos atores, redefine as condições da ação coletiva e reconfigura territórios e suas hierarquias no espaço nacional na

lógica transnacional de redes produtivas, rompendo com as antigas definições, ao mesmo tempo em que as formas de emprego são pulverizadas nas trilhas territorializadas das redes de subcontratação. Explícita como no debate sobre o impacto das transformações recentes do capitalismo nas realidades urbanas ganham destaque as formas como as novas lógicas da produção flexíveis, da financeirização da economia e do papel do terciário alteram a organização da “cidade fordista” e produzem rearticulações dos territórios por onde circulam capitais, bens, mercadorias, serviços e populações em situações diversas de emprego, desemprego e exclusão do mercado de trabalho. Devemos, assim, considerar os deslocamentos: da indústria para os serviços, do assalariamento para o trabalho informal, do emprego para o desemprego, do mercado para as atividades domésticas ou para a economia de sobrevivência. Ela nos aponta aqui que a cidade, hoje, deve ser compreendida a partir de outros signos.

Coerente com esse pensamento, a autora nos mostra ainda, como as trajetórias urbanas são pontuadas e demarcadas por situações que podem ser vistas como espaço de condensação de práticas, mediações e mediadores que armam como microcenos descritivas em que esses processos podem ser flagrados. Telles deixa claro que a vida urbana deve ser colocada sob o signo da mobilidade, onde os fluxos migratórios, os deslocamentos espaciais e mobilidades habitacionais, os percursos ocupacionais e suas inflexões no tempo e no espaço, traduzem na escala dos destinos individuais e coletivos a dinâmica das transformações urbanas.

Neste sentido, não podemos deixar de recuperar a perspectiva de Lefebvre (2001) cujo direito a cidade manifesta-se como forma superior de direitos: direito à liberdade, à individualização, à socialização, ao habitat e ao habitar, o direito à obra (atividade participante) e o direito à participação (diferente do direito a propriedade). A vida urbana deveria ser o lugar de encontro, propriedade do valor de uso, inscrição no espaço de um tempo promovido à posição de supremo bem entre os bens, encontrando a sua base morfológica, sua realização da prática sensível.

Nessa direção, concordamos com Cordeiro (2009), ao afirmar que os jovens que praticam a cidade ocupam-na, recriam-na e lhe dão vida, mas acreditamos também que esta é uma via de mão dupla; pois, ao mesmo tempo em que os jovens se apropriam da cidade, são influenciados por seus territórios, incluso na forma como estes experimentam a condição juvenil.

Dessa maneira, as trajetórias precisam ser contextualizadas, onde as redes sociais são localizáveis no tempo e no espaço; pois, como defende Giddens (2003), “o estudo do contexto, ou das contextualidades de interação, é inerente à investigação da reprodução

social”. Além disso, como ressalta Beatriz Figueiras (2007), o lugar, exatamente por sua trama complexa de tempos, técnicas, usos, relações, sentidos e projetos, revela de maneira especial a articulação e imbricação (incessante e permanente) de ordens e escalas de fenômenos distintos, em seus movimentos, processos e realizações sensíveis.

Em nosso país, a juventude pode ser vivida de múltiplas formas que expressam vulnerabilidades ou potencialidades de acordo com a posição social que se ocupa (PEREGRINO, 2008). As desigualdades territoriais, no que tange a fatores socioeconômicos e a oferta de elementos educacionais e culturais, engendram formas diferenciadas de experimentação da condição juvenil. Acreditamos que, para além da condição macro social (englobando questões de classe, sexo, raça), há um “micro-cosmo” que perpassa a escala do território (inserindo conflitos entre frações de classes, estruturas de oportunidades educacionais, de trabalho e disputas internas por aparatos públicos), marcando diferentes e desiguais formas de se vivenciar a juventude.

2.2.1 Dialogando com estudos recentes que abordam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Buscando compreender a ordem socioespacial do Rio de Janeiro, Luiz Cesar Ribeiro (2008), demonstra como a segregação brasileira comporta convivência territorial e segregação social, isto é, explicita como na cidade do Rio as distâncias sociais convivem com a proximidade territorial. Aponta que a relação entre o espaço urbano e o espaço social não é de total homologia, decorrente principalmente das diferenças dos tempos históricos. Aplica os conceitos que Rubens Kaztman (2001) denominou de efeito de vizinhança e Bourdieu (1998) de efeito do lugar⁸, para explicitar como a situação de “coabitação” redobra no território da cidade as relações de dominação que marcam a presença das classes proprietárias e populares no espaço social, fazendo com que os recursos acumulados no espaço urbano potencializem esta dominação.

⁸ Bourdieu (1998), como já apontado, diferencia espaço físico de espaço social, onde o primeiro remeteria a localização, possuindo um sentido de exterioridade com os demais e o segundo indicaria uma posição, uma graduação em uma ordem, num sentido de exclusão e distinção em relação às outras posições sociais. Ressalta que a proximidade física permite que a proximidade no espaço produza seu efeito de facilitar e favorecer a acumulação do capital social. Entretanto, a falta de capital levaria a distância física e/ou simbólica desses bens, prendendo os agentes a um determinado lugar. Assim, o habitat contribui para fazer o hábitus bem como o hábitus para fazer o habitat, uma vez que, a proximidade espacial não é suficiente para aproximar socialmente.

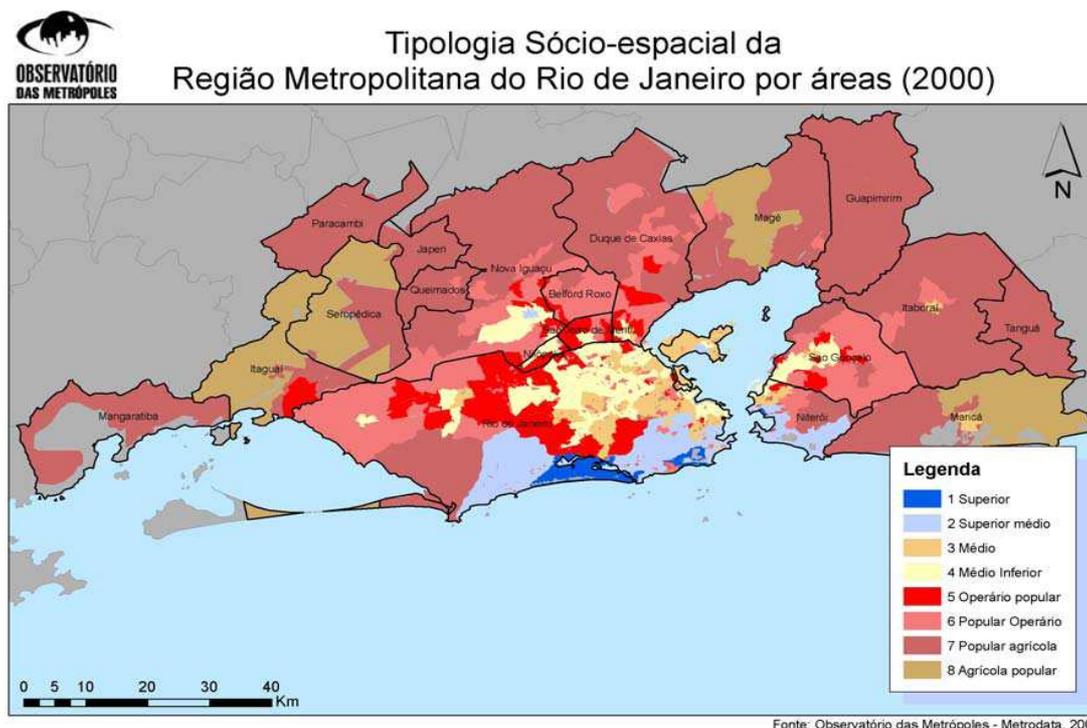
Giovanna A. Catão e Carlos Eduardo Sartor (2001), buscando analisar a dimensão socioespacial das desigualdades na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, evidenciam, dentre outras coisas, como a metrópole fluminense se organiza segundo as distâncias sociais presentes na estrutura produtiva e no mercado de trabalho. Há, assim, uma forte relação entre estrutura social e divisão espacial, sendo um espaço fortemente estruturado segundo a hierarquia sócio-ocupacional.

Já Luciana C. do Lago (2008) aborda os efeitos da crise do trabalho sobre as desigualdades sócio-territoriais na metrópole do Rio de Janeiro, partindo do pressuposto que, nas metrópoles brasileiras, a instabilidade do trabalho e da renda vem sendo acompanhada de uma maior imobilidade social e espacial. Com base nos censos demográficos de 1980, 1991 e 2000, demonstra a heterogeneidade sócio-ocupacional dos moradores na escala intramunicipal e o grau de absorção do mercado de trabalho local, ou seja, expõe o percentual de ocupados trabalhando em seu próprio município de residência.

Os resultados de suas análises, de modo geral, apontam uma forte mudança no percentual e no volume de pessoas que não saíam de seu próprio município de residência na periferia metropolitana, diariamente, para trabalhar: 63% dos ocupados trabalhavam, em 2000, no município em que moravam, o que representava cerca de um milhão de pessoas. Buscando explicar os dados, a autora trabalha com duas hipóteses integradas: a primeira, onde o aumento da imobilidade dos trabalhadores estaria relacionado à expansão da economia informal precária nas áreas periféricas populares, inclusive nas mais distantes do centro, evidenciando uma descentralização econômica “perversa”, ou seja, áreas populares desconectadas dos centros, abrigando uma economia precária de “autossubsistência” (no sentido, da atividade econômica voltada para o mesmo grupo social do trabalhador residente na mesma região). E a segunda estaria relacionada a um maior dinamismo econômico em sub-centros periféricos e conseqüentemente a um mercado de trabalho para os setores médios. Tal dinamismo geraria, ainda, uma economia informal de serviços de baixa qualificação.

Lago destaca, ainda, duas tendências do mercado de trabalho nos anos 1990: o des-salariamento e aumento da renda média mensal. O que ocasiona uma ampliação no poder de consumo a curto prazo e uma redução na capacidade de endividamento a longo prazo por parte dos trabalhadores. Tais tendências, segundo ela, alteram de forma significativa o campo de possibilidades desses trabalhadores se integrarem à cidade: aluguel da casa, longas prestações para compra do imóvel, taxas de água e luz e passagem de transporte são custos permanentes ou de longo prazo que a instabilidade da renda impede, periodicamente, de serem pagos.

Utiliza como base para a análise do padrão de segmentação social do espaço intra-metropolitano do Rio de Janeiro nos anos 90 uma tipologia sócio-espacial referente ao ano de 2000, que classifica de forma hierárquica as 443 áreas em que foi desagregado o espaço metropolitano⁹.



Mapa 1- Tipologia Sócio-espacial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro por áreas (2000)
Fonte: Luciana Lago (2008)

De forma bem interessante, esse mapa evidencia uma nítida segmentação social do território metropolitano, onde ocorre uma “mancha” de perfil superior no entorno da orla das cidades do Rio de Janeiro e Niterói e, conforme se distancia dessa “mancha” há uma hierarquia descendente de tipos sócio-espaciais, o que demonstra um relativo grau de heterogeneidade social seja nas áreas superiores ou nas populares. Ao olharmos especificamente para São Gonçalo podemos observar essa heterogeneidade, sendo um município composto por quatro tipologias: médio inferior, ocupando parte dos distritos de Neves e alguns bairros de São Gonçalo; popular operário, predominante em todo o município;

⁹ Essa tipologia sócio-espacial foi desenvolvida no Observatório das Metrópoles com base nos dados censitários de 2000. Através de uma análise fatorial por correspondência da distribuição das categorias sócio-ocupacionais pelas 443 áreas, seguida de uma classificação hierárquica ascendente, chegou-se a oito tipos sócio-espaciais: Superior, Superior Médio, Médio, Médio Inferior, Operário Popular, Popular Operário, Popular Agrícola e Agrícola Popular. A identificação de tais tipos está fundada na relação do perfil sócio-ocupacional de cada área com o perfil médio da metrópole como um todo. Nesse sentido, a tipologia sócio-espacial contém o grau de homogeneidade social das áreas e de concentração espacial das categorias em cada área. (LAGO, 2008, p. 9)

alguns poucos bairros operário popular nas áreas de indústrias; e um pequeno contingente de bairros popular agrícola, principalmente na parte superior do distrito de São Gonçalo e em algumas localidades de Ipiúba.

Esse mapeamento converge com nossos estudos no que se refere à relação entre espaço urbano e espaço social não haver uma equivalência, uma vez que apesar de São Gonçalo ser o lugar onde “todo mundo se encosta”¹⁰, ou seja, ser um município periférico cuja maior parte da população pertence à classe popular, prevaleceria defasagens e inúmeras desigualdades entre a estrutura urbana e a hierarquia social, decorrentes das diferenças dos tempos históricos de mudanças da sociedade e da forma de ocupação. O que nos leva a indagar até que ponto a proximidade territorial em São Gonçalo implicaria em coabitação, isto é, se a segregação presente nesse município comporta convivência territorial e segregação social, bem como apontado por Ribeiro (2008). Em que medida a dominação pelo poder de segregação manifesto no poder de ocupação implicaria formas diferenciadas de se experimentar a condição juvenil?

Podemos observar, que alguns autores já veem apontando certos impactos que o território exerce sobre os jovens, além do grupo de pesquisa do IPPUR/UFRJ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional) “Observatório das Metrôpoles”, dentre os outros autores que destacam esse aspecto encontram-se: André Ricardo Salata e Maria Josefina G. Sant’Anna (2010) e André Rangel (2010).

Salata e Sant’Anna buscam analisar se variáveis ligadas ao território podem influenciar nas escolhas de jovens do sexo masculino (entre 15 e 24 anos), filhos de chefes de famílias (configurando jovens que não saíram da casa dos pais e/ou tornam-se chefes de famílias ou cônjuge do chefe), moradores da cidade do RJ, entre a escola e o mercado de trabalho. Explicitam o espaço como um possível fator interveniente na definição de trajetórias escolares e profissionais, destacando, dentre outras coisas, que variáveis ligadas ao local de moradia influenciam as decisões dos jovens em dois sentidos. Um, em relação a proximidade com o mercado de trabalho que atuaria no sentido de aumentar a probabilidade de o jovem dividir seu tempo entre estudo e trabalho; o outro refere-se aos efeitos do jovem morar em favela que aumentaria a probabilidade destes não estudar nem trabalhar, de acordo com o universo por eles estudados.

Já Rangel, buscando entender o processo de desfiliação institucional dos jovens moradores da Baixada Fluminense, ressalta como atualmente vem ocorrendo o processo de

¹⁰ Referência à música “Rodo Cotidiano” do Grupo Rappa, analogia feita durante uma conversa nas discussões da pesquisa por uma amiga, Shyrlei Rosendo.

enfraquecimento ou perda dos vínculos dos indivíduos com instituições que exercem um papel fundamental no processo de integração social como a escola, o mercado de trabalho e a família. Destaca que, dentre as variáveis que revelaram poder ser mecanismo que dificultam as possibilidades de integração social por meio da filiação a uma instituição encontram-se: o tipo de trajetória escolar e laboral, o território, a família e o contato com atividades ilícitas.

Em ambos os textos já é possível observar que direta ou indiretamente o território exerce influencia sobre as decisões, as perspectivas e até mesmo sobre as oportunidades incorporadas pelos jovens, devendo ser um elemento a mais em sua análise.

Enfim, ao estudarmos as periferias – São Gonçalo, por exemplo –, temos que levar em consideração a existência da desigualdade dentro da pobreza, sobretudo quando se pensa na desigualdade entre os diferentes territórios de uma cidade. Em outras palavras, não se deve negligenciar a dimensão espacial da desigualdade que se manifesta pelas diferentes modalidades de segregação sócio-espacial, visível através da precária ou mesmo ausência na oferta de infraestrutura, políticas e aparatos públicos (oportunidade de educação, trabalho, vivências culturais, etc.) e privados, que acabam produzindo e reproduzindo limitações, singularidades e até mesmo novas possibilidades de se vivenciar as diversas maneiras de “ser jovem”.

2.3 Pontos de interseção: Juventude X Território

Entendemos que as desigualdades territoriais, no que tange a fatores socioeconômicos e à oferta de elementos educacionais e culturais, engendram formas diferenciadas de experimentação da condição juvenil. Perante as inquietações das novas formas de transições para a vida adulta e de como o território pode estar influenciando nessas transições, emerge a questão central desse estudo: de que maneira as desigualdades territoriais em localidades periféricas, como São Gonçalo, podem expressar, adensando ou não, desigualdades nas formas de se vivenciar a juventude? Quais seriam as mediações impostas ou não pelo território que afetariam o processo de transição para a vida adulta? Será que experimentar a condição juvenil tem o mesmo significado nos diferentes territórios de um mesmo município? Até que ponto o território influencia no acesso: aos bens culturais, à escola, à inserção no mercado de trabalho, ao lazer e à formação de redes?

Buscamos entender especificamente como a dialética da produção do espaço interfere nas formas de se vivenciar a juventude em periferias urbanas; qual importância da escola, da inserção no mercado de trabalho e dos equipamentos culturais na vida dos jovens moradores de um município periférico; o que significa experimentar a condição juvenil nos diferentes distritos que compõe o município de São Gonçalo.

Acreditamos que, teoricamente, apesar desse município ser classificado como periférico, sendo composto principalmente pela classe popular (frações de uma mesma classe), ocorreriam distinções significativas entre os distritos em relação à precária ou mesmo ausência na oferta de infraestrutura, políticas e aparatos públicos (oportunidade de educação, trabalho, vivências culturais, etc.) e privados, que acabariam produzindo e reproduzindo limitações e singularidades.

Nossa hipótese é que morar nos territórios extremos de São Gonçalo influencia a forma como os jovens se reconhecem, se projetam e se apropriam dos espaços da cidade, ou seja, a dimensão territorial torna-se um dos elementos influenciadores (sem cair no determinismo geográfico, longe disso) na construção de suas trajetórias, uma vez que interfere diretamente na sociabilidade, no cerceamento da mobilidade nos espaços da cidade, nos processos de pertencimento, na organização das identidades, etc. Assim, determinados territórios da cidade, especialmente os mais pauperizados, refletem o agravamento das condições sociais e de isolamento, fazendo com que o elo de contato entre esses moradores com o resto da cidade seja extremamente restringido.

3 METODOLOGIA

Para os propósitos deste estudo, buscamos desenvolver uma estratégia capaz de dar conta das dimensões micro e macro sociais da transição para vida adulta dos jovens do município de São Gonçalo e, em particular, da diversidade de aspectos estruturais e territoriais que nela interferem. Utilizamos para tanto o método de estudo de caso, com foco em uma análise exploratória, acerca da importância do território nos processos de transição para a vida adulta, e comparativa, abordando o caso dos quatro distritos extremos de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro.

É uma pesquisa exploratória, pois como ressalta Gil (2002, p.42), nosso objetivo é “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”, visando principalmente “o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

Algumas definições são encontradas pra descrever o método de estudo de caso, dentre elas: “... não é uma técnica específica. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE; HATT, 1969, p. 422). De outra forma, TULL (1976, p. 323) afirma que “um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular” e BONOMA (1985, p. 203) coloca que “é uma descrição de uma situação gerencial”.

YIN (1989, p. 23) afirmava que “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas”. Mas recentemente, esse mesmo autor (YIN, 2001) define o estudo de caso como:

[...] uma investigação científica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidência [...] (YIN, 2001, p. 32-33).

Segundo Cais (1997), o estudo de caso remete à tradição Weberiana cuja perspectiva utiliza um pequeno número de casos definidos de forma teórica, comparando-os de forma global para assim chegar a generalizações modestas sobre origens e resultados históricos. Essa estratégia se desenvolve usando dois tipos ideais, que são elementos de comparação mediante os quais é possível gerar enunciados descritivos e explicativos. “A convicção de Weber é que

a realidade social é tão complexa que é irreconhecível em ausência de interesses teóricos que guiem a construção de tipos ideais” (CAIS, 1997, p. 18). Os tipos ideais ocupam uma posição intermediária entre a singularidade dos eventos históricos concretos e a generalidade das leis. O autor explicita que “não são as generalizações científicas existentes, senão pontos de referência construídos”. Assim, essa estratégia utilizada por Weber, com técnicas qualitativas, é de natureza intrinsecamente lógica e não estatística, sua utilização tem a finalidade de encontrar relações invariáveis e não relações estatísticas ou probabilísticas.

Segundo o mesmo autor, o método comparativo apresenta três características básicas: a) é um método baseado na lógica e não nas estatísticas, isto é, concentra-se nas diferenças e similaridades entre os casos; b) baseia-se na lógica indutiva, na qual implica que não se restringe a uma única metodologia; c) descobre relações entre as variáveis, não sendo um método de medição.

A utilização do estudo de caso comparativo se aplica pela necessidade de compreender qual a incidência ou efeito de pertencer a um distrito específico na forma de se vivenciar a juventude. Dessa maneira, realizamos um estudo de caso no Município de São Gonçalo comparando seus distritos extremos¹¹, de um lado Monjolos e Ipiíba e, de outro, Neves e São Gonçalo, não utilizamos o distrito de Sete Pontes, pois este possui indicadores socioeconômicos intermediários.

Trabalhamos com a estratégia de triangulação de técnicas, uma vez que combinamos análise de dados secundários para contextualizar os diferentes territórios com técnicas qualitativas, especificamente com entrevistas semiestruturadas com quatorze jovens, buscando compreender o papel desses territórios em suas vidas.

Assim, utilizamos como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada, que Triviños (1994) define como:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1994, p. 146)

Já Ludke e André (1986) explicitam à entrevista semiestruturada como “aquela que se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”.

¹¹ Por distritos extremos compreendemos por um lado São Gonçalo e Neves com os melhores indicadores socioeconômicos e educacionais, segundo os dados do censo 2000, além de serem os distritos que agregam o maior número de escolas, hospitais e bens culturais (shopping, cinema, biblioteca...); e por outro Monjolos e Ipiíba apresentando os piores indicadores e maiores déficit de infraestrutura e saneamento básico.

As entrevistas foram gravadas, após consentimento dos sujeitos do estudo, sendo-lhes dada a garantia do anonimato, em um gravador de MP3. Em seguida, foram transcritas e analisadas.

Antes de relatar o caminho trilhado durante a coleta dos dados cabe delinear o nosso lócus privilegiado de observação: o Município de São Gonçalo. Através dos dados levantados no IBGE e na Prefeitura desse município, ainda como bolsista, sendo estes acúmulos da pesquisa “Juventude e Educação no Leste Metropolitano no Rio de Janeiro: as condições de escolarização” e parte integrante de minha monografia¹² podemos realizar um panorama histórico e geográfico de São Gonçalo e seus distritos.

3.1 Caracterização da região estudada: São Gonçalo

São Gonçalo é um município urbano que compõe o Leste Metropolitano do Rio de Janeiro, que por sua vez é composto por 06 dos 17 municípios que formam a Região Metropolitana: Niterói, São Gonçalo, Tanguá, Magé, Itaboraí e Guapimirim. Possui atualmente 92 bairros, originados, em sua maioria, a partir do loteamento de terras que outrora foram fazendas, sítios ou chácaras.

Desde 1943 o município é dividido em cinco distritos (mapa 1): São Gonçalo sede (1º distrito), Ipiíba (2º distrito), Monjolos (3º distrito), Neves (4º distrito) e Sete Pontes (5º distrito) que permanecem até os dias atuais.

¹² “Desigualdades sociais e espaciais na distribuição de equipamentos escolares no Município de São Gonçalo na primeira década do século XXI.”



Mapa 2 – Regiões Administrativas de São Gonçalo
 Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo (www.saogoncalo.rj.gov.br)

Segundo os resultados preliminares do Censo Demográfico de 2010 o município possui 999.728 habitantes¹³, sendo 475.264 homens e 524.464 mulheres. Desse total da população 434.838 declararam ser brancos, 122.964 ser negros e 435.728 ser pardos. Quando observamos os dados referentes ao Produto Interno Bruto, este se encontra dividido em: Valor adicionado bruto da agropecuária a preços correntes 24.862 mil reais (correspondente ao 14º em arrecadação do Estado do Rio de Janeiro); Valor adicionado bruto da indústria a preços correntes 1.368.698 mil reais (referentes ao 14º do estado); e Valor adicionado bruto dos serviços a preços correntes 7.560.448 mil reais (sendo o 4º em arrecadação do estado). Apresenta um PIB a preços correntes de 9.615.568 mil reais, remetendo ao 5º lugar do estado. Percebemos que São Gonçalo reafirma seu papel como cidade “média entre as médias” para a economia Fluminense, assim como já vinha apontando Peregrino (2010).

De maneira geral, ao observarmos São Gonçalo percebemos que é um município marcado pelas contradições, pois ao mesmo tempo em que produz e arrecada muito dinheiro, tendo uma diversificada e complexa estrutura industrial e comercial, apresenta inúmeras deficiências seja em relação à infraestrutura (saneamento básico, água encanada, pavimentação...) ou aos serviços, como: transporte; saúde, educação básica, etc. Outro fato observado é a dispersão das classes e frações de classes pelo território, havendo uma ausência de um bairro de classe média.

¹³ Através do Censo Populacional 2011 observou que a população do município é de 1.008.064, sendo a segunda cidade mais populosa do estado do Rio de Janeiro e décima sexta mais populosa do país.
 Fonte: *Censo Populacional 2011*. Censo Populacional 2011. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Página visitada em 11 de dezembro de 2010.

O processo de ocupação de São Gonçalo nos remete, como nos aponta Milton Santos (1996), a uma sobreposição de sistema, isto é, conseguimos visualizar nesse município uma refuncionalização de seus espaços sem, contudo haver uma modificação profunda de sua infraestrutura. Assim, podemos observar no decorrer de sua história que, inicialmente, era um município agrícola, principal fornecedor do Império. Logo, diversificou um pouco sua produção, passando a produzir produtos cítricos (especialmente a laranja), entretanto não houve uma modernização das técnicas agrícolas e com seu declínio várias áreas tornaram-se improdutivas até os dias atuais, servindo muitas vezes como áreas especulativas (interior do município). Concomitante a esse processo, iniciaram-se as atividades industriais que acarretaram alterações no espaço, houve uma “urbanização crescente e polarizada” com a construção de vilas operárias, grande imigração e primeiras melhorias em infraestruturas, sem haver, entretanto um planejamento urbano voltado em atender a população como um todo e não aos interesses de alguns. Esses déficits em infraestrutura e serviços servem atualmente, como sempre serviram, como “moeda de troca” em épocas de eleições ou mecanismo para sustentar “zonas de influência”, em um verdadeiro clientelismo político como aponta Oliveira (2006) em sua monografia “Caminhos e descaminhos do Planejamento Urbano municipal de São Gonçalo”.

No decorrer do processo de formação do município observamos grande importância ora dos rios, ora das ferrovias e mais recentemente das rodovias, cuja influencia incide diretamente não só na forma de ocupação do espaço, mas também na apropriação do território pelos moradores. Assim, visualizamos que com uma ocupação originária ligada aos ciclos econômicos em que se desdobra a história do Brasil, São Gonçalo teve seus núcleos iniciais em torno dos rios, já no século XIX o município vê surgir às ferrovias, devido à necessidade de escoamento da produção. O trecho da ferrovia Porto das Caixas (em Itaboraí – cidade vizinha) até o Distrito de Neves em São Gonçalo foi o responsável pela formação de aglomerações humanas e vilas que utilizavam as estações de Guaxindiba, São Gonçalo e Porto da Madama. Em 1895, foi inaugurada uma ferrovia que fazia o trajeto de São Gonçalo (Neves) a Cidade vizinha de Maricá, havendo nesse momento duas estradas de ferro: Leopoldina e Maricá. Esses dois vetores ferroviários definiram e foram responsáveis pelo seu desenho urbano de ocupação observado na cidade, que se inicia em torno das estações dos trens e segue por suas margens.

Posteriormente houve um processo de ocupação urbana nas proximidades das estradas que cortam a cidade. Atualmente, o município é atravessado por três grandes vias de acesso: RJ-106 (estrada litorânea – direção Região dos Lagos Fluminenses), RJ-104 (indo até Magé

em direção as cidades serranas) e BR-101 (Rodovia Federal Longitudinal do Brasil, também denominada Translitorânea). As construções dessas vias tiveram grande destaque no desenho urbano e nos investimentos públicos nos distritos do município, principalmente a BR-101, construída no princípio dos anos 80, que ocasionou modificação na estrutura interna de vários bairros e promoveu a ocupação de áreas desocupadas, principalmente ao norte, além de gerar maior valorização de inúmeros imóveis. Com uma trajetória constituída na composição entre um desenvolvimento econômico inicial de base agrícola ao qual se justapôs um processo de industrialização descontínuo, São Gonçalo é palco de um modo de urbanização crescente e polarizada, que implicou num primeiro momento em melhorias concentradas em algumas de suas regiões, sem que tivesse havido, contudo, planejamento urbano que estendesse os benefícios às demais regiões.

Desta forma, percebemos, que o modelo de urbanização implementado no município tem características “suburbanas”, como aponta Álvaro Domingues (1994) remetendo a uma fragmentação do espaço urbano. Podemos reconhecer em seu delinear histórico, aquilo que o autor descreve, como um crescimento urbano tipo extensivo e submetido ora a um processo de planejamento extremamente regulado pelo poder público ora a processos espontâneos de urbanização de maior ou menor densidade pouco ou nada regulados por qualquer figura de plano e caracterizados por níveis muito baixos de infraestruturação básica. A expansão da cidade vem se dando atualmente de forma rápida e desordenada, sem se fazer acompanhar de investimentos em melhorias urbanas.

Ao visualizarmos o município hoje, percebemos que ele nos permite entender o passado ao mesmo tempo em que é explicado por ele, sendo o seu reflexo e refletindo concomitantemente. Assim, podemos observar inúmeras desigualdades internas: Neves e sua superioridade infraestrutural, São Gonçalo distrito “central”, e a “periferia” remetendo a Monjolos e Ipiúba.

3.1.1 Mergulhando nas desigualdades internas do município: um olhar sobre os distritos

Para melhor compreendermos as desigualdades que marcam o Município de São Gonçalo e entender que apesar de uma homogeneidade aparente sobressai à heterogeneidade, temos que levar em consideração a existência de desigualdades dentro da pobreza, sobretudo quando se pensa na desigualdade entre os diferentes territórios de uma cidade. Para isso,

contamos com um panorama dos distritos feito através do acúmulo de informações realizado pela pesquisa “Condições de Escolarização Pública de Jovens em Periferias Urbanas”, onde se realizou um levantamento junto ao IBGE (site: www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php) sobre dados síntese, do ano de 2000¹⁴ e a Prefeitura, e cujos dados posteriormente foi organizados em minha monografia.

Podemos caracterizar, de modo geral, os distritos que compõem São Gonçalo da seguinte maneira:

➤ 1º Distrito:

São Gonçalo é o distrito de maior concentração populacional cerca de 36% e o segundo maior em área territorial, ocupando 30% do território municipal. Faz fronteira com a Baía de Guanabara e com todos os outros distritos. Agrega a segunda posição entre os melhores indicadores do município, ficando atrás apenas do Distrito de Neves. Mais de 93% de seu lixo é coletado, apresenta a segunda maior cobertura de rede geral de água, onde aproximadamente 91% dos domicílios são contemplados e possui bons índices de escolarização com mais de 92% da população alfabetizada e cerca de 30% com 11 anos ou mais de estudo, demonstrando que possuem Ensino Médio. Além disso, sendo a sede do município, concentra juntamente com o distrito de Neves, a maior parte dos aparatos públicos (como hospitais, postos de saúde, cemitérios, etc.) e privados (bancos, clínicas médicas, mercados, comércio).

➤ 2º Distrito:

Ipiíba é o maior distrito em termos de área territorial, ocupando cerca de 32% do município. Faz fronteira com alguns bairros de Niterói, Maricá e com o distrito de Sete Pontes. Concentra 18% da população, porém com grande déficit em infraestrutura. Apresenta o pior índice de coleta de lixo, onde mais de 16% do mesmo é, principalmente, queimado ou jogado em terrenos baldios ou logradouros. O abastecimento de água não possui índices muito melhores, pois mais de 25% dos domicílios não são contemplados com rede geral, sobrevivendo com água de poço ou nascentes. Com relação ao grau de instrução menos de 90% da população é alfabetizada, e são poucos o que tem mais de 11 anos de estudos, aproximadamente 17%, demonstrando que a maior parte da população não cursou o Ensino Médio.

¹⁴ Infelizmente até o momento do término da dissertação os dados do Censo 2010 referentes aos distritos ainda não haviam sido divulgados para que pudéssemos efetuar as correções.

➤ 3º Distrito:

Monjolos é o terceiro maior distrito, ocupando 22% do território do município, concentrando quase 20% da população e é também o que apresenta os piores indicadores socioeconômicos e educacionais. Faz fronteira com bairros dos distritos de São Gonçalo e Ipiúba e com o município de Itaboraá. Os índices de coleta de lixo só perdem para o distrito de Ipiúba, mas mantém-se a mesma precariedade, onde aproximadamente 12% da população têm que autogerir o destino desse lixo, acabando por queimá-lo ou jogá-lo em terrenos baldios ou logradouro. Já em relação ao abastecimento de água agrega o pior indicador do município com apenas 60% dos domicílios com rede geral e cerca de 35% dependentes de poços ou nascentes. Quando tomamos como referência os índices de escolaridade percebemos que mais de 10% da população não foi alfabetizada e menos de 15% tem grau de instrução superior a 11 anos de estudo, isto é, são poucos os que conseguem terminar o Ensino Fundamental e bem menos os que conseguem cursar o Ensino Médio. Segundo a prefeitura, é também o distrito que possui a menor renda per capita.

➤ 4º Distrito:

Neves é o distrito que tem a melhor infraestrutura de São Gonçalo, tendo sido o ponto alto da vida econômica, social e política do município, ainda hoje, possuindo uma estrutura industrial muito presente. Faz fronteira com a cidade de Niterói (numa verdadeira conurbação), a Baía da Guanabara e alguns bairros tanto do distrito de São Gonçalo como de Sete Pontes. Apresenta os melhores indicadores socioeconômicos e educacionais. Concentra 17,6% da população em seu território de 1200 ha, correspondendo a apenas 5% do tamanho do município. Agrega os melhores índices de escolarização, com as maiores taxas de instrução (mais de 32% da população tem entre 11 ou mais de 15 anos estudos, ou seja, provavelmente, possuem Ensino Médio), além de sua taxa de analfabetismo ser inferior a 6%. Com relação à infraestrutura é o que abarca as melhores condições, tendo mais de 95% de seu lixo coletado, a maior cobertura da rede geral de abastecimento de água cerca de 94%. Além de ter a melhor renda per capita, segundo a prefeitura, e concentrar um grande número de aparatos públicos, como a única universidade pública do município, postos de saúde, teatro...

➤ 5º Distrito:

Sete Pontes possui 11% do território municipal concentrando pouco mais de 8% da população, sendo o distrito de menor concentração populacional e menor fragmentação territorial. Faz fronteira com Niterói e com os distritos de Neves, São Gonçalo e Ipiúba.

Apresenta indicadores intermediários, pois não se iguala a Neves e nem é tão precário como Monjolo e Ipiíba, tornando-se o terceiro melhor, em nível de comparação entre os distritos. Mais de 93% de seu lixo é coletado, cerca de 85% dos domicílios tem rede geral de água e mais de 93% da população é alfabetizada, entretanto apenas 26% tem mais de 11anos de instrução.

Podemos observar que há uma distribuição desigual de bens de consumo coletivo (escolas, postos de saúde, esgoto, água, transporte, etc.), havendo uma concentração desses bens no primeiro e quarto distritos e uma enorme precariedade em Ipiíba e principalmente Monjolos, que são zonas ditas urbanas, porém com grandes áreas e características rurais. Ao analisarmos São Gonçalo devemos levar em consideração que os espaços, as instituições e os serviços são hierarquizados e produzem novas hierarquias num processo contínuo de construção e reconstrução das desigualdades.

Como nada surge do nada, o presente estudo surge do acúmulo de informações e conhecimentos reunidos ao longo de minha graduação e experiência como bolsista da pesquisa supracitada e atualmente, como bolsista voluntária, da pesquisa "Percurso, trajetórias, modos de crescer: escola e trabalho na transição para a vida adulta". Através dos dados auferidos nessas pesquisas conseguimos delimitar nosso campo de ação, levantar hipóteses e gerar critérios para selecionar os jovens entrevistados.

3.2 Caminho trilhado

Faz-se necessário deixar claro que o presente estudo é subproduto da pesquisa "Percurso, trajetórias, modos de crescer: escola e trabalho na transição para a vida adulta", que teve início em 2009, uma vez que a utilizamos como suporte e usufruirmos de sua infraestrutura. O objetivo central da pesquisa em questão é compreender as regularidades e as singularidades que marcam as trajetórias de escolarização e de trabalho dos jovens frequentadores do programa Projovem Trabalhador, do Ministério do Trabalho e Emprego, dinamizado pela Prefeitura de São Gonçalo, e os possíveis nexos entre os modos de escolarização abertos no processo de expansão da escola e os modos de inserção no mundo do trabalho (PEREGRINO, 2010). Tem ainda como objetivo, relacionar, num primeiro momento, as experiências de trabalho, as trajetórias escolares e a habitação contínua de um

mesmo espaço territorial (no caso, os distritos de São Gonçalo), e, em seguida, analisar as formas de relacionamento entre tais processos, de maneira, a identificar “modos” diversos de transição para a vida adulta no município.

Os participantes que fizeram parte do programa somavam 6.374 jovens de 18 a 29 anos, desempregados, com escolaridades que iam do ensino fundamental incompleto ao ensino médio completo. A partir do cadastro do programa foi possível construir um perfil do conjunto estudado.

Por meio dos relatórios da pesquisa feitos pela orientadora Prof. Dr. Mônica Dias Peregrino para CAPES e pelas bolsistas à UERJ encontramos delimitados, através da leitura do cadastro do programa, um perfil desses jovens. Dentre as constatações podemos observar: a maioria dos matriculados pertencem ao sexo feminino 69%, em contraste aos 31% pertencentes ao sexo masculino. Dentre as mulheres, 77% têm mais de 20 anos, enquanto que 76% dos homens têm menos de 24. Quanto à cor da pele, as proporções distribuem-se de maneira semelhante para homens e mulheres, 34% de brancos; 22% de negros e 44% de pardos. Quanto à escolaridade, 55% dos jovens matriculados têm ensino médio completo, 20% têm ensino médio incompleto; 10% têm Ensino Fundamental completo e 7% tem ensino fundamental incompleto (o grupo com ensino fundamental completo e incompleto são aqueles que acumulam valores de renda familiar até um salário mínimo).

Quanto à renda, vemos que 11,5% dos jovens encontram-se na faixa de até meio salário mínimo, 31% estão na faixa que vai de meio a um salário mínimo, 44,5% estão na faixa de 1 a 2 salários mínimos, 9,5% estão na faixa de 2 a 5 salários mínimos e apenas 3,5% estão na faixa de 5 a 10 salários mínimos. Já em relação aos distritos de moradia, temos 15% dos jovens matriculados moradores do distrito de Ipiíba, 28% dos jovens moradores em Monjolos, 11% em Neves, 39% no Distrito de São Gonçalo, e apenas 7% em Sete Pontes. Quando cruzamos o distrito de moradia com a faixa de renda, percebemos que os distritos mais bem equipados (em termos de equipamentos públicos de consumo coletivo), os distritos de Neves e São Gonçalo, são aqueles que apresentam menores percentuais das mais baixas faixas de renda (de até meio salário mínimo / de meio a um salário mínimo) e maiores percentuais das mais altas faixas de rendimento (2 a 5 / 5 a 10 salários mínimos). Essas diferenças ficam ainda mais claras quando comparamos esses dois distritos com os distritos de Monjolos e Ipiíba. A pesquisa suporte ainda construiu e aplicou 320 questionários (5% da amostra), cujos dados, colhidos a partir de um plano de aplicação que buscava captar a diversidade das experiências dos jovens estudantes do Projovem em 2009, foram analisados e

servem de base para cotejamento das análises que apresentaremos abaixo. A construção das hipóteses deste trabalho, outro dos frutos das análises dos questionários, também se deu em conjunto com o grupo de pesquisa.

3.2.1 Comparando os dados já analisados pela pesquisa que oferece suporte a este trabalho com aqueles obtidos através do uso do programa SPSS

Para a realização da análise abaixo, foi feita a transformação das questões pertencentes aos questionários em uma base de dados utilizando o programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), sendo esta elaborada por uma colaboradora da pesquisa acima citada. Vale ressaltar que este programa é uma ferramenta, um “pacote” estatístico muito utilizado nas ciências sociais para tratamento de dados e análises, sendo um software aplicativo que usa como suporte o sistema operacional Windows.

Optamos por nos debruçar sobre esse banco de dados, em especial nos referentes à circulação no território, visando tirar deles novas conclusões e erguer nossas hipóteses para o nosso mergulho qualitativo, as entrevistas.

Dos 320 questionários aplicados com os jovens do Projovem em 2009 utilizamos, da base de dados, apenas aqueles compatíveis com os critérios fundamentais para esta pesquisa: ter todas as questões referentes a território preenchidas, o que perfaz 70% dos mesmos (no caso, 214 questionários). Cabe ressaltar, desta maneira, que esta amostra não tem (e não pretende ter) representatividade estatística, e nem tampouco ser representativa do Universo retratado na pesquisa que nos dá suporte. Ela serve apenas como uma releitura (através do uso da ferramenta SPSS) de dados de resto já analisados na pesquisa suporte, com o objetivo de tornar mais complexas e matizadas “descobertas” já realizadas, tomando como base a análise dos territórios em comparação.

Vale explicitar, que as diferenças notadas entre os distritos, explicitadas pela pesquisa suporte, nos instigaram a investigar mais profundamente os extremos, isto é, os distritos de Monjolos e Ipiíba de um lado e Neves e São Gonçalo do outro. Tendo como ponto de partida essas diferenças, realizamos uma tipologia dos territórios, onde os distritos de Monjolos e

Ipiíba corresponderiam ao território precário e os distritos de Neves e São Gonçalo representariam o território não precário¹⁵.

Para as análises do banco de dados, utilizamos sempre como variável independente os distritos analisados e os correlacionamos com as inúmeras variáveis tomadas das questões, presentes nos questionários aplicados. Dessa forma, dialogamos os dados e as novas análises extraídas por meio do SPSS com os resultados já encontrados e explicitados pela pesquisa¹⁶, e a partir daí podemos constatar:

➤ Escolarização dos pais

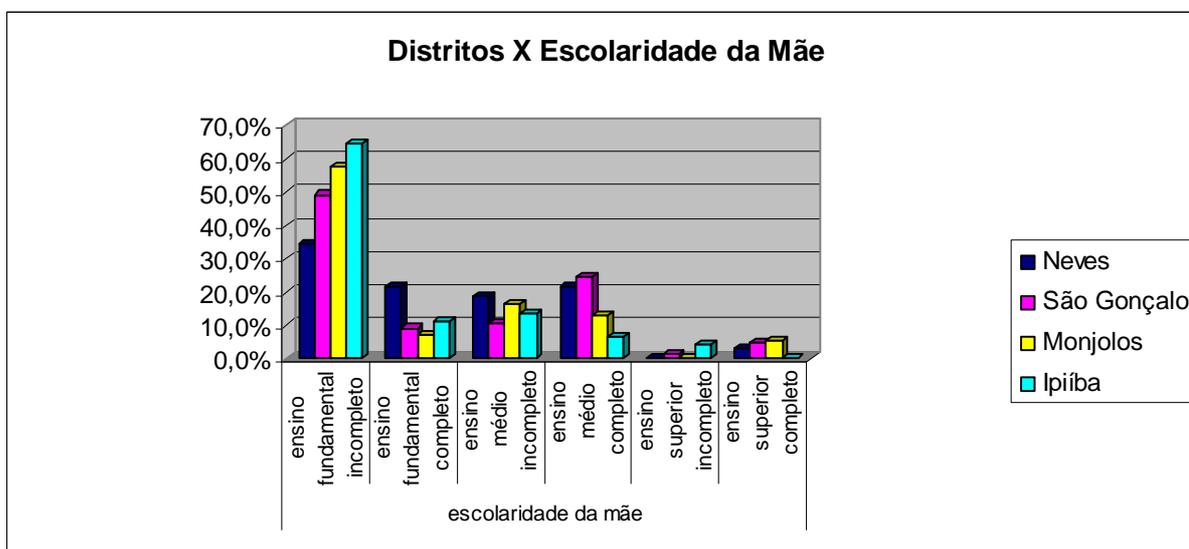


Gráfico 1 – Relação Distritos X Grau de Escolaridade da Mãe

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

De acordo com os distritos estudados, percebemos que quanto menor o grau de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto) maior a representatividade nos distritos de Monjolos e Ipiíba e inversamente proporcional quanto maior escolaridade (Ensino Superior completo) menor presença desses distritos e maior representatividade em Neves e SG. Assim, temos por um lado Neves com cerca de 41% das mães com Ensino Médio Completo ou

¹⁵ É importante explicitar que precário e não precário são “qualidades” que distinguem os distritos tomando o município de São Gonçalo como referência.

¹⁶ Os resultados que serão aqui enfatizados fazem parte do Relatório realizado para CAPES por Peregrino (2010) a partir de uma análise instrumental e analítica, limitando-se aos jovens que possuíam Ensino Médio Completo (a maioria dos jovens matriculados no Projovem, que se distribuem nos distritos em proporções semelhantes), onde buscou agregar a diversidade de experiências colhidas em categorias mais gerais, tentando atingir caracterizações mais amplas e abstratas para cada um dos eixos em investigação. Focaremos as análises referentes à comparação dos distritos que apresentam as maiores disparidades entre si, Neves e Monjolos.

Incompleto, seguido por SG com aproximadamente 35%, e por outro Monjolos apresentando apenas 29,6% e Ipiíba com 20% dessas mães nesse grau de escolaridade.

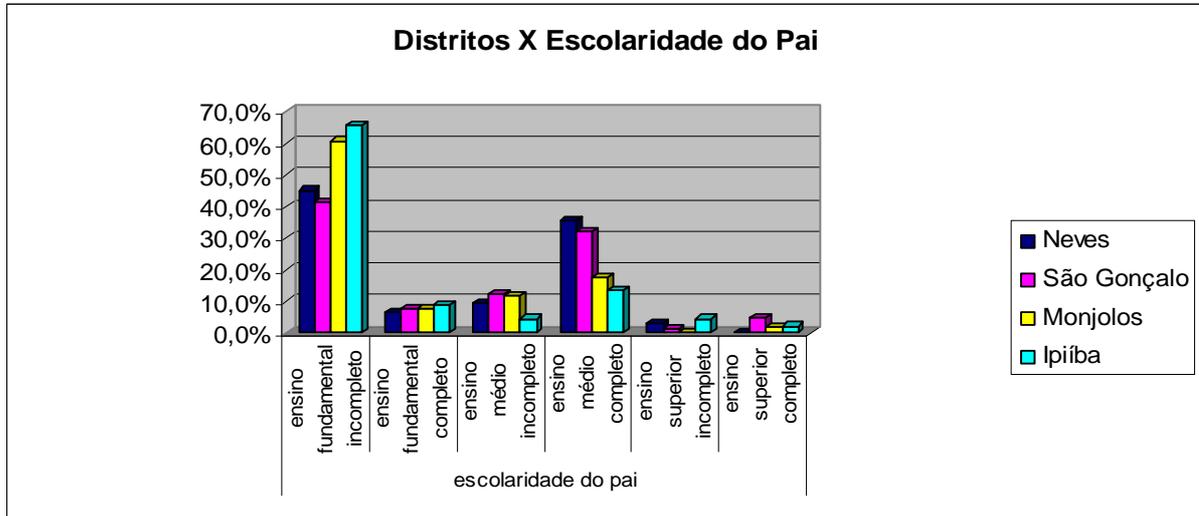


Gráfico 2 – Relação Distritos X Grau de Escolaridade do Pai

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

A maioria dos pais dos jovens participantes dos distritos de Monjolos e Ipiíba (mais de 60%) possui Ensino Fundamental Incompleto e apenas aproximadamente 20% do Ensino Médio Completo a Superior, em contrapartida, tanto no distrito de Neves como em SG, cerca de 39% dos pais apresentam Ensino Médio Completo ou Ensino Superior.

➤ Trajetória de escolarização dos jovens

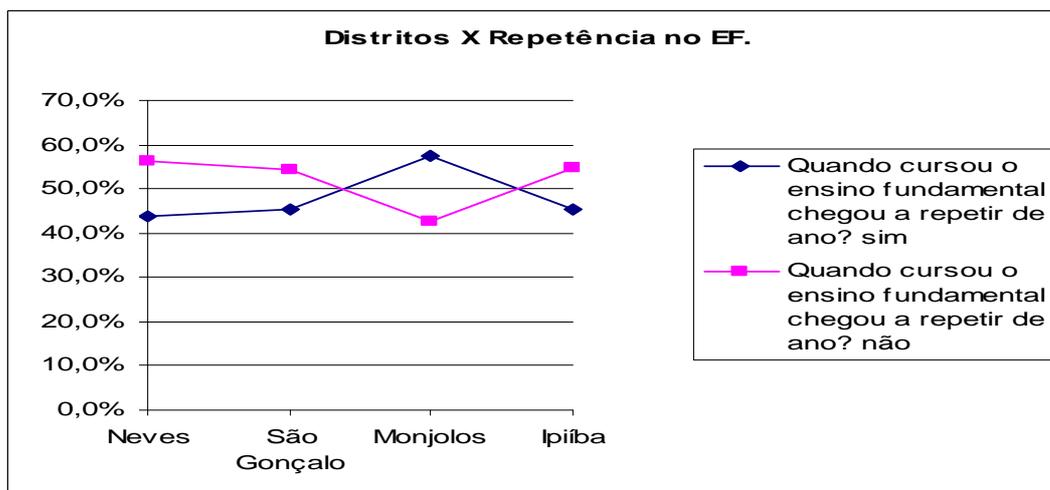


Gráfico 3- Relação Distritos X Repetência no EF

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Podemos perceber que o distrito com maior índice de repetência no EF é Monjolos, 57,4%, sendo o único distrito cujos números de reprovados superam os que não tiveram reprovação, seguido por SG (45,5%) e Ipiíba (45,2%). Em contrapartida, Neves apresenta

menor índice de repetência (43,8%), onde a maioria (56,3%) nunca repetiu nenhum ano desse nível.

Tabela 1 – Relação Distritos X Quantidade de anos repetidos de 1ª a 4ª séries

Tabela Distritos X Repetência entre a 1ª a 4ª séries								
Distritos		Quantas vezes repetiu de ano entre a 1a. e a 4a. séries?						
		nenhuma	uma	duas	três	quatro	cinco	mais de 5
Neves	% distribuição no distrito	76,7%	10,0%	6,7%	3,3%	3,3%	0,0%	0,0%
	% relação entre os distritos	17,8%	6,3%	14,3%	16,7%	33,3%	0,0%	0,0%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	59,4%	23,4%	9,4%	4,7%	3,1%	0,0%	0,0%
	% relação entre os distritos	29,5%	31,3%	42,9%	50,0%	66,7%	0,0%	0,0%
Monjolos	% distribuição no distrito	61,1%	25,9%	9,3%	1,9%	0,0%	1,9%	0,0%
	% relação entre os distritos	25,6%	29,2%	35,7%	16,7%	0,0%	100,0%	0,0%
Ipiíba	% distribuição no distrito	65,9%	27,3%	2,3%	2,3%	0,0%	0,0%	2,3%
	% relação entre os distritos	22,5%	25,0%	7,1%	16,7%	0,0%	0,0%	100,0%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Em todos os distritos a maioria dos jovens (SG 59,4%, Monjolos 61,1%, Ipiíba 65,9%), principalmente em Neves com 76,7%, não repetiu nenhuma vez o primário (1ª a 4ª série). Entretanto, quando observamos os que já reprovaram estes se concentram nos que tiveram uma ou duas reprovações, sobressaindo os distritos de Monjolos (35,2%), SG (32,8%) seguido por Ipiíba (29,5%), Neves apresenta os menores indicadores, quase a metade com 16,7%. Ao olharmos os de escolaridade mais precária com cinco ou mais repetências, mesmo não sendo numericamente expressivos, percebemos que estes se encontram nos distritos de Monjolos e Ipiíba.

Tabela 2 – Relação Distritos X Turno EM

Distritos		Quando cursou o ensino médio, em que turnos estudou?			
		NR/Perda	manhã	noite	tarde
Neves	% distribuição no distrito	6,1%	36,4%	21,2%	24,2%
	% relação entre os distritos	12,5%	17,4%	10,3%	24,2%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	7,5%	32,8%	35,8%	11,9%
	% relação entre os distritos	31,3%	31,9%	35,3%	24,2%
Monjolos	% distribuição no distrito	7,1%	19,6%	42,9%	14,3%
	% relação entre os distritos	25,0%	15,9%	35,3%	24,2%
Ipiíba	% distribuição no distrito	6,5%	41,3%	23,9%	17,4%
	% relação entre os distritos	18,8%	27,5%	16,2%	24,2%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Destacando os turnos únicos, uma vez que as trajetórias híbridas com turnos compostos não são significativas em nenhum dos distritos, percebemos que em Neves há predominância do turno da manhã e equilíbrio entre tarde e noite; em SG há equilíbrio entre manhã e noite; em Monjolos há absoluta predominância do turno da noite e em Ipiíba do turno da manhã, com uma distribuição muito semelhante à de Neves.

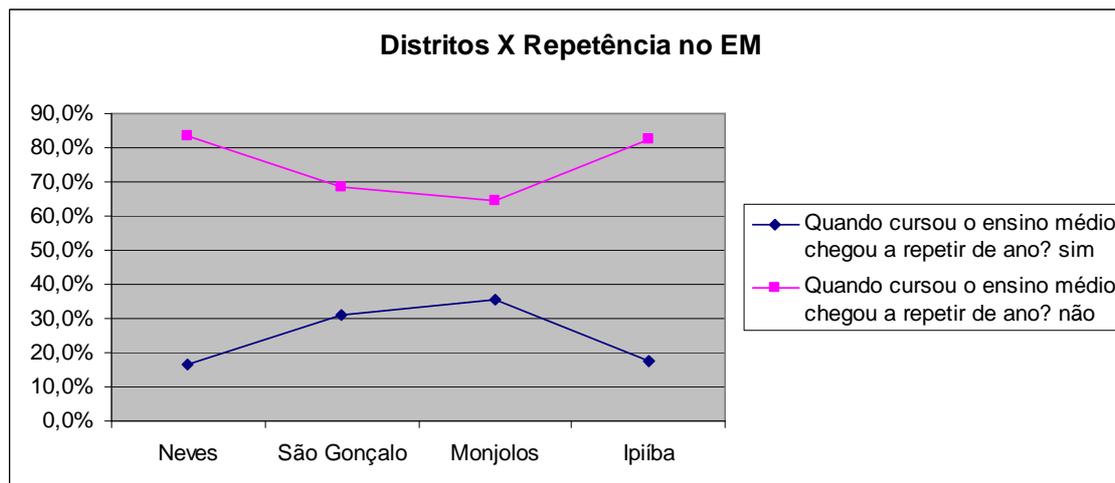


Gráfico 4 – Relação Distritos X Repetência no EM

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Neves (83,3%) e Ipiíba (82,5%) são os distritos com maiores percentuais de jovens que declararam não ter reprovado nenhum ano do Ensino Médio. Mas no geral, em todos os distritos o número de jovens que declararam não ter repetido sempre foi maior dos que reprovaram (SG 68,8%; Monjolos 64,6%). Dos que já repetiram sobressai os distritos de Monjolos com 35,4% dos jovens (32,1% do total que declararam ter reprovado) e SG com 31,3% (37,7% total). É interessante verificar que Neves e Ipiíba têm, neste momento mais quantitativo da análise, por assim dizer, uma distribuição semelhante, enquanto o mesmo acontece com SG e Monjolos. Em outros momentos, Monjolos se coloca como a antítese de Neves. Isso mostra, por um lado, que tratam-se de territórios “próximos”, “híbridos”, não ainda completamente separados; e por outro, já podemos ver algumas regularidades.

Esses dados sobre a trajetória de escolarização dos jovens convergem com as análises já realizadas pela pesquisa da qual somos subproduto, onde já haviam explicitado que:

- por um lado, se encontra os jovens de Neves com predominância de escolarização direta e diurna, quando concomitante com o trabalho, apenas a partir do Ensino Médio, com

presença significativa de mulheres jovens e solteiras, e ainda com expressiva presença de jovens do sexo masculino, na faixa de idade que agrega os mais novos. Apresenta grande proporção de jovens que frequentaram escolas de Ensino Médio nucleares (escolas grandes de referência nos centros urbanos mais próximos), bem equipadas, não só localizadas em São Gonçalo, mas também em Niterói, e em alguns casos mais raros, no Rio de Janeiro. Os jovens neste distrito apresentam, ainda, grandes quantidade de cursos, tanto aqueles identificados como básicos quanto outros mais direcionados para a capacitação de atividades específicas.

- por outro lado, têm-se os jovens moradores dos distritos de Monjolos e Ipiíba, que experimentam trajetórias escolares cuja escolaridade direta, diurna e noturna (em proporção bastante significativa, especialmente em Ipiíba) dividem espaço com modalidades de escolarização acidentada incluindo repetências e ingresso em cursos supletivos. (PEREGRINO, 2010)

➤ Trajetória laboral

Tabela 3 – Relação Distritos X Exerceu alguma atividade remunerada

Tabela Distritos X Já exerceu alguma atividade remunerada			
Distritos		Já exerceu atividade remunerada alguma vez?	
		sim	não
Neves	% distribuição no distrito	72,7%	27,3%
	% relação entre os distritos	18,0%	13,0%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	71,0%	29,0%
	% relação entre os distritos	33,1%	26,1%
Monjolos	% distribuição no distrito	60,4%	39,6%
	% relação entre os distritos	24,1%	30,4%
Ipiíba	% distribuição no distrito	57,1%	42,9%
	% relação entre os distritos	18,0%	26,1%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

A maioria já exerceu alguma atividade remunerada alguma vez na vida, mas comparando os distritos observamos uma discrepância, pois temos em Neves mais de 72%, SG com 71%, seguido por Monjolos 60,4% e Ipiíba com a menor porcentagem, apenas 57%. Analisando o total dos que nunca exerceram nenhuma atividade percebemos que Monjolos e

Ipiíba juntos correspondem mais de 56% dos jovens. Assim, há uma proporção inversa entre os distritos cujos jovens nunca exerceu nenhuma atividade remunerada para os que atualmente exercem, ou seja, Monjolos e Ipiíba se destacam pelos jovens que nunca exerceram enquanto Neves e SG por aqueles que exerceram e continuam exercendo.

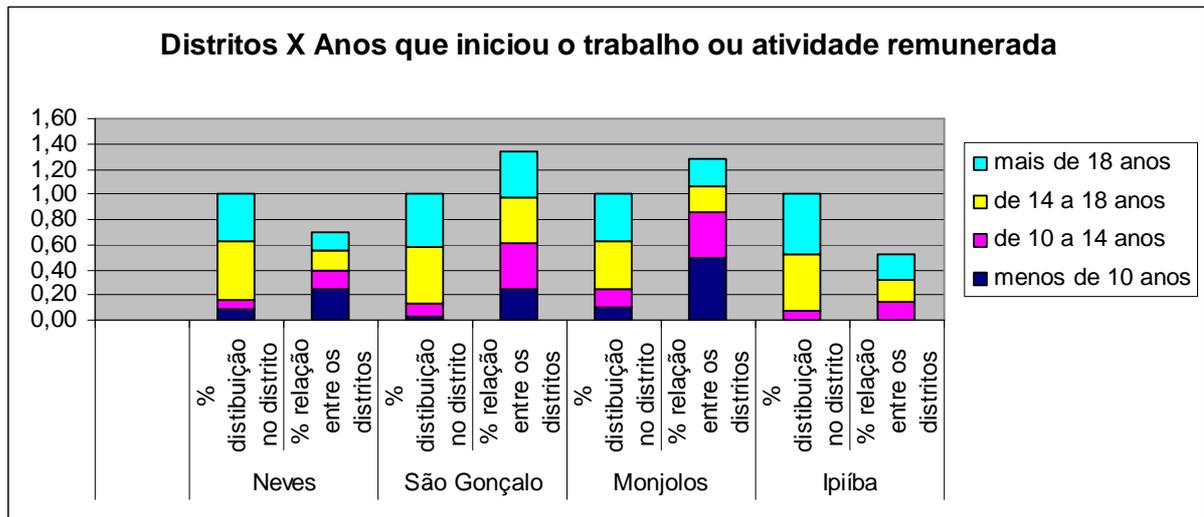


Gráfico 5 – Relação Distritos X Quantos anos começou a trabalhar

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

A grande maioria dos jovens declarou ter iniciado alguma atividade remunerada entre os 14 a 18 anos ou com mais de 18 anos. Dos que declararam iniciar com menos de 10 anos destaca-se o distrito de Monjolos cerca de 50% das declarações.

Tabela 4- Relação Distritos X Período escolar que estava cursando quando iniciou a trabalhar

Distritos		Quando começou a trabalhar, em que período da escola se encontrava?				
		no primário	na 5a./6a. série	na 7a./8a. série	no ensino médio	já havia terminado o ensino médio
Neves	% distribuição no distrito	0,0%	12,5%	25,0%	33,3%	29,2%
	% relação entre os distritos	0,0%	12,5%	16,2%	16,0%	17,9%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	1,8%	12,5%	25,0%	26,8%	33,9%
	% relação entre os distritos	25,0%	29,2%	37,8%	30,0%	48,7%
Monjolos	% distribuição no distrito	5,3%	28,9%	21,1%	39,5%	5,3%
	% relação entre os distritos	50,0%	45,8%	21,6%	30,0%	5,1%
Ipiíba	% distribuição no distrito	3,8%	7,7%	30,8%	26,9%	30,8%
	% relação entre os distritos	25,0%	8,3%	21,6%	14,0%	20,5%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Quando tomamos como base o período escolar que os jovens cursavam quando começaram a trabalhar, percebemos que do total dos que declararam ainda estar no primário destacam-se os distritos de Monjolos e Ipiíba representando cerca de 75%. Ao contrario, do

total dos que já haviam concluído o ensino médio sobressaem os distritos Neves e SG com mais de 66%. Já em relação ao início no ensino fundamental, especificamente da 5^a a 8^a série, percebemos uma média de 37% dos jovens em cada distrito com exceção de Monjolos que apresenta média de 50%. Assim, quando observamos Monjolos e Ipiíba, percebemos que o percentual dos que trabalham é menor do que nos distritos mais providos, entretanto o início da inserção no trabalho geralmente é mais precoce, ocorrendo num período cujo impacto sobre os processos de escolarização é sabidamente mais grave.

No geral, em relação às questões de trabalho observamos que esse ocorre predominantemente sem carteira assinada e entrecortado por períodos de curta duração.

➤ **Distrito X Tipos de cursos:**

Nessa questão obtivemos 110 tipos de combinações entre os cursos, o que inviabiliza a utilização da tabela. Entretanto, podemos perceber que um dos cursos com maior recorrência em todos os distritos é a informática. Observando os jovens que declararam mais de um curso, geralmente convergindo para uma profissão, percebemos que estes são mais frequentes nos distritos de Neves e São Gonçalo.

Quanto ao trabalho também observamos um encontro entre os dados e análises realizadas acima com as explicitadas pela pesquisa, onde esta já havia ressaltado que:

- em Monjolos a frequência de concomitância entre trabalho e estudo dividiu espaço com os casos de jovens (especialmente mulheres) que nunca trabalharam, e, portanto neste distrito são bastantes presentes os casos de jovens que buscam no Projovem uma porta para o primeiro emprego, como também há os casos daqueles que já trabalharam em algum momento de suas vidas (especialmente as mulheres mais velhas) e buscam reingressar no mundo do trabalho através do programa. Encontram-se presentes ainda os jovens (em especial do sexo masculino entre 18 e 20 anos) recém-saídos do Ensino médio, ainda desempregados, e que acumulam cursos de preparação para o trabalho.

- já em Neves são frequentes as experiências (inclusive as primeiras) de empregos no setor terciário (operador de telemarketing, vendas e promoção de vendas...), mesmo que na maior parte dos casos por períodos fugazes e sem registro em carteira de trabalho. Além disso, os jovens neste distrito apresentam ainda grande quantidade de cursos, tanto aqueles identificados como básicos, quanto outros mais direcionados para a capacitação de atividades específicas (PEREGRINO, 2010).

➤ Circulação no território

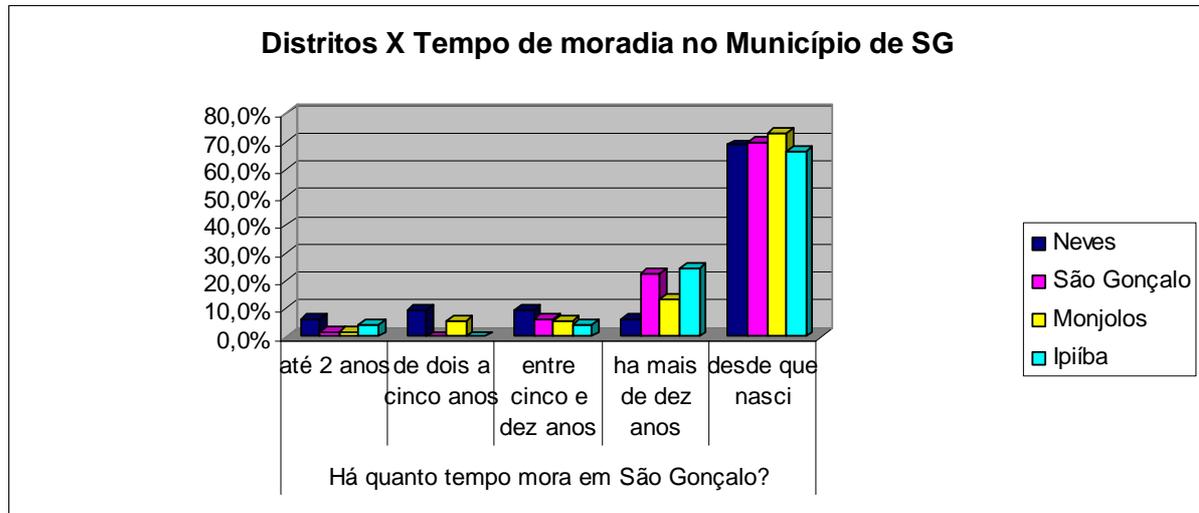


Gráfico 6 – Relação Distritos X Tempo de moradia no Município de São Gonçalo

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

A maioria dos jovens em todos os distritos (mais de 65% em cada um) declarou morar no Município de São Gonçalo desde que nasceram. Dos que declararam morar a mais de 10 anos destacam-se os distritos de Ipiíba (24,4%) e SG (22,7%). No outro extremo, ou seja, entre os que moram a pouco tempo, até dois anos e de 2 a 5 anos, destaca-se Neves com respectivamente 6,3% e 9,4%, sendo o distrito com mais jovens com menos enraizamento. Um fato que pode explicar isso remete a esse distrito ser o de conurbação imediata com Niterói estando dentro do “bum imobiliário” que vem ocorrendo nos últimos 5 anos.

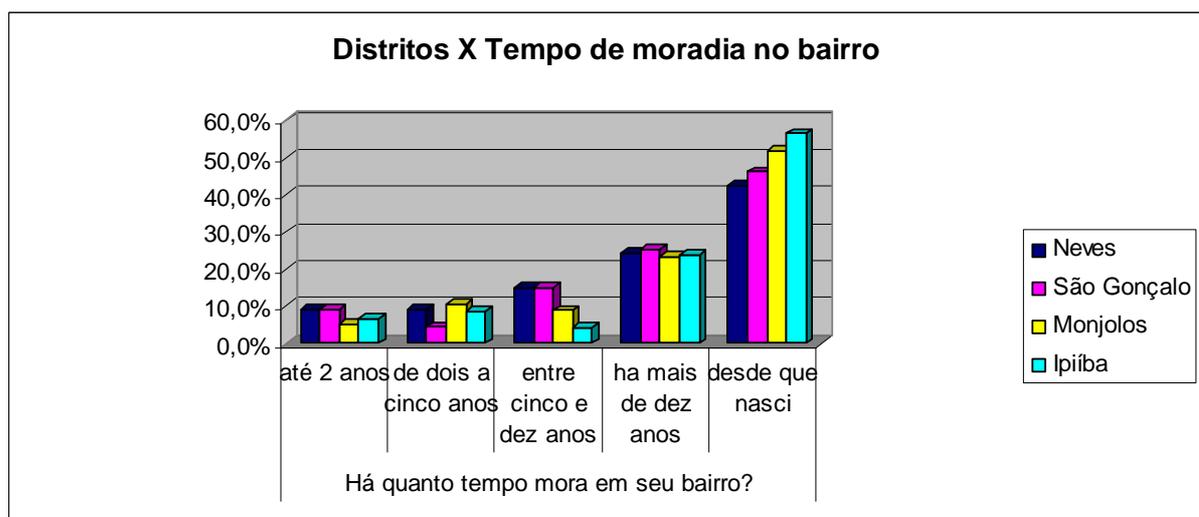


Gráfico 7 - Relação Distritos X Tempo de moradia no bairro

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Dos distritos analisados observamos que Monjolos e Ipiíba se destacam por a maioria dos seus jovens viverem no mesmo bairro desde que nasceram, respectivamente 51,8% e 56,5%, ou apresentam índices elevados dos que vivem a mais de 10 anos (23,2% e 23,9%). Já os que moram a menos tempo no bairro até dois anos destacam-se Neves e SG com cerca de 9% dos seus jovens nessa categoria.

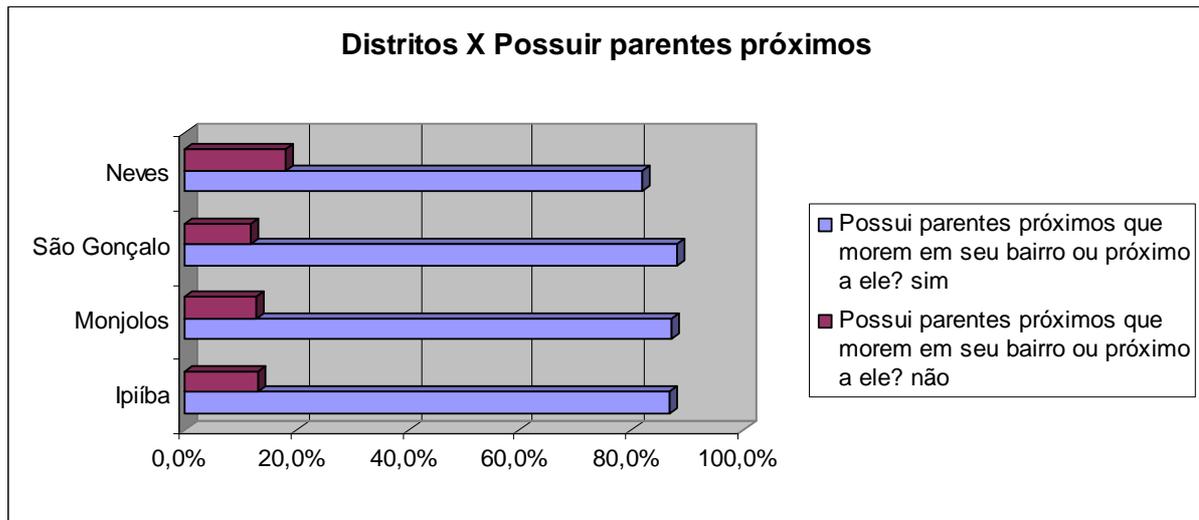


Gráfico 8 – Relação Distritos X Possuir parentes próximos

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

A maioria dos jovens mais de 80% em cada distrito declarou possuir parentes próximos, seja em seu bairro ou nas cercanias. Dentre os que declararam não possuir destacam-se os pertencentes a Neves (18,2%) e Ipiíba (13%).

Tabela 5 – Relação Distritos X Frequência ao centro de SG

Tabela Distritos X Frequência ao Centro de SG						
Distritos		Com que frequência costuma ir o centro de São Gonçalo?				
		mais de uma vez por semana	uma vez por semana	uma vez por mês	uma vez por ano	nunca
Neves	% distribuição no distrito	39,4%	24,2%	36,4%	0,0%	0,0%
	% relação entre os distrito	13,7%	16,0%	21,4%	0,0%	0,0%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	57,6%	25,8%	13,6%	1,5%	1,5%
	% relação entre os distrito	40,0%	34,0%	16,1%	11,1%	50,0%
Monjolos	% distribuição no distrito	43,6%	23,6%	29,1%	3,6%	0,0%
	% relação entre os distrito	25,3%	26,0%	28,6%	22,2%	0,0%
Ipiíba	% distribuição no distrito	28,3%	21,7%	34,8%	13,0%	2,2%
	% relação entre os distrito	13,7%	20,0%	28,6%	66,7%	50,0%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Analisando os distritos estudados, percebemos que os jovens que frequentam mais assiduamente (mais de uma vez por semana) o centro de SG, como o esperado, pertence ao próprio distrito sede do município (57,6%), seguido pelo distrito de Monjolos (43,6%) e Neves (39,4%). Do total dos jovens que responderam frequentar pelo menos uma vez por semana 50% correspondem aos distritos de SG e Neves. Em contraste, no distrito de Ipiíba a maioria de seus jovens respondeu ir ao centro apenas uma vez por mês e do total dos jovens que assinalaram essa opção 57% pertencem a esse distrito em conjunto com Monjolos, sendo também em ambos os distritos que observamos maiores percentuais de jovens que declararam ir apenas uma vez por ano (13% em Ipiíba e 3,6% em Monjolos). Há ainda jovens que declararam nunca ir ao centro, pertencentes aos distritos de Ipiíba e SG, demonstrando um grau elevado de isolamento.

Tabela 6 – Relação Distritos X Frequência a Niterói

Tabela Distritos X Frequência a Niterói						
Distritos		Com que frequência costuma ir a Niterói?				
		mais de uma vez por semana	uma vez por semana	uma vez por mês	uma vez por ano	nunca
Neves	% distribuição no distrito	28,1%	21,9%	46,9%	3,1%	0,0%
	% relação entre os distrito	15,5%	13,5%	18,3%	7,1%	0,0%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	29,2%	29,2%	33,8%	4,6%	3,1%
	% relação entre os distrito	32,8%	36,5%	26,8%	21,4%	40,0%
Monjolos	% distribuição no distrito	23,2%	17,9%	41,1%	14,3%	3,6%
	% relação entre os distrito	22,4%	19,2%	28,0%	57,1%	40,0%
Ipiíba	% distribuição no distrito	17,4%	32,6%	43,5%	4,3%	2,2%
	% relação entre os distrito	13,8%	28,8%	24,4%	14,3%	20,0%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Comparando os distritos, percebemos que a maioria dos jovens em cada um deles declarou frequentar Niterói uma vez por mês (Neves cerca de 47%; Ipiíba 43,5%; Monjolos 41% e SG 33,8%). Dos jovens mais assíduos que frequentam mais de uma vez por semana destacam-se SG (29,2%), Neves (28,1%) e Monjolos (23,2%). No outro extremo encontramos jovens que frequentam apenas uma vez por ano em sua maioria nos distritos de Monjolos (14,3% correspondente a 57% dos que responderam essa categoria) SG (4,6% referentes a 21,4%) e Ipiíba (4,3% remetendo a 14,3% do total). Do total de jovens que declararam nunca ir a Niterói cerca de 60% pertencem aos distritos de Monjolos e Ipiíba.

Tabela 7 – Relação Distritos X Frequência ao Município do Rio de Janeiro

Tabela Distritos X Frequência ao Rio de Janeiro						
Distritos		Com que frequência costuma ir ao Rio?				
		mais de uma vez por semana	uma vez por semana	uma vez por mês	uma vez por ano	nunca
Neves	% distribuição no distrito	0,0%	12,1%	36,4%	45,5%	6,1%
	% relação entre os distrito	0,0%	21,1%	16,4%	18,1%	7,7%
São Gonçalo	% distribuição no distrito	6,2%	7,7%	32,3%	40,0%	13,8%
	% relação entre os distrito	44,4%	26,3%	28,8%	31,3%	34,6%
Monjolos	% distribuição no distrito	5,6%	5,6%	35,2%	37,0%	16,7%
	% relação entre os distrito	33,3%	15,8%	26,0%	24,1%	34,6%
Ipiíba	% distribuição no distrito	2,2%	10,9%	32,6%	43,5%	10,9%
	% relação entre os distrito	11,1%	26,3%	20,5%	24,1%	19,2%

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Dos jovens que frequentam assiduamente o RJ destacam-se os dos distritos de SG (6,2% correspondendo a 44,4% do total dos jovens que declararam essa frequência) e Monjolos (5,6% referentes a 33,3% do total). Em todos os distritos observamos maior índice de jovens que frequentam uma vez por ano (Neves 45,5%; Ipiíba 43,5%; SG 40% e Monjolos 37%). Do total dos jovens que declararam ir ao RJ uma vez por mês destacam-se os dos distritos de Monjolos e Ipiíba, representando juntos cerca de 46,5%. Em todos os distritos aumentou a porcentagem dos jovens que declararam a categoria nunca frequento, representando 16,7% em Monjolos, 13,8% em SG, 10,9% Ipiíba e 6,1% em Neves, demonstrando que em grande parte a circulação dos jovens permanece em seu próprio município ou nos mais cercanos.

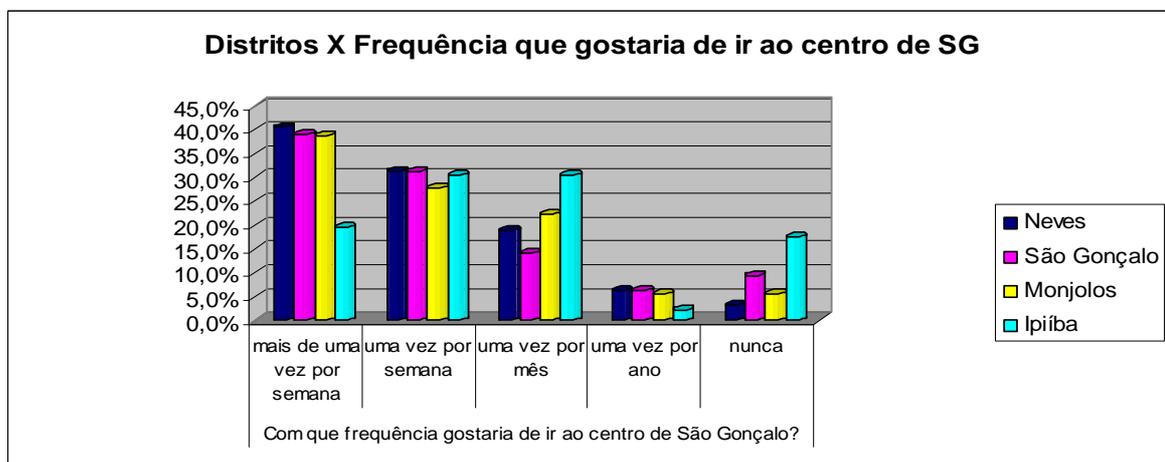


Gráfico 9 – Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir o centro de SG

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Em Neves (40,6%), SG (39,1%) e Monjolos (38,9%) a maioria dos jovens declarou que gostaria de frequentar o centro do município mais de uma vez por semana, quanto não responderam essa opção optaram principalmente por frequentar uma vez por semana (tanto em Neves como em SG cerca de 31% de seus jovens e Monjolos 27,8%). O distrito que mais se destaca é Ipiíba, pois 30,4% de seus jovens declararam que gostaria de frequentar o centro uma vez por semana e outros 30,4% uma vez por mês, sendo também nesse distrito o maior percentual de jovens que responderam nunca querer frequentar (17,4%), demonstrando um horizonte de circulação restrito no próprio município não só pela frequência e resistência a ir ao centro como pela falta de anseio.

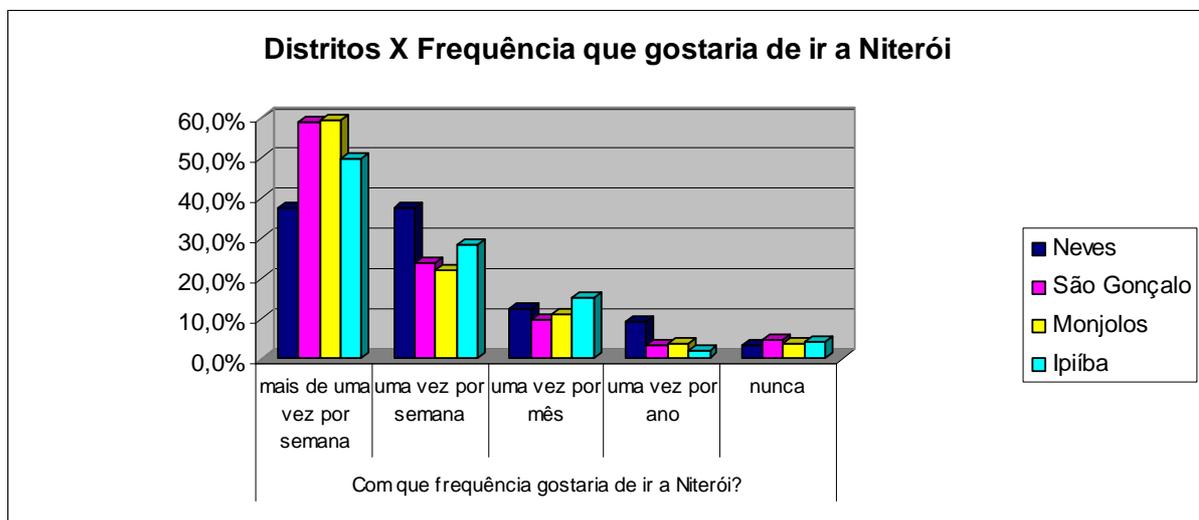


Gráfico 10 - Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir a Niterói
Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Observando os distritos estudados, percebemos que mais de 75% dos jovens em cada um deles declararam querer frequentar Niterói mais de uma vez por semana (Monjolos 59,3%; SG 58,7%; Ipiíba (50%) e Neves (37,5%) ou pelo menos uma vez por semana (respectivamente: 22,2%; 23,8%; 28,3%; 37,5%). Dos que responderam querer frequentar uma vez por ano destaca o distrito de Neves com 9,4% de seus jovens (correspondente a 33,3% do total), já dos que declararam nunca se destacam os pertencentes aos distritos de Neves (4,8%) e Ipiíba (4,3%).

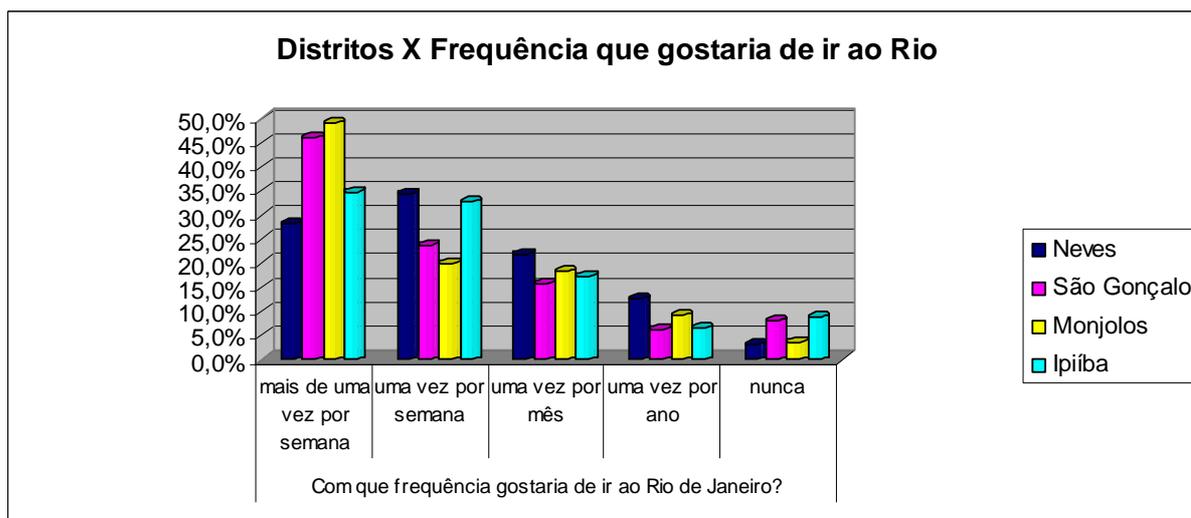


Gráfico 11 - Relação Distritos X Frequência que gostaria de ir ao Município do RJ

Fonte: Questionários da pesquisa suporte

Do total dos jovens que declararam querer frequentar mais de uma vez por semana o município do RJ cerca de 64% pertencem aos distritos de SG (33% do total referentes a 46% do seus jovens) e Monjolos (31% do total correspondente a 49,1% de seus jovens). Em Neves, a maioria dos jovens respondeu que gostaria de frequentar uma vez por semana (34,4%), seguido por mais de uma vez por semana (28%). Já Ipiíba, ao contrário, a maioria respondeu querer frequentar mais de uma vez por semana (34,8%), seguido por uma vez por semana (32,6%). Quando analisamos o outro extremo, ou seja, os jovens que nunca gostariam de frequentar observamos que a maioria pertence aos distritos de Ipiíba (8,7% referentes a 33,3% do total) e SG (cerca de 8% correspondentes a 41,7% do total).

Quando tomamos como base as análises da circulação pelo território comungamos com os resultados da pesquisa:

- em Neves se encontram jovens que não estabelecem clara distinção entre os circuitos feitos no bairro e fora dele. Quando observado o acesso aos núcleos urbanos próximos, os jovens moradores, principalmente os de faixa etária menor, afirmam acesso frequente ao núcleo mais próximo (São Gonçalo) e também a Niterói. São significativas também as declarações de desejo de ampliação de acesso, em especial aos núcleos urbanos de Niterói e Rio de Janeiro (PEREGRINO, 2010). Esse fato já nos possibilita perceber que estes jovens vêm circulando de maneiras distintas (uns mais outros menos) pelos diferentes e múltiplos territórios da cidade.

- para os dois distritos mais precários (ainda que mais marcadamente em Ipiíba do que em Monjolos), a frequência aos núcleos urbanos de São Gonçalo, Niterói e Rio de Janeiro é baixa, especialmente nos dois últimos. Um dos pontos que afastam os dois distritos remete ao

fato de que se o raro acesso aos centros urbanos não coíbe nos jovens de Monjolos o desejo de ampliar sua circulação, o contrário acontece em Ipiúba, onde o isolamento territorial parece inibir a vontade de maior circulação (PEREGRINO, 2010). Dessa maneira, percebemos que os jovens muitas vezes circulam pouco e se apropriam ainda menos dos diversos territórios presentes numa cidade.

Corroboramos com a conclusão da pesquisa que “as condições adversas encontradas em ambos os grupos dos distritos comparados, produziram situações diferenciadas em termos das expectativas e de horizontes de vida para seus jovens moradores”, também sendo possível percebemos não só um abismo entre os grupos, mas também certas singularidades nos dois distritos mais precários. Essa singularidade que ora agrega ambos os distritos e ora os distanciam já foi abordada por Peregrino (2010) que ressalta:

Em Monjolos, as precariedades aliadas à maior centralidade territorial produziram, provavelmente, as condições necessárias para a maior variabilidade de experiências de trabalho, de trajetórias de escolarização e de projeto de circulação expressas por seus jovens moradores. Já em Ipiúba, o isolamento territorial (mesmo em situação de vulnerabilidade socioeconômica menor do que aquela encontrada em Monjolos) é parte importante da regularidade das trajetórias e experiências encontradas. (PEREGRINO, 2010, p. 70)

Através desse levantamento e análises conseguimos delimitar, conjuntamente com o grupo de pesquisa, as hipóteses levantadas em três eixos para o mergulho qualitativo, no nosso caso, para as entrevistas. Assim, coube-nos realizar a transformação dessas hipóteses em perguntas para o roteiro de entrevista.

- **hipótese 1:** A escola cria a juventude, mas não cria as condições de emancipação, pois em escolas desiguais como as nossas geram diferentes formas e desiguais maneiras de vivenciar a juventude e habitar seus próprios espaços, produzindo horizontes de aspiração também desiguais. Assim, se escolarização provoca ampliação das aspirações, então, o tipo de escola cursada implicará variações no efeito dessas aspirações por meio: do tipo de equipamento disponível; do conhecimento adquirido; das redes de sociabilidade existentes/construídas; das inserções institucionais possibilitadas;

- **hipótese 2:** A trajetória laboral dos jovens pode restringir ou ampliar as aspirações sociais, a circulação pelo território e os projetos de futuro, através: do período demarcado para o início dessa etapa na vida do jovem; do tipo de experiência laboral acumulada; da possibilidade (ou não) de configurar carreiras, áreas de atuação, e projetos futuros de articulação entre formação e trabalho; da disponibilidade (ou não) de circular e de apropriar dos territórios da cidade;

- **hipótese 3:** O território em sua dimensão material/funcional e imaterial/simbólico, enquanto espaço socialmente partilhado, é um dos elementos importantes no processo de transição para a vida adulta, interferindo na sociabilidade, na mobilidade, na apropriação dos espaços da cidade, nos processos de pertencimento e na organização das identidades, podendo proporcionar experiências limitadoras e/ou ampliadoras na construção das trajetórias dos jovens, por meio: do tipo de equipamento que acumula (escolas, postos de trabalho, equipamentos culturais e de lazer); do tipo de vizinhança e formação de redes de contatos que propicia; da mobilidade física (grau de circulação, acesso a ônibus) e social que dispõe; do tipo de sociabilidade que proporciona.

Tendo como princípio que o método é apenas um caminho possível, dentre os inúmeros caminhos, sendo um percurso a ser trilhado e não o fim em si mesmo, realizamos uma pesquisa qualitativa, exploratória e comparativa, buscando explorar as possíveis conexões entre o território e as desiguais maneiras de se experimentar a juventude, muitas vezes nos adaptando as necessidades surgidas.

Com base nas análises, a pesquisa suporte buscou elaborar os critérios para selecionar os jovens para realizar grupos focais. Assim, tendo em vista o perfil dos jovens separou-se os questionários entre os dois grupos extremos segundo alguns critérios, dentre eles: jovens com Ensino Médio completo, que possuíam e-mail, homem abaixo de 24 anos e mulheres acima de 20, com tempo de moradia em São Gonçalo e no bairro de 5 a 10 anos. Os jovens que apresentavam esses critérios eram considerados ideais, sendo elaborada uma lista de reserva com os jovens que apresentavam pelo menos dois destes critérios.

Utilizando essa mesma lista, optamos por realizar entrevista semiestruturada, buscando entender um pouco a trajetória escolar, laboral, mais especificamente os impactos do território e o que representava ser jovem em São Gonçalo. Através dessa abordagem visamos captar as experiências que marcam as vidas destes sujeitos, ou seja, as diversas maneiras de ser jovem, de experimentar a condição juvenil, para assim compreender possíveis regularidades, bem como, as singularidades que marcam suas existências no tocante ao território.

Foram realizadas quatorze entrevista, sete de cada grupo comparado, sendo sempre quatro mulheres e três homens. Antes de explicitar o roteiro e as entrevistas cabem algumas ressalvas. Primeiramente a dificuldade de contatar os jovens, pois mudam muito de telefone celular, sendo mais fáceis os que declararam o residencial, outro impasse refere-se à aceitação em participar, já que no contexto atual tornam-se preocupados com a violência, a falta de

remuneração pelo tempo gasto e aos inúmeros imprevistos e afazeres durante o dia. Diante de tantos não, foram realizados cerca de noventa contatos e destes apenas dez aceitaram participar, a estratégia foi marcar no dia, local e horário que eles pudessem e através daqueles que aceitavam pedir indicação de outros amigos que participaram no mesmo período que eles do Projovem, ou seja, alguns dos jovens entrevistados foram selecionados através da lista dos jovens ideais para os grupos focais e outros foram indicados por alguém entrevistado e tendo como critério ter até 29 anos no momento da entrevista, estar morando a mais de cinco anos no município e no distrito de residência.

Um fato interessante remete a questão de gênero, onde em Ipiúba e Monjolos a maior dificuldade foi encontrar jovens do sexo masculino que aceitassem participar, enquanto em Neves e São Gonçalo foi ao contrário, as jovens tinham muito mais receio e se negavam muito mais que os homens. Também haviam os jovens que declaravam que não estudavam e nem trabalhavam (os jovens “nem-nem”) mais estavam ocupados para participar. Nossa hipótese é que tais jovens não queriam se expor e provavelmente muito menos ter de se autoanalisar e defrontar com a própria realidade em uma prática tão reflexiva como uma entrevista.

O roteiro das entrevistas foi pensado sobre as hipóteses acima citadas, sendo mais aprofundada a questão do território. Para tanto foram feitos cinco tópicos com questões amplas, tendo como premissa:

- **Escola e trabalho:** foram levantadas questões que marcavam as trajetórias escolares e laborais dos jovens, pois estes são dois momentos importantes na transição para vida adulta;
- **Como é morar em São Gonçalo:** questões que visavam identificar as diversas opiniões que os jovens têm sobre o município e o bairro onde reside, o tipo de relação que estabelece com a vizinhança e sua rede de parentesco e amigos;
- **Como se divertir em São Gonçalo:** questões pessoais que marcavam não só o lazer mais a forma como se apropriavam e usavam os espaços do município;
- **Circulação e Horizonte de circulação em relação a outros territórios:** questões que identificavam a forma de relação dos jovens nos diferentes territórios da cidade sejam em seu próprio município sejam nos outros, ressaltando sua circulação, bem como o desejo de frequentar novos espaços e de mudança do município;
- **Como é ser jovem em São Gonçalo:** questões que visavam às opiniões dos jovens sobre si mesmo e os outros jovens do município, as limitações ou não em ser jovem em São Gonçalo e possíveis projeções em relação ao futuro;

Em cada entrevista levamos o termo de consentimento livre e esclarecimento (Apêndice A), uma lauda com questões referentes ao perfil socioeconômico, onde foram indagados dados como: nome, idade, e-mail, renda familiar, bairro onde mora, estado civil, se tem filhos e irmãos, sua escolaridade e a dos pais, tempo que mora no município e no bairro, se participa ou já participou de algum movimento juvenil e se frequenta alguma religião. Além disso, levamos dois mapas retirados do Google Earth, onde os jovens identificaram em um o que conheciam e no outro o percurso que mais frequentavam.

O caminho foi longo, as estradas variadas, conhecemos lugares que só havíamos ouvido falar, mas ao final conseguimos quatorze entrevistas com jovens que em alguns momentos se aproximam e em outros se distanciam, mas que exemplificam ao mesmo tempo o homogêneo e o heterogêneo, o singular e o plural.

4 TRAJETÓRIAS E ANÁLISES

Entendemos trajetória não como linearidade cuja premissa é a saída de um ponto e a chegada a outro bem definido, mas como percurso descontínuo, acidentado cuja finalidade é a autonomia e não necessariamente ser adulto, como se este tivesse uma única forma. Assim, buscamos encontrar os possíveis nexos do território na trajetória desses, dando visibilidade as peculiaridades e regularidades.

4.1 Trajetórias em foco

Como já explicitado foram muitas as barreiras para conseguir os jovens para as entrevistas, mas ao final conseguimos quatorze, sendo sete (três homens e quatro mulheres) de cada extremo estudado (dupla de distritos em comparação). Os critérios para escolha a princípio deram-se através da lista dos jovens separados como ideais para os grupos focais (como supracitado, aqueles que apresentavam como características: ter o Ensino Médio completo, que possuísse e-mail, homem abaixo de 24 anos e mulheres acima de 20, com tempo de moradia em São Gonçalo e no bairro de 5 a 10 anos). Por meio dessa seleção conseguimos ao todo nove jovens, sendo quatro dos distritos de Neves e São Gonçalo (três mulheres e um homem) e cinco de Monjolos e Ipiíba (duas mulheres e três homens).

Os outros seis jovens foram indicados dentre os outros participantes do Projovem Trabalhador, através da mobilização das redes de relações dos jovens já entrevistados, com o objetivo de encontrarmos mais jovens com perfil delimitado pela análise do cadastro e do questionário, e com disponibilidade para conceder entrevista acerca dos assuntos em pauta.

Antes de abordarmos as entrevistas, cabe um panorama de quem são esses jovens e quais as primeiras impressões ao me encontrar com eles. Vale ressaltar que os nomes dos jovens foram alterados, buscando respeitar a privacidade dos mesmos. Alguns desses nomes foram escolhidos pelos próprios jovens, dando-lhes capacidades para se identificarem na pesquisa.

4.1.1 Os jovens: perfil socioeconômico

Após as entrevistas, eram entregues aos jovens um perfil socioeconômico para que eles preenchessem. Esses perfis nos permitiram fazer um panorama geral do lugar de onde cada jovem nos falou (tabelas 9, 10 e 11). Os dados expostos abaixo são fidedignos a forma como foram escritos.

Tabela 8 – Perfil socioeconômico dos jovens entrevistados

Jovens de Neves e São Gonçalo					
Jovens	Idade	Renda familiar	Estado civil	Tem filhos	Religião
Renata	20	R\$ 1.000,00	Solteira	Não	Católica não- praticante
Quetruem	20	R\$ 1.000,00	Casada	Não	Católica não- praticante
Sandra	20	R\$ 1.500,00	Solteira	Não	Católica
Martha	25	R\$ 1.500,00	Solteira	Não	Evangélica
Bruno	24	R\$ 2.000,00	Casado	Não	Evangélica
Pedro	21	R\$ 800,00	Solteiro	Não	Católico
Otávio	25	R\$ 3.500,00	Solteiro	Não	Todas
Jovens de Monjolos e Ipiíba					
Tânia	24	R\$ 1.000,00	Solteira	Não	Evangélica
Tamara	29	R\$ 1.500,00	Casada	3	Católica praticante
Sofia	22	R\$ 1.500,00	Casada	1	Católica
Carla	21	R\$ 1.200,00	Solteira	Não	Católica
Saulo	26	R\$ 800,00	Casado	Não	Não
Victor	23	R\$ 1.000,00	Solteiro	Não	Evangélico
Leonardo	22	R\$ 6.000,00	Solteiro	Não	Evangélico

Fonte: Entrevistas realizadas

Tirando os extremos maiores e menores de renda em ambos os grupos, não há diferenças significativas, sendo todos praticamente do mesmo estrato social. Quanto a religião, também percebemos certa regularidade na comparação entre os jovens. Observando a idade média dos jovens percebemos que no primeiro grupo fica entorno de 22 anos e no segundo 24, sendo os de Monjolos e Ipiíba mais velhos do que os de Neves e São Gonçalo. Quanto ao número de casados, não há diferença significativa entre os distritos, mas há diferenças em termos de filhos, pois apenas em Monjolos e Ipiíba encontramos duas jovens com filhos.

Tabela 9 – Nível de escolarização dos jovens e dos seus pais

Jovens de Neves e São Gonçalo			
Jovens	Seu grau de escolarização	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe
Renata	Superior incompleto	Ensino Médio	Ensino Médio
Quetruem	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Fundamental
Sandra	Superior incompleto	Semi analfabeto	Ensino Fundamental (5a Série)
Martha	Pós Médio Técnico Completo	Ensino Médio	Ensino Médio
Bruno	Ensino Médio	Ensino Fundamental (5a série)	Ensino Fundamental (2a série)
Pedro	Ensino Médio	Ensino Fundamental (4a série)	Ensino Fundamental (4a série)
Otávio	Superior incompleto	Ensino Médio	Superior Completo
Jovens de Monjolos e Ipiíba			
Tânia	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Fundamental (5a série)
Tamara	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Fundamental
Sofia	Ensino Médio	Não tem contato	Ensino Fundamental
Carla	Superior incompleto	Ensino Fundamental incompleto	Ensino Médio
Saulo	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Victor	Ensino Médio	Ensino Fundamental (4a série)	Ensino Fundamental (3a série)
Leonardo	Ensino Médio	Ensino Fundamental (4a série)	Ensino Médio

Fonte: Entrevistas realizadas

Observando a escolaridade dos jovens, visualizamos que no primeiro grupo encontramos maior recorrência do ensino superior e uma jovem que cursou o Ensino Médio Técnico, já no segundo a recorrência é o Ensino Médio, havendo a exceção de uma jovem que está cursando o superior. Na escolaridade do pai também percebemos maior nível no grupo um, com quatro pais que terminaram o EM., dois com EF Incompleto e um semianalfabeto, enquanto, no segundo grupo há incidência está no EF e apenas um com o EM. Já em relação a escolaridade da mãe não percebemos muita diferença, tendo a maioria de ambos os grupos EF, a única exceção é uma mãe do grupo de Neves e São Gonçalo que possui Ensino Superior. Assim, observamos que há diferenças em termos de escolaridade tanto dos jovens como dos pais, mas não entre as mães.

Tabela 10 – Participação em grupos e demais associações juvenis

Jovens de Neves e São Gonçalo		
Jovens	Participou ou participa de algum movimento juvenil	Quais?
Renata	Sim	Grupo de teatro e Grêmio Estudantil no EM
Quetruem	Sim	Grêmio Estudantil
Sandra	Sim	Grupo Jovem da Igreja e Teatro
Martha	Sim	Grêmio Estudantil e Grupo de dança de salão
Bruno	Sim	Grupo Jovem da Igreja
Pedro	Não	
Otávio	Sim	Juventude do PT, Associação de Moradores, Grupo de Percussão de Movimentos Populares
Jovens de Monjolos e Ipiíba		
Tânia	Sim	Rede Jovem Evangélica
Tamara	Sim	Movimento de Jovens da Igreja, encontro de casais, retiro
Sofia	Sim	Retiro de Jovens na Igreja
Carla	Sim	Grupo de jovem na Igreja, Grupo de Hip Hop, bandas e grupo de esporte
Saulo	Não	
Victor	Não	
Leonardo	Não	

Fonte: Entrevistas realizadas

Quanto a participação em grupos e/ou associações juvenis verificamos diferenças tanto em relação ao número de participantes, maior no primeiro grupo, como aos tipos de movimentos. Em Neves e São Gonçalo, os jovens participam de grupos envolvendo a organização estudantil, a partidos políticos, a igreja e a movimentos culturais e apenas um jovem não participa ou participou de nenhum; já em Monjolos e Ipiíba três jovens não participa ou participou de nenhum movimento e dos que participam, todos remetem a igreja e apenas a Carla que além da igreja participa de outros movimentos culturais. Esses dados já nos instigam a refletir se não haveria certo “isolamento” de Monjolos e Ipiíba quanto a acessibilidade e disponibilidade de diferentes tipos de grupos e associações juvenis, além do destaque nesses distritos para o papel da religião.

Podemos observar que cada jovem possui suas peculiaridades, mas em algumas características percebemos certos traços em comuns. Por exemplo, nos distritos de Neves e São Gonçalo há entre os jovens entrevistados maior diversidade de grau de escolarização, sendo também os que possuem o maior número que participa ou participou de grupos ou associações juvenis, uma vez que em Monjolos e Ipiíba só as mulheres declararam participar e geralmente nos grupos relacionados à religião. De forma geral, o panorama traçado pelos

dados do perfil socioeconômico já nos permitem visualizar diferenças no estilo de vida desses jovens, que apontam para possíveis influências do território.

4.1.2 Primeiras impressões

De maneira bem sucinta relataremos as primeiras impressões do local e dos jovens entrevistados assim que nos encontrávamos.

Jovens de Neves e São Gonçalo

- **Renata:** o local escolhido por ela para dar entrevista foi a UERJ/FFP, pois segundo me explicou fazia parte do seu caminho diário, que abrange da UNIPLI (Universidade Plínio Leite) a sua moradia em Alcântara. Desde o princípio se mostrou receptiva, fazendo várias perguntas sobre a pesquisa, muito expressiva e indagadora, não se importando com o gravador.
- **Quetruem:** preferiu conversar comigo no shopping Bay Market em Niterói durante à noite, pois é seu horário de saída do trabalho (trabalha na companhia de luz AMPLA) e caminho para pegar o ônibus no terminal. Apresentou-se e demonstrou desde o início domínio de linguagem, sendo bem crítica e politizada, levantando problemas sociais e apontando falhas na administração pública. A entrevista transcorreu sem muita intervenção de minha parte, uma vez que ela abordava os aspectos relevantes antes mesmo de ser perguntada.
- **Sandra:** elegeu o shopping Bay Market para a entrevista. Ao responder as questões sempre foi direta e objetiva. Ao final me indicou para entrevistar Carla.
- **Martha:** a entrevista ocorreu em um banco no Niterói Shopping, no seu horário de almoço, pois trabalha na parte administrativa do shopping. Mostrou-se muito descontraída e interessada no tema da juventude. Em vários momentos parou para refletir nas respostas quando estas se mostravam muito particulares e em alguns expressou ser difícil e complicado fazer generalizações sobre os jovens.
- **Bruno:** preferiu me encontrar na Praça do Porto da Madama/Neves, em frente à Igreja Universal, no período da noite, pois durante o dia trabalha e a noite

frequenta essa igreja. Chegou bem descontraído e fazendo perguntas sobre a pesquisa. Demonstrou ser muito crítico e militante dos direitos civis, chegando ao final da entrevista me contar que participa de um projeto da igreja, denominado R16, que ajuda os jovens a tirarem os documentos e entrar em contato com seus direitos como cidadãos.

- **Pedro:** elegeu a UERJ/FFP por ser próximo a sua casa e por nunca ter entrado, sendo “uma boa oportunidade”, como ele mesmo expressou. A princípio, estava um pouco nervoso, mas essa barreira foi rompida pelo fato de nossos pais serem pescadores na Baía de Guanabara, deixando-o mais a vontade para expressar suas opiniões. Respondia as questões de forma direta, mas, várias vezes, parou para refletir, demonstrando ansiedade ao falar do futuro e desconforto com relação à questão do lazer.
- **Otávio:** como é aluno de pedagogia da UERJ/FFP nos encontramos durante o intervalo de sua aula. Bem desenvolvido começou fazer inúmeras perguntas sobre a pesquisa e seus objetivos. Desde o princípio marcou sua posição enquanto militante e participante do partido PT. Respondeu as perguntas ora de forma direta ora se distanciando como se não fizesse parte dos jovens que falava.

Jovens de Monjolos e Ipiúba

- **Tânia:** escolheu a Praça dos Bandeirantes, em Santa Isabel/Monjolos. Essa praça parece ser o ponto de convergência das pessoas, pois possui parada de ônibus para todos os lugares (centro de São Gonçalo, Niterói, Rio), vários comércios (bares, mercadinho, padaria), um autofalante que faz propaganda dos comércios e serviços do bairro, além de ser frequentada por pessoas de diferentes idades. No começo, parecia bem nervosa, principalmente com o gravador, respondendo de forma bem sucinta e direta. Ao final, já estava mais relaxada, fazendo brincadeira com a questão da falta de dinheiro, fez várias perguntas sobre a universidade e cursos, explicitando ser essa curiosidade que a fez participar da entrevista.
- **Tamara:** a entrevista foi realizada em uma loja de material de construção pertencente a ela e ao esposo. A loja ficava bem próxima à rodovia central de Rio de Ouro e ao valão (rio muito poluído) que atravessa os dois lados da pista.

Desde o início, foi simpática, falante e bem receptiva, contando sua história de vida e refletindo sobre seu passado. Ao final indicou a mulher de seu primo (Sofia) para ser entrevistada.

- **Sofia:** encontramos-nos em Ipiúba, estava carregando seu filho de 21 dias e me chamou para ir a sua casa. Antes disso, cabe ressaltar a dificuldade para chegar a essa localidade, pois de Niterói para lá só há ônibus de uma em uma hora durante a semana e apenas até às oito da noite. São uma hora de ônibus e até a casa de Sofia mais quinze minutos a pé em estrada de terra rodeada por valão. Para retornar a Niterói, como sai em horário cortado (cerca de 5:25), caminhei cerca de quarenta minutos até a rodovia principal para pegar um ônibus. Ela respondeu as questões de forma bem objetiva, parando para refletir em certos momentos e demonstrando certo incomodo com relação às perguntas relacionadas ao lazer e a descrever os jovens.
- **Carla:** o local escolhido foi a Faculdade Paraíso. Fomos apresentadas pela Sandra que estava com ela no momento. A princípio, aparentava certo nervosismo e desconfiança, respondia as questões de forma muito direta e sucinta, fazendo com que eu voltasse a indagar algumas questões mais de uma vez. No final, já havia relaxado e fazia várias perguntas sobre a universidade pública e algumas até pessoais.
- **Saulo:** pela falta de disponibilidade de tempo, escolheu o terminal rodoviário de Niterói, pois trabalhava lá em um estande da Sky. A princípio, pareceu bem constrangido. Respondeu todas as perguntas de forma objetiva e direta, demarcando seu problema com o horário, mas mostrando-se solícito a participar de eventuais encontros.
- **Victor:** escolheu em frente a sua casa, em Santa Luzia, para fazer a entrevista. Demorei cerca de uma hora e vinte minutos para chegar de Niterói até lá. Deu como ponto de referência a loja de roupa de sua mãe, que ficava próxima a uma praça. A princípio, fiquei meio receosa, pois já eram nove e meia da noite, as lojas estavam fechadas e haviam vários homens sentados nos bares e barracas no entorno. A entrevista foi feita na calçada. Durante todo o tempo se mostrou muito tímido e envergonhado, principalmente por ter que falar com o gravador. Em alguns momentos, principalmente quando falava de sua vida, do seu irmão, da questão do lazer e do seu futuro ficou um pouco sem graça,

explicitando inúmeras vezes que era evangélico. Quando terminou falou que se sentia aliviado, pois era muito tímido.

- **Leonardo**: marcou no centro comercial de Alcântara, chegando pontualmente e pedindo desculpas por no dia anterior ter desmarcado. A princípio, falou da dificuldade de ter tempo em decorrência de trabalhar e estudar. Respondeu as perguntas de forma objetiva, apenas quando o assunto envolvia política que se tornava reticente dizendo que era “complicado”. Ao final, explicitou que conhecia a prefeita e tinha familiares na política, não especificando quem e nem o cargo que ocupavam. Durante o começo da entrevista, demonstrou certo nervosismo, porém aos poucos foi relaxando e falando sobre si, suas experiências e expectativas.

De maneira geral, percebemos que dos jovens entrevistados apenas dois marcaram em suas residências, estes pertencentes aos distritos de Monjolos e Ipiíba, os demais preferiram locais que os identificavam com seus ambientes de trabalho e estudo, sendo que em Neves e São Gonçalo a maioria dos encontros (quatro ao todo) foi marcado em Niterói. Tornou-se evidente a dificuldade de acesso a ônibus dos jovens do segundo grupo, que enfrentam muitos obstáculos para se locomover para Niterói, por exemplo, demonstrando certo isolamento.

Com relação as características apresentadas pelos jovens durante as entrevistas observamos diferenças, uma vez que em Neves e São Gonçalo os jovens demonstraram maior interesse pela pesquisa e seus objetivos, sendo mais descontraídos e críticos; enquanto os de Monjolos e Ipiíba eram em sua maioria mais tímidos e reservados, respondendo de forma mais objetiva e direta.

Quando visualizamos a questão de gênero, percebemos que as mulheres em ambos os grupos sentiam-se mais a vontade que os homens, esses, normalmente, mais constrangidos e, no caso dos do segundo grupo, muito tímidos a ponto de expressarem alívio ao término da entrevista, mesmo já explicitando estarem mais confortáveis. Com relação a idade é possível perceber diferenças no que concerne as respostas referentes a importância dos estudos e a perspectivas futuras, mas no comportamento inicial das entrevistas não ficou evidente distinções como ocorreu com o gênero.

4.2 Olhar sobre as entrevistas

[...] transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade. (BOURDIEU, 1998, p. 710)

Após as transcrições das entrevistas separamos as falas nos tópicos e logo as agrupamos em subtemas a serem analisados. Em seguida, realizamos a leitura e interpretação das falas, fazendo um processo contínuo de análise e síntese de cada subtema, buscando encontrar as regularidades e singularidades que o território pode exercer sobre a transição para vida adulta desses jovens. Nessa análise dialogamos diretamente com as categorias mais gerais, que tentam atingir caracterizações mais amplas e abstratas, produzidas pela pesquisa que nos fornece suporte.

Assim, ao analisarmos cada tópico buscamos explicitar categorias que nos permitam compreender os processos e eventos que marcam a transição dos jovens entrevistados e os possíveis impactos do território.

No tópico escola e trabalho visamos perceber especificamente:

- sobre escola: o tipo de trajetória se é direta (cujos patamares de ensino seguem em processo contínuo, sem repetências, ingresso em curso de aceleração da aprendizagem ou abandono em cada um dos patamares de ensino) ou acidentada (onde o processo de escolarização é entrecortado de repetências, abandonos, ingresso em programas de aceleração de aprendizagem); em escolas públicas ou privadas; em escolas nucleares (os grandes centros de formação da região) ou locais; situação escolar atual, continua ou não estudando; a quantidade e os tipos de cursos de preparação/qualificação para o trabalho realizados (se há convergência entre os cursos realizados apontando uma área de atuação).

- sobre trabalho: a existência ou não de concomitância entre o ingresso no mundo do trabalho e a escolarização; a presença ou não de registro em carteira; o tipo de primeiro emprego (especialmente seu caráter manual ou não); panorama das experiências profissionais; e onde costumam procurar trabalho.

No tópico como é morar em São Gonçalo enfocamos nossa análise: nos aspectos bons e ruins enfatizados desse município (em relação a saúde, educação, infraestrutura, violência, transporte); o acesso a transporte; a relação estabelecida com a vizinhança (se há ou não rede de solidariedade); a rede de parentes e amigos (de onde são, se mantêm contato). Já no tópico referente à como se diverte observaremos principalmente o tipo de lazer, se é “doméstico”

(sendo quase que uma ampliação das relações familiares, ou de ampliação dos espaços da casa, por exemplo, frequentar praça, ficar na rua com os amigos...), “estruturado” (quando o tipo de lazer necessita de alguma infraestrutura, como ir ao cinema, teatro, etc.), ou, “ampliado” (congregando as duas características); a frequência a outros municípios; e o uso de internet (se utiliza redes sociais e quais objetivos – ter contato com os próprios amigos ou fazer novos).

Em seguida, no tópico circulação e horizonte de circulação em relação a outros municípios enfatizamos: o “grau” de circulação (ampla ou restrita) em São Gonçalo e nos outros municípios (especificamente Niterói e Rio); a frequência e o desejo em frequentar esses municípios; no tipo de circulação (a trabalho, lazer ou estudo); o desejo de mudar ou não do município.

Por fim, analisamos o tópico ser jovem em São Gonçalo ressaltando, principalmente, os aspectos do que é ser jovem; os limites ou não em ser jovem nesse município e a caracterização dos jovens de São Gonçalo.

- **Tópico escola e trabalho:**

- ❖ ***Escola:***

Analisando as trajetórias educacionais dos jovens podemos observar, no geral, que: o número de jovens que fizeram cursos configurando carreiras¹⁷ é maior em Neves e São Gonçalo do que em Monjolos e Ipiúba; nos distritos de Neves e São Gonçalo quase todos estudaram em escolas nucleares, muitas vezes mesclando entre escolas públicas e privadas, fizeram muitos cursos e buscaram empregos por diferentes formas e lugares, geralmente saindo do município. Em contrapartida, os jovens de Monjolos e Ipiúba, em sua maioria, são mais *enraizados*, estudando em escolas do bairro ou nas cercanias e aqueles que buscaram trabalho pela primeira vez preferiram concentrar seus esforços próximos as suas residências.

Cabe uma pausa para ressaltar que as categorias enraizamento/desenraizamento foram utilizadas inicialmente por Peregrino (2006) com o intuito de entender o modo de escolarização que marcava as trajetórias dos alunos no interior de uma instituição escolar, visando desmistificar as relações entre o “valor” do lugar ocupado (encarnado na turma) e o tempo de ocupação do mesmo. Enraizamento/desenraizamento eram, neste caso, indicadores

¹⁷ Foi possível perceber “tipos” diferentes de cursos, onde encontramos os cursos que consideramos como “básicos”, inglês, espanhol, cursos de informática, digitação, e cursos voltados para a capacitação em atividades mais dirigidas, como bombeiro elétrico, administração... Quando falamos nos cursos que configuram carreiras estamos tratando dos casos que agregam um conjunto de funções que caracterizam uma área de formação.

de “modos de escolarização”, expressando as formas desiguais com que os sujeitos experimentam suas relações para com os modos, também desiguais, de escolarização “oferecidas” pela instituição.

Mais tarde, durante a pesquisa (que inicialmente enfocava “as condições de escolarização do Leste Metropolitano do Rio de Janeiro” e depois a juventude em sua relação entre escola/trabalho/território) e no percurso de minha monografia nos debruçamos nessas categorias e nas contribuições de Norbert Elias e John Scotson (2000) referentes às categorias sociológicas de estabelecidos¹⁸ /outsiders para tentar compreender a realidade desigual que marcava a distribuição dos aparatos públicos, principalmente escolas nos distritos de São Gonçalo.

Passamos, então, a entender que os estabelecidos/enraizados eram os distritos já integrados, permanecidos desde longa data, tendo alto grau de coesão e certo controle social capaz de pressionar o poder público por aparatos, enquanto os outsiders/desenraizados seriam os “excluídos”, as ocupações mais recentes ou precárias. Através de inúmeras análises e algumas conclusões, percebemos que em São Gonçalo os aparatos públicos se concentram nos bairros, provavelmente mais enraizados/estabelecidos, ou seja, nos provavelmente mais antigos e consolidados cujo reflexo é visto através da grande fragmentação territorial¹⁹ que configura o conjunto desses bairros em torno dos principais distritos - São Gonçalo e Neves. Em contraste, encontram-se os de ocupação mais precária, apresentando enormes desprovimentos e indicadores de pobreza (menos escolarização, empregos mal remunerados, ausência de infraestrutura...), sendo os verdadeiros outsiders.

Aqui essas categorias são utilizadas visando entender o grau de permanência e incorporação do território pelos jovens desse município marcado por essas desigualdades. Entretanto, nossa análise aponta que os jovens enraizados não são estabelecidos, pelo contrário acabam configurando os outsiders. Observamos que a permanência no lugar de residência não quer dizer necessariamente apropriação efetiva do território de sua cidade e menos ainda expansão da circulação e do seu horizonte circulação, uma vez que os jovens dos distritos mais estabelecidos são os que mais circulam e apropriam-se de diversos territórios

¹⁸ Categoria analítica utilizada por Norbert Elias e John Scotson (2000) em seu livro *Os estabelecidos e os Outsiders*, que buscava entender a realidade social de um bairro operário, desmistificando o desequilíbrio de sua “balança de poder”, através da categoria antiguidade, sendo esta uma das categorias sociológicas que fundamentaram as de Peregrino.

¹⁹ Partimos do pressuposto que para que haja fragmentação territorial, mesmo sendo na escala das divisões dos bairros, é necessário certo grau de apropriação e construção de identidades territoriais, tendo certo grau de coesão e controle social capaz de pressionar o poder público por aparatos. Podemos perceber que o distrito mais fragmentado é a sede do município e os demais segue em gradação cuja extensão territorial não condiz com os números de bairros, nos levando a pensar nas categorias proposta por Norbert Elias e John Scotson.

tendo seu lugar identitário muito além das fronteiras administrativas dos municípios. Em contrapartida, os jovens mais enraizados, geralmente dos distritos outsiders, são os que apresentam menos circulação se restringindo ao lugar de moradia, convergindo com o já apontado por Bourdieu (1998) que a precariedade prende ao lugar.

Retornando as análises, estudar em escolas nucleares significou para a maioria desses jovens: ampliar seus horizontes de circulação, principalmente quando essas escolas ficavam em outros bairros e, mais especificamente, em outro município, fazendo com que eles se locomovessem por diferentes espaços; aumentar sua rede de contatos para além dos vizinhos; ter a possibilidade de participar de diferentes movimentos juvenis oferecidos por essas escolas bem estruturadas seja grupos culturais (teatro, esporte, dança) ou organização estudantil (grêmio). Ao abordarmos a circulação estamos buscando apreender seu grau de deslocamento na região e nos núcleos urbanos próximos, enquanto que o horizonte de circulação remete tanto ao “desejo” de ampliar ou não esse acesso como também a expectativa de apropriação desses diferentes territórios.

As três jovens que estudaram nessas escolas nucleares, principalmente no Ensino Médio, em Niterói, são pertencentes aos distritos de Neves e São Gonçalo, elas relataram as dificuldades relacionadas ao transporte e aos inúmeros engarrafamentos, o que representava ter que acordar muito cedo e chegar tarde a casa, mas ressaltaram também a importância desse período para conquistar maior autonomia, conhecer outros lugares e fazer novas amizades capazes de promover a circulação, por exemplo, saídas para boates, praias, etc., como expresso em dois momentos na fala de Quetruem:

“[...] mas você já penso... uma garota de 14 anos tendo que acordar cinco horas da manhã e chegar em casa quatro horas da tarde porque tinha que vir estudar em Niterói, eu, na época achava um absurdo porque perdia é... grande parte do meu dia pra locomoção pra eu vir estudar”

“[...] quando eu tinha algum trabalho pra fazer, aqui no Liceu, de pesquisa mesmo, eu ia muito pro Rio, então eu comecei a gostar disso, dessa locomoção, é conhecimento você ir pra outros lugares, então, eu sempre me dei bem com essa coisa de me locomover, se tivesse que fazer um trabalho na casa de um amigo que morava longe eu ia, já fui pra Petrópolis fazer um trabalho, porque um amigo morava lá, é... eu passei a me locomover mais depois que vim estudar em Niterói, porque era colégio Estadual, agente tinha a oportunidade de usar o Riocard para poder se locomover, então foi nessa época que eu decidi me locomover.”

Podemos perceber que não é por acaso que as jovens que foram estudar em Niterói são dos distritos de Neves e São Gonçalo, pois se estas já explicitaram os problemas com transporte e trânsito tornar-se-ia inviável para os jovens das localidades mais distantes, que geralmente não tinham nem o conhecimento da visibilidade de certas escolas. Assim, no caso

desses jovens o problema não está apenas na distância das escolas ou no fato de ser em outro distrito ou município, mas na possibilidade de acesso até elas, no grau de isolamento e urbanização dos locais de suas residências, ou seja, da infraestrutura que dispõem.

Diferente das escolas nucleares, nas escolas locais, os jovens experimentavam maior enraizamento e maior incorporação do seu próprio lugar de vivência, muitas vezes se restringindo a este e explicitando a necessidade de demarcarem logo no princípio que as escolas que estudaram eram muito boas, incorporando a defesa delas como extensão das suas residências e até de si mesmo, visível, por exemplo, na fala de Tânia:

“Escola é ótima! Eu estudei numa escola muito boa, o ensino, CIEP 122 Professora Emerzinda Dionísio Neco. Essa escola foi muito boa, eu estudei nela da 4ª série até concluir tudo, o Ensino Médio. Lá foi muito bom, nunca faltou professor, eu sempre ouvia pessoas reclamando na televisão, reportagens de falta de professores de matérias para isso para aquilo, mas ali nunca teve reclamação... aqui sempre foi muito bom. Escola aqui é muito boa! Não tenho do que reclamar... professores são ótimos, educação de excelência e pública, né. Eu sempre estudei em escola pública então muito bom.”

Dessa maneira, percebemos que a distinção entre escola local e nuclear dependente da localidade da residência, ou seja, o critério que norteava a eleição da escola era a proximidade e não o grau de visibilidade das mesmas. Se o jovem morava em uma localidade mais central geralmente estudava em uma escola nuclear e quanto maior o isolado maior também a probabilidade de só estudar em escolas locais. É exatamente na hora da eleição da escola que reside à primeira evidência explícita do papel do território na vida desses jovens, pois morar em uma localidade central ou mesmo que afastada, mas com boa infraestrutura (transporte, asfaltamento) e próxima à rodovia permite um leque de opções muito maior. Ou seja, as famílias e os jovens tem que ter DUAS coisas à disposição: possibilidade de chegar ao local da escola nuclear – transporte, via de acesso, etc. e informação acerca da variabilidade e diversidade de instituições disponíveis.

Quando focamos essa mesma análise, dos tipos de escolas frequentadas, olhando para o gênero percebemos maior enraizamento dos homens, cuja maioria estudou em escolas próximas a seus bairros, um dado importante é que dos seis homens, quatro são filhos de migrantes, todos sendo a primeira geração nascida ou morando desde novo em São Gonçalo. Não sendo por acaso esse enraizamento em decorrência da falta de conhecimento prévio das visibilidades das escolas, por exemplo.

Em relação ao tipo de experiência de escolarização visualizamos que em Neves e São Gonçalo quatro jovens (dois de cada gênero) tiveram escolarização direta e três reprovaram pelo menos uma vez, enquanto que em Monjolos e Ipiíba apenas uma jovem teve uma

reprovação. Cabe ressaltar que são exatamente os jovens do primeiro grupo que mais tiveram passagem entre escolas públicas e privadas e mudanças de escolas.

Focando a análise nos quatro jovens que cursavam o Ensino Superior, no momento da entrevista, observamos, primeiramente, que três são mulheres e apenas um homem, desses apenas uma jovem pertence a Monjolos e Ipiíba, logo a importância dada por eles à educação como forma de distinção entre a família e os amigos. Entretanto, percebemos uma diferenciação entre eles, pois segundo as falas de dois dos jovens de Neves e São Gonçalo estudar no nível superior era quase uma “obrigação” incentivada por suas famílias, especialmente pelas mães.

"[...] incentivar-me não é a palavra certa é mais ou menos fui levada, a minha mãe, ela sempre falou 'você tem que fazer uma faculdade não importa do que seja, mas você tem que fazer e meu pai também', apesar de nem tanto como minha mãe que sempre falou que eu tinha que fazer curso, que eu tinha que fazer faculdade e a carreira [...]" (Renata, Neves)

"A princípio eu escolhi História, mas eu tenho a educação como exemplo dentro de casa. Minha família sempre veio de uma família de educadores, minha mãe é pedagoga, minha avó também foi professora e assim por diante. Então, assim, essa linha da educação sempre foi uma meta para mim, mas não a Pedagogia em si. A Pedagogia eu aprendi a gostar e conhecer a partir de minha mãe." (Otávio, Neves)

Já na jovem do outro grupo de distritos, visualizamos a importância da escolarização como forma de demarcação da superação e distinção dos “outros” e da família.

"Estudar o ensino superior abre portas no sentido de tentar buscar o melhor, tentar sair da família com um pouco de cultura a mais, com um pouco de conhecimento para buscar emprego e no sentido de você começar a enxergar o melhor para você. São poucos os que conseguem fazer o ensino superior, principalmente pela renda, né. E, buscam trabalho que não dá oportunidade e aí ficam naquela... presos. Aí tem a família que repete que tem que trabalhar, se sustentar, constituir família e tal [...]" (Carla, Monjolos)

Analisando o nível de escolaridade dos jovens, todos apresentaram maior escolaridade que seus pais, nos remetendo a questão abordada por Bourdieu (1983) da desqualificação dos títulos pela raridade e pelas lutas de classificação, onde os conflitos de geração geralmente são marcados por sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes, sendo por meio dessa desqualificação estrutural que normalmente ocasiona uma espécie de desencantamento comum a toda geração.

A expansão da escola a partir da década de 1990 trazendo para seu interior parcelas cada vez maiores dos jovens das classes populares gera transformações não só na própria instituição, causando, como já apontado anteriormente, a precarização da escola e do ensino;

como também na transição para vida adulta desses jovens. Há formas diferentes e desiguais de se experimentar a escola, pois quando observamos apenas um dos aspectos, no caso, se as escolas são nucleares ou locais, percebemos que o tipo de escola faz toda a diferença na infraestrutura que disponibiliza, na rede de sociabilidade que gera, na ampliação tanto da circulação como do horizonte de circulação dos jovens. Assim, estudar em uma escola ou em outra faz toda a diferença, significando para além da qualidade do ensino ter um leque de opções disponível ou não. Entretanto, a escolha pelo tipo de escola só é possível mediante o conhecimento prévio e a oportunidade de acesso, ambos fatores muitas vezes negados dependendo do grau de pertencimento/conhecimento do território e do isolamento vivenciado.

❖ *Trabalho:*

- **Trajetórias laborais**

Quando observamos a trajetória laboral dos jovens podemos perceber que, assim como vem ocorrendo com as novas gerações principalmente a partir dos anos 90, a primeira experiência de todos os jovens, de ambos os grupos, foram ou no comércio ou em serviço. A única incidência de jovens que não trabalham e nem estudam encontramos nos distritos mais extremos (Monjolos e Ipiíba); tanto o número de jovens que possuem carteira assinada como os que concentram maior escolaridade encontra-se em sua maioria no primeiro grupo.

Um dado importante remete a concomitância entre escola e trabalho, geralmente no Ensino Médio, apresentada por sete jovens, a maioria são do primeiro grupo e mulheres (apenas dois homens). Os debates mais recentes sobre essa temática já veem apontando para o fato dessa concomitância não ser necessariamente algo negativo, onde o trabalho acabaria por atrapalhar o estudo, mas que varia de acordo com o tipo de trabalho exercido e com a variedade de meios e projetos de inserção que congrega.

Os quatro jovens de Neves e São Gonçalo, que relataram ter vivenciado essa concomitância, tiveram trabalhos ou com carteira assinada ou em programas do governo voltados para essa interação (no caso, Programa Jovem Aprendiz), desses, três continuaram seus estudos, dois estão cursando a faculdade e uma terminou o ensino técnico.

“[...] eu trabalhei na recepção de uma escola que dava cursos, só que eu era estagiária, foi na época que eu fiz curso de recepção, me ofereceram o estágio, haveria a possibilidade de efetivar a carteira, mas eu não via aquilo como um crescimento profissional, serviu claro pra acrescentar, mas não pra mostrar que eu queria aquilo, então, por isso que sai de lá, não quis e fui buscar mais cursos, foi quando entrei no Projovem” (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

"[...] trabalhei, quando eu tinha 16 anos eu comecei como jovem aprendiz na drogaria tamoio fiquei 11 meses só que eles estavam acabando com o jovem aprendiz e então contratando, só que eu fazia curso de inglês e estudava, então ou eu tinha que terminar o curso de inglês, que tinha uns quatro anos e faltava um ano pra eu terminar, ou parava de fazer o curso de inglês e aceitava o emprego. Decidi sair do emprego, ai... depois trabalhei durante um ano e um mês nas lojas Americanas" (Renata, Neves e São Gonçalo)

"Comecei a trabalhar com dezesseis e meio, dezessete numa confecção de roupas no Jardim Catarina. Foi com carteira assinada. Na verdade, meu primeiro emprego foi trabalhando em uma pastelaria, mas fiquei só três meses só porque eu tava estudando. Depois eu consegui pegar esse, fiquei mais ou menos quatro meses, porque estava ficando muito cansada não tava conseguindo estudar. Aí graças a Deus eu consegui terminar meus estudos. Fiquei um tempo parada, mas sempre trabalhei nunca tive corpo de criança de dezesseis e dezessete anos, então... trabalhava bastante" (Martha, Neves e São Gonçalo)

"[...] eu sempre trabalhei desde a minha infância. Não, meu primeiro emprego foi na cerâmica de tijolos lá pros meus dez o onze anos, mas era um serviço tranquilo não era extremo não. Mas aí que tá, lá em Campos, é uma realidade as crianças começam a trabalhar cedo, era meio padrão. Não era que eu necessitava, mas sim que culturalmente as crianças começavam a trabalhar mesmo e eu sempre fui autônomo nunca gostei de depender de pai e mãe e então optei por trabalhar, e a maioria dos meus colegas trabalhavam também nesse lugar, era uma forma de estar com eles também." (Otávio, Neves e São Gonçalo)

Já os três jovens de Monjolos e Ipiúba que vivenciaram essa situação tiveram trabalhos sem carteira assinada, ligados a "bicos", visíveis através das falas:

"[...] trabalhava, eu comecei a trabalhar com treze anos, como eu estudava de manhã trabalhava a tarde fazendo unhas, sempre fui independente." (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

"Comecei a trabalhar com 17 anos na Ilha do Governador na recepção de salão de cabeleireiro, depois terminei o segundo grau e tive minha primeira carteira assinada na padaria, depois trabalhei sem carteira numa ótica, era caixa, e trabalhei também numa loja de vender sinucas aqui perto, e, hoje, trabalho por conta própria no meu negócio. Na área de enfermagem eu até comecei, consegui uma vaga na SAMU fiquei feliz, mas aí eu descobri que estava grávida, como tive que ficar um mês de treinamento, pois não tinha experiência, conversei e sai, não fiquei triste, tive minha filha." (Tâmara, Monjolos e Ipiúba)

"Eu comecei a trabalhar com carteira assinada aos 20 anos, mas antes eu trabalhava com meu pai, ele tinha uma van de lotada e eu trabalhava com ele, cobrando e tal." (Saulo, Monjolos e Ipiúba)

Observando a trajetória laboral desses jovens, mais especificamente o primeiro e último emprego e a situação atual, percebemos certa distinção entre os grupos. Em Neves e São Gonçalo apesar de o primeiro emprego de todos os jovens serem em comércio, estes eram com carteira assinada e/ou como meio de socialização, no caso de Sandra com o teatro e de Otávio na fábrica de tijolos. No decorrer de suas experiências fizeram vários cursos indo desde os básicos até o que geralmente configuravam numa carreira (mesmo essa não sendo normalmente a de atual atuação). Todos no

momento da entrevista estavam trabalhando com carteira assinada, com exceção de Renata e Sandra ambas universitárias procurando estágios em suas áreas.

Em contrapartida, em Monjolos e Ipiíba encontramos maior heterogeneidade e precariedade de trajetórias laborais indo desde os jovens que nunca tiveram nenhuma experiência ou tiveram apenas uma, passando pelos que tiveram a primeira experiência fazendo bicos até os que sempre trabalharam no comércio ora com carteira assinada ora não. Quando observamos os cursos percebemos que a maioria só fez os cursos básicos (línguas, e normalmente o Projovem, e alguns de informática básico), dos que fizeram cursos configurando carreira encontramos Tamara em enfermagem, Leonardo na área de informática e Carla que hoje é universitária na área de convergência de seus cursos, isto é, administração. Apenas Sofia, Saulo, Leonardo e Victor estavam trabalhando com carteira assinada todos no comércio, com exceção de Leonardo que trabalhava em uma prestadora de serviço para o Ministério Público.

Esses dados nos levam a refletir nas questões relacionadas entre as duas principais instituições de sociabilidade que marcam essa posição social de transição dos jovens: a escola e o trabalho. Como podemos observar para alguns jovens, especialmente de Neves e São Gonçalo, a concomitância ocorreu quase como um prolongamento dos seus estudos, um treinamento, uma forma de experimentar sua qualificação (geralmente relacionadas a cursos feitos), entretanto quando o trabalho começava a interferir no estudo era abandonado de imediato. Diferentemente, de outros jovens, principalmente do segundo grupo, cuja concomitância ocorreu quase como uma necessidade de sobrevivência, de ajudar a subsistência da família, realizando atividades manuais/“bicos”, sem necessariamente configurar uma possível carreira.

- Buscando emprego

Quando o assunto era a forma de buscar emprego podemos observar a importância das redes de sociabilidade, pois a maioria dos jovens de ambos os distritos destacaram a indicação de amigos e familiares como forma recorrente de conseguir emprego. Nesse aspecto novamente a influência do território fica visível, pois quanto mais enraizado, possuindo vínculos mais restritos ao lugar de vivência menor será as chances de ampliar seu campo de possibilidades. Também ganharam destaque a distribuição de currículos via internet e cadastro nas agências de emprego.

Comparando os locais de busca de emprego observamos que nos distritos do segundo grupo os jovens, principalmente as mulheres, que estudaram em escolas locais, nunca trabalharam ou quando trabalharam eram próximos as suas residências, sendo também os que mais se restringiram a buscar trabalho nas cercanias e no centro do município, sempre

alegando, para não expandir seu campo de busca, a violência das outras localidades, o desgaste que o deslocamento geraria no dia a dia, o dinheiro a ser gasto, e/ou a incorporação da preferência por ficar perto de casa. Dos jovens desses distritos que preferem buscar trabalhos em Niterói e no Rio são os que procuram trabalhos especializados em suas áreas de atuação e/ou residem mais próximos a BR101²⁰.

“Deixei currículos em bastantes lugares que não me lembro agora, mas nenhum me chamou. [...] Mais por São Gonçalo, Alcântara e próximos a minha residência que ficava melhor e mais perto para mim.” (Victor, Monjolos e Ipiúba)

“[...] eu procuro via internet, jornal e às vezes eu saio, retiro um dia fecho aqui e vou pra Niterói, em SG não procuro, acho que tenho até que tentar mais, vou em loja entrego o currículo, na verdade eu faço mais pela internet, o foco principal é Niterói, ponho no Rio também, mas o que acontece é que, é difícil contratar quem mora aqui por causa da passagem, então é complicado já aconteceu de eu fazer uma entrevista e ter que pegar mais de dois ônibus, aí tive que mentir pra não perder o emprego, se você fala que precisa a empresa não quer ficar com você, não que ela esteja errada é um custo muito grande pra empresa, mas é complicado pra gente também, não tenho culpa de morar tão longe.” (Tamara, Monjolos e Ipiúba)

“Sempre coloco currículo por aqui, por Alcântara, pelo centro de São Gonçalo não vou muito, mas em Alcântara sempre deixo nas lojas no Natal, mas nunca chamam... Esperar a vontade de Deus.” (Tânia, Monjolos e Ipiúba)

Em contrapartida, todos os jovens de Neves e São Gonçalo declararam preferirem procurar trabalho principalmente em Niterói e Rio, alegando ser melhor a remuneração e maior o mercado trabalho em suas profissões, em contraste com a disponibilidade do município cujas oportunidades são voltadas para o comércio e serviços.

“Não em São Gonçalo não tenho o hábito (de distribuir currículo), até porque nem sempre você consegue arranjar estágio em SG. Em São Gonçalo é mais emprego e é mais difícil encontrar emprego de meio dia ou o resto do dia, porque eu faço faculdade de manhã.” (Sandra, Neves e São Gonçalo)

“[...] já procurei emprego em Niterói, já fui ao Rio, Copacabana, Ipanema, Centro, mas em São Gonçalo, São Gonçalo mesmo só lá no cine que fica no Alcântara e na subprefeitura, mas também não tem” [...] “Trabalho tem muito, mas emprego tá muito difícil. Quando procuro é sempre Rio e Niterói, SG menos, não porque tem menos ofertas, mas porque a remuneração é menor.” (Renata, Neves e São Gonçalo)

“É colocava (currículo) mais para Niterói e Rio, porque acho que lá a oferta de emprego é bem mais ampla que aqui e bem melhor também.” (Pedro, Neves e São Gonçalo)

Um dos problemas encontrados em boa parte das entrevistas remete as questões do mundo do trabalho, sendo sempre retratadas as dificuldades em conseguir emprego, mesmo às

²⁰ Principal rodovia que corta o Município de São Gonçalo, também conhecida como Translitorânea.

vezes tendo qualificação, e as limitações do próprio município. Assim, podemos observar duas falas que exemplificam e resumem bem o que todos ressaltaram:

“[...] em SG, sinceramente, não existem perspectivas na verdade de ter um trabalho no município, ou você trabalha em lanchonete, ou vendendo roupa, ou em supermercado, é... não foi esse o planejamento que eu fiz, eu não estou completamente preparada, mas eu me preparei até aonde eu pude, tive oportunidades até mesmo pela minha escola ou não, tive que tirar do meu bolso, tive que tirar uma renda, que seria pra outra coisa, pra poder pagar uma coisa a mais, pra eu ter um ensino melhor” (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

“[...] busquei emprego, corri pra cá e pra lá, ai todo mundo me falava a gente quer uma pessoa que tenha experiência na área de trabalho, que tenha não só qualificação, mas que saiba mexer... eu não tenho experiência, mas tenho a qualificação eu queria a oportunidade pra poder mostrar o que eu aprendi, e eu não tinha.” [...] “eu não faço o que queria fazer, esse é o problema de muita gente hoje... até mesmo um amigo meu que fez faculdade, se formou e trabalha numa área que nem mesmo ele acredita que está trabalhando, entendeu, por essa falta de oportunidade, então, não só comigo mais com muitos amigos meus passam por esse problema” (Bruno, Monjolos e Ipiúba)

Através das falas dos jovens percebemos três problemas centrais: um, a ausência de perspectivas no município; dois, a necessidade de experiência; e três, o desencantamento com o mundo do trabalho por gerar a necessidade de trabalhar não em sua formação e pretensão, mas no que aparecer. Esses dados já nos apontam que não é por acaso que alguns jovens acumulam indicadores de precariedade, pois são os mesmos jovens que apresentam enraizamento no território, estudam em escolas locais, procuram empregos pelas proximidades, têm trajetórias laborais marcadas por impasses e dificuldades de inserção, servindo muitas vezes como moeda de troca e ocasionando grande desencantamento e frustração.

Vera Telles (2006) explicita como esse constante entra-e-sai do mercado de trabalho recai sobre os mais jovens, pois estes já entram num mundo revirado, onde o trabalho precário e o desemprego já compõem um estado de coisas com o qual se tem que lidar. Assim, essa geração congrega jovens que se lançam no mundo do trabalho no momento em que ocorre simultaneamente o encolhimento dos empregos e a precarização do trabalho.

Analisando a conjuntura mais geral, que norteia a questão do trabalho abstrato nas sociedades contemporâneas, nos deparamos com as reflexões de Virgínia Fontes (2005). A autora explicita a mudança na estrutura produtiva deixando claro que hoje não importa o que é produzido e de que forma é produzido o que está em voga é a mais-valia, subordinando cada vez mais a força de trabalho ao mercado e ao capital. Aponta que das últimas décadas do século XX, com o comando da estrutura produtiva passando para o sistema financeiro, vem ocorrendo a expropriação cada vez maior da produção em benefício de um grupo restrito e

uma nova e potente apropriação da força social do trabalho, ocasionando à maior precarização do trabalho e a fragmentação e enfraquecimento do indivíduo.

Ressaltando especificamente o impacto das mudanças recentes na estrutura dos mercados de trabalho nas condições de inserção dos jovens Nadya Guimarães (2006) aponta para a importância, tanto macrossocial quanto individual, tanto estrutural como subjetiva, da experiência vivida por essa geração de jovens brasileiros no que concerne ao movimento de autonomização de *status* via inserção no trabalho. Enfatiza que esta vem ocorrendo de forma custosa, marcada por percalços, cuja transição parece estar sendo desafiada por um contexto de reestruturação do mercado e das relações de trabalho, que torna o provisório e transitório ensaio e erro (da assim chamada busca “juvenil” por uma adequada inserção) uma sorte de fato generalizada e de inquietante duração. Explicita que mesmo num contexto de crescente fragilização de vínculos, que afeta a todos, a maneira como tal fragilização atinge parece ser específica dada à etapa do ciclo de vida em que cada grupo de idade se encontra.

Dessa maneira, percebemos que o trabalho assim como a escola são dois fatores que marcam diretamente a transição para vida adulta desses jovens, não só pelas escolhas no presente, como também futuras, e acabam sendo influenciados explicita ou implicitamente pelo território, seja através da infraestrutura que congrega (escolas nucleares, saneamento básico, transporte, cursos, mercado de trabalho, etc.), da possibilidade de escolhas que oferece, seja pela visibilidade que disponibiliza das políticas públicas presentes no município. Não sendo por acaso que o isolamento territorial de algumas localidades ocasiona uma junção de restrições e de impossibilidade de maior e melhor apropriação educacional e laboral.

- **Tópico como é morar em São Gonçalo:**

- ❖ ***Aspectos Positivos e Negativos***

Nesse tópico analisamos o que os jovens abordaram como pontos positivos e negativos de São Gonçalo. Percebemos que todos os jovens, de ambos os grupos, ressaltaram a tranquilidade como a melhor característica do lugar onde residem, sempre especificando mais o bairro de moradia do que o município, inclusive muitas vezes estabelecendo a diferença entre eles. A única exceção foi Otávio que explicitou que a violência era o principal ponto negativo, tendo como comparação a sua cidade natal, Campos.

Os jovens de Neves e São Gonçalo, geralmente, antes de apontar os aspectos bons e ruins falavam que gostavam de SG, entretanto, ressaltavam sempre que “apesar do que os outros dizem...”, mostrando certa necessidade de expor os estigmas que rotulam o município

antes de opinar. A necessidade de justificar gostar de São Gonçalo já se apresenta como um sinal que marca a relação desses jovens com o município, demonstrando terem consciência da “fama” do município pelo contato com os de “fora”. Contato este presente desde muito cedo por meio da escola, dos locais de lazer, geralmente em Niterói e/ou pelo trabalho.

"Assim, todo mundo fala que morar em São Gonçalo... ah morar em São Gonçalo é uma merda é uma roça que não serve pra nada e tal, mas acho que pelo menos o lugar que eu moro, claro que São Gonçalo tem lugares que são perigosos e tal que também tem tráfico e tudo, mas pelo menos o lugar que eu morro é tranquilo, sempre foi tranquilo, tranquilo até demais..." [...] "Hoje em dia..., tipo é terra, como dizem, terra de Malboro, sem lei, terra de ninguém" (Renata, Neves e São Gonçalo)

"A maioria das coisas que eu faço não é em São Gonçalo, mas eu gosto de São Gonçalo. De bom lá eu acho que é o lugar, não tendo muito lugar violento não, são poucos e os que são, são bem escondidos e bem longe da minha casa." (Sandra, Neves e São Gonçalo)

"Eu curto morar aqui, acho bom. Muita gente não gosta, mas sei lá, acho que me simpatizei com o lugar mesmo, acho que eu não sairia daqui para morar em outro lugar não. [...] De bom acho que aqui é mais a questão de convívio, aquela coisa bem mais familiar, todo mundo mais na sua, tranquilo, que é algo de positivo para SG." (Pedro, Neves e São Gonçalo)

Já os jovens de Monjolos e Ipiúba, de um modo geral, ressaltaram mais os aspectos positivos (a tranquilidade, a rede de amigos e solidariedade existente) do que os negativos.

"Eu já estou acostumada a viver aqui, né. Então é como assim [...], pra mim aqui é o melhor lugar, porque eu moro aqui. Então se eu for para outro lugar vou sentir totalmente a diferença. Mas é muito legal tem várias oportunidades, como cursos, dança, temos oportunidades de estar atuando na área que nós aprendemos, e é isso.[...]" (Tânia, Monjolos e Ipiúba)

"Gosto de morar aqui. [...] De bom, por exemplo, embora Ipiúba seja um lugar meio interior né, meio não totalmente interior, porque é um lugar mais afastado de tudo, mas é um lugar calmo, é um lugar quieto, eu gosto da vida agitada lá de fora, mas tem horas que eu prefiro o silêncio." (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

Quando observamos apenas os aspectos negativos encontramos nas falas dos jovens os problemas estruturais do município, já bem conhecidos de todos, relacionados à infraestrutura (saneamento básico, asfaltamento...); as precárias condições da saúde, educação; ausência de equipamentos e estabelecimentos de lazer; impasses do mercado de trabalho; trânsito e transporte. Entretanto, visualizamos nuances nas abordagens dos jovens dos distritos analisados. Nas falas dos de Neves e São Gonçalo é recorrente a crítica a todos esses aspectos, principalmente ao lazer, saúde e educação, sendo também nesse grupo que aparece a questão

do desconhecimento do município perante “os outros” (particularmente dos moradores do Rio) como um dos impasses que configurava um aspecto a ser destacado.

“De ruim é na questão de emprego, o mercado de trabalho, a gente tem que sair daqui, se deslocar pra uma outra cidade, no caso, o Rio e lá conseguir aquilo que a gente quer, trabalho, uma oportunidade, essas coisas que faltam aqui. Na área da saúde também, poxa, está precária as pessoas lutam pra conseguirem ser atendidas, pra terem um bom atendimento... e na parte de urbanização, de saneamento é precário [...]” (Bruno, Neves e São Gonçalo)

“Antigamente você falava, você ia pro Rio e perguntavam ‘você mora aonde?’ em SG, São Gonçalo as pessoas faziam cara feia. Era horrível. Por exemplo, eu moro próximo do Castelo das Pedras, então era o local pra eu falar Castelo das Pedras, todo mundo fica assim ‘nossa, próximo Castelo das Pedras no Porto Velho’, só assim pra as pessoas reconhecer. Se não as pessoas imaginavam que eu morava na roça (risos). Era horrível aquela questão do desconhecimento. Hoje tá bem mais conhecido.” (Martha, Neves e São Gonçalo)

Em comparação, os jovens de Monjolos e Ipiíba abordam como aspectos negativos, principalmente o saneamento relacionado à enchente e ao lixo nas ruas, realidade com que têm que lidar.

“Eu não gosto da parte que é muito largado, as ruas não têm lixeiro pra limpar... O lado ruim é essa parte que eu acho muito jogado, deveria ter mais cuidado com o esgoto, que agente não tem, ter sempre garis nas ruas limpando...” (Tamara, Monjolos e Ipiíba)

“Quando não tem chuva, quanto tem chuva é um caos, é horrível, por exemplo, essa rua onde eu moro a prefeita veio e fez uma obra logo no início da rua, de saneamento básico né, botando manilhas de esgoto, mas vive alagada, quando dá chuva acabou, vira um rio, só sai daqui de barco ou então eu tenho que subir aqui por cima, pra poder sair.” (Sofia, Monjolos e Ipiíba)

Já com relação à saúde e a educação, nos deparamos com a necessidade desses jovens (do segundo grupo de distritos) em deixar claro que tiveram boas escolas, antes de explicitarem que ambos os aspectos precisavam de melhorias, e, ao abordarem as precariedades, comparavam normalmente a outros lugares, por exemplo, Niterói. Fica evidente nas falas à defesa do lugar, pois ao fazerem uma crítica geralmente essa era estendida não apenas ao município, mas aos aspectos ruins presentes em nossa sociedade como um todo, sendo ilustrado pela fala:

“Por aqui você ainda encontra escolas boas, pelo menos isso ainda não foi perdido. [...], embora os alunos não cooperem, né, não aprendem porque não querem, mas a parte de educação é boa.” (Sofia, Monjolos e Ipiíba)

“De ruim é só calçamento que não é muito bom, meio precário, mas atualmente tá bom, pois antes era tudo de terra. Tem tudo perto mercado, posto, gás...” (Victor, Monjolos e Ipiíba)

"[...] não só em SG, como em Niterói, eu acho que a saúde pública, não só do Rio, mas do Brasil é muito precária, eu acho que o governo poderia investir mais na saúde, agente vê os hospitais públicos bem precários, não têm médicos, equipamentos bem ruim, você pra ser atendido leva quase o dia todo no hospital, no atendimento de urgência as pessoas acabam morrendo aguardando, o atendimento não só em SG, mas no Brasil como um todo é bem ruim." (Saulo, Monjolos e Ipiíba)

Podemos observar que para os jovens que vivem em situação mais isolada o território carrega todo seu caráter simbólico de “abrigo”, “lar”, segurança afetiva, onde percebemos a confirmação do já exposto por Haesbaert que é “entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas, as mais radicais, de apego às identidades territoriais”. A defesa do lugar passa a ser a extensão da defesa de si mesmo. Enquanto, para os jovens que estão em constante circulação entrar em contato com os estigmas do município é muito mais recorrente, dando-lhes uma maior consciência da situação periférica e a necessidade de justificar o gostar de viver na localidade mesmo e apesar do que os “outros” dizem.

- Transporte

O transporte é um dos grandes problemas do Município de São Gonçalo várias vezes explicitado por diferentes meios de comunicação, seja em relação as questões envolvendo o monopólio de empresas; a máfia presente nos transportes alternativos; a precariedade na oferta, ocasionando certa pirataria; etc. Esses problemas geralmente são agravados nos distritos mais distantes, especialmente nos bairros mais isolados.

A maioria dos jovens, de ambos os grupos de distritos, apontou como problema a demora, o trânsito e a dificuldade de acesso, com exceção dos que viviam próximos as principais rodovias do município que não viam dificuldade para se locomoverem. Entretanto, dois fatos nos chamaram a atenção nas falas de alguns jovens de Monjolos e Ipiíba: primeiro, a incorporação dos problemas referenciados apenas como transtorno e não como impedimento de acesso; segundo, a defesa e/ou justificativa do alto valor do transporte, como algo necessário.

"[...] Pra ir pro Rio eu tenho que ir pro Engenho do Roçado, ai eu vou andando e pego o ônibus... mas, não é uma dificuldade porque eu gosto de caminhar, amo caminhar, amo atividade física, então pra mim não é problema. [...] Não, eu não acho a passagem cara... tudo sobe né, então a passagem também tem que subir." (Sofia, Monjolos e Ipiíba)

"Eu gosto muito daqui não tem problemas com ônibus, o único problema é quando você vai para Alcântara tem dia que para pegar o que desce aqui na praça é fácil porque qualquer um serve, mas para o que vai para Jardim Miriambi é o 30, ele demora muito ai tem que ter muita paciência ou pegar moto taxi, porque demora

muito. Essa parte é ruim. [...] Não acho caro é R\$ 2,30, é o preço normal.” (Tânia, Monjolos e Ipiúba)

“Olha dentro de São Gonçalo a locomoção é fácil, mas para ir para Niterói você fica meia hora esperando o ônibus ou você tem que andar até lá em cima que tem mais opções de ônibus, mas mesmo assim demora. Pro Rio você tem que ir para Alcântara para de lá pegar outro ônibus, porque ônibus daqui para o Rio só seis e sete horas da manhã. [...] Em relação a preço, até que eu acho barato em comparação com Niterói e Rio. Muita gente não acha, mas eu acho barato em comparação a outros lugares.” (Victor, Monjolos e Ipiúba)

Assim, podemos observar a incorporação do problema com o transporte como algo pessoal justificando-se na preferência por permanecer no bairro. E, como já visto anteriormente, percebemos a necessidade da defesa de certas características negativas do município como extensão da questão identitária, de pertencimento ao lugar, como se falar mal representasse maldizer a si mesmo, um desrespeito com o lugar de sua vivência.

❖ *Rede de parentes, amigos e vizinhança*

Já quando abordado a questão da rede de vizinhança e dos traços de solidariedade percebemos serem estes muito mais expressivos nos jovens que têm maior permanência no território, vivendo no mesmo local desde que nasceram independentemente do distrito.

“[...] tenho... é a minha avó mora lá tem uns... 40 anos então eu fui nascida e criada na minha rua, então eu conheço praticamente todo mundo da rua, o pessoal mais antigo e tal é... são colegas, tenho amigos, minha mãe tem amigos de anos, então a gente não tem problema. [...] Faltou água, faltou gás nosso próprio vizinho, que tem um bar, às vezes dá o gás depois agente paga...” (Renata, Neves e São Gonçalo)

“[...] a vizinhança é muito tranquila, engraçado que eu morro aqui fora tem uns nove anos, mas antes de eu morar aqui, eu morava um pouquinho mais afastado, mas aqui no bairro mesmo, porque eu casei então sai da casa da mamãe, então lá na minha mãe os vizinhos eram muitos então tinha mais isso de me empresta um pó de café, e também pegava lá pegava aqui.” (Tamara, Monjolos e Ipiúba)

Entretanto, quando comparamos especificamente os grupos dos distritos analisados percebemos que os laços de solidariedade aparecem mais em Neves e São Gonçalo do que em Monjolos e Ipiúba, principalmente porque os jovens que moram mais distantes são os que ou desce de migrantes ou passaram por algumas mudanças de bairros, ou ainda, os que geralmente seguem uma doutrina religiosa que muitas vezes os distinguem dos demais residentes das proximidades, como explicitado por Tânia (Monjolos e Ipiúba):

“[...] me dou bem com eles. Só assim um pouco, porque não tenho muita intimidade até porque são muitos barraqueiros, aqueles funks brabos, mas assim a gente respeita né, a religião de todos, mas é tranquilo”.

Quando enfocamos nas duas jovens de Neves e São Gonçalo que declararam não possuir esses laços encontramos o relato ou de ausência de vizinhos por morar no centro comercial do bairro ou por receio dos pais com a violência, mas em ambos os casos fica implícito nas falas o não envolvimento com pessoas da localidade.

“Eu não tenho vizinho. Eu moro na rua principal, aí eu moro na frente de duas lojas e debaixo tem um mercado. Não tenho nenhum vizinho, só na parte de trás, mas tem que dá um volta muito grande. [...] Tem umas pessoas que moram perto que eu falo, mas cada um tem sua vida, todo mundo trabalha...” (Sandra)

“É muito complicado (relação com a vizinhança). (risos) Tem muito bandido hoje em dia. Desde pequena nunca fui de ficar brincando na rua, minha mãe nunca deixava. Eu sou filha de cinco irmãos, então não tinha porque ficar brincando na rua, então me acostumei assim. Chego em casa... Conheço algumas as pessoas que moram em frente, então algumas pessoas eu tenho acesso ainda, mas não muito.” (Martha)

Possuir parentes, mas especialmente amigos, em outros municípios e até em outros estados significa para muitos dos jovens maior probabilidade de deslocamento e circulação por diferentes territórios, principalmente, no caso dos parentes, pela necessidade de visitá-los e, dos amigos, pela diversão. Ficou explícito a importância da escola na socialização primária desses jovens, onde todos declararam ser dessa época seus verdadeiros, por vezes poucos, amigos que mantêm contato.

“[...] meus amigos, hoje em dia, veio da minha época de escola, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, e agora no trabalho. A maioria é de SG. [...] todos, todos são agitados e gostam de se locomover como eu, meus amigos mais antigos, agente sempre fez coisas em grupo e quando estavam nos locomovendo era sempre em grupo, um acompanhando o outro, quem conhecia mais levava quem não conhecia, sempre agimos dessa forma, em companhia até mesmo pra não ficar aquela coisa solitária.” (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

“A maioria dos seus amigos é daqui de São Gonçalo. Alguns distribuídos até Itaboraí, mas a maioria com mais contato são daqui de São Gonçalo. [...] Amigos da escola, vizinhos, amigos da igreja também.” (Carla, Monjolos e Ipiúba)

Comparando os grupos dos distritos podemos notar que em Neves e São Gonçalo dos jovens que têm amigos e parentes espalhados por diferentes municípios encontramos apenas dois, um homem (Otávio) e uma mulher (Renata), os demais explicitaram que a maioria deles vive próximos de suas residências, ou no mesmo município ou, no máximo, no município vizinho, mas apresentavam características semelhantes quanto ao gosto por circular por outros espaços principalmente a lazer. Já dos jovens de Monjolos e Ipiúba somente um (Leonardo)

declarou ter amigos espalhados por diferentes localidades, inversamente proporcional, com relação a parentes, somente uma jovem (Tânia) tem a maioria deles no município de São Gonçalo, os demais, mais especificamente os homens, são descendentes de migrantes, geralmente do nordeste, as outras três mulheres relataram ter parentes por diferentes municípios do Rio.

De maneira geral, percebemos que para os jovens dos distritos mais precários o enraizamento e a identificação com o lugar promove maior constrangimento em apontar os pontos negativos e criticar seu bairro, tendo sempre que extrapolar as problemáticas para além de seu espaço de vivência, quando não assimilam as dificuldades como preferências próprias. Já nos jovens que estão em contato direto com outras realidades territoriais visualizamos uma necessidade de justificar as boas coisas que experimentam para além dos estigmas que marcam o município.

Outro fato observável remete a influência das redes de amigos e parentes na maior circulação dos jovens, onde, geralmente, amizades com pessoas que costumam se deslocar e se apropriar dos mais diversos territórios da cidade (principalmente, relacionados ao lazer) tendem a impulsionar e estimular a própria circulação destes jovens. Em contrapartida, amizade com pessoas mais reservadas e que também não costumam circular tendem a servirem como âncoras, aumentando ainda mais o enraizamento nos lugares que marcam o cotidiano desses jovens (trajeto de casa e trabalho, quando muito a igreja). A rede de solidariedade acontece especialmente nos lugares onde os jovens moram desde que nasceram por isso a maior recorrência ocorreu nos distritos de Neves e São Gonçalo e não em Monjolos e Ipiíba, onde muitos jovens são descendentes de migrantes ou seguem uma doutrina religiosa que normalmente não condiz com os hábitos da vizinhança.

- **Tópico como se divertir em São Gonçalo:**

Já é sabido que não há uma única concepção, nem mesmo consenso entre os pesquisadores sobre o lazer, porém vários, dentre eles Marcellino (1998), apontam para o duplo processo educativo que o concerne, sendo esse lazer ao mesmo tempo veículo e objeto de educação, considerando-se não apenas as possibilidades de descanso e divertimento, mas também o desenvolvimento pessoal e social. Assim, segundo o autor, o plano cultural é um canal possível para mudanças, inclusive, no plano social e se baseia em duas constatações: a primeira, o lazer é um veículo privilegiado de educação, e a segunda, que a prática positiva

das atividades de lazer é necessária para o aprendizado, o estímulo, que enriquece o espírito crítico, tanto na prática como na observação.

Cabe ressaltar, que em São Gonçalo a parte de lazer sempre foi um impasse para os moradores pela precariedade ou mesmo ausência de oferta de espaços específicos para esse fim. Entretanto, com o crescimento econômico do município voltado para os setores de comércio e serviço (foi somente em 2004 a criação do primeiro shopping, o Shopping São Gonçalo) e com o advento da criação do COMPERJ²¹ (Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro) que podemos perceber maior impulso e investimentos nesse setor. Atualmente, o município conta com, dentre outras coisas: dois shoppings grandes, inclusive o Boulevard Shopping, várias casas de shows (Castelo da Pedra, Vibe Show, Caneco 90, Clube Mauá, etc.), um único teatro, nenhum museu, uma biblioteca pública, etc.

Quando analisamos a diversão dos jovens entrevistados percebemos modos distintos de vivência e formas de usufruir o lazer se comparamos os grupos de distritos. No geral, quando o assunto é diversão todos os jovens de Neves e São Gonçalo “correm para Niterói ou Rio”, têm como características um lazer amplo, misturando lazer doméstico (ir a barzinho, ficar em praça...) e estruturado, aquele que conta com certa infraestrutura (ir ao cinema, museu, praia – nesse caso, entra como estruturado por ter necessidade de deslocamento, uma vez que as do município são impróprias para banho). A maioria ressaltou a precariedade de opções no lazer do município e a falta de infraestrutura, sendo explicitado por um dos jovens (Otávio, o único que é morador, mas não nasceu na localidade) que há opções de lazer, mas que estas apresentam uma distinção social de acordo com os ambientes frequentados. Também encontramos uma jovem (Quetruem) que elogiou o Shopping São Gonçalo, mesmo que, em seguida, sentiu a necessidade de diferenciar o município em comparação a Niterói e ao Rio.

“Opções para diversão têm, então é aquilo que eu falo, o problema é o custeio das entradas, que limitam não só a minha, mas de muitos jovens. Aqui parece mais caro sim. No Rio é mais acessível as entradas, depende também do padrão da boate. Mas aqui em SG eles colocam mais a mão no bolso do povo. Niterói também é bem puxado. O Rio em si é bem mais democrático que São Gonçalo e Niterói. Porque aqui em São Gonçalo o que ocorre, acaba limitando, segregando as pessoas a certos espaços, tem certos lugares que a entrada é R\$30,00 e a cerveja é R\$6,00, então só vai elite. Já outros a entrada é R\$10,00, damas é grátis e a cerveja a R\$1,00 ou R\$0,01 sei lá. Você tira por aí, há uma disfunção classes sociais, cada um no seu quadrado. É por aí em SG.” (Otávio, Neves e São Gonçalo)

²¹ O Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro fará o refinamento do petróleo transformando-o em seus derivados, suas obras iniciaram em 2008 em Itaboraí numa área de 45 milhões de metros quadrados. Está previsto para inaugurar em 2014, já ocasionando grande impacto sócio-espacial em todos os municípios do Leste Metropolitano do Rio, dentre eles São Gonçalo. Maiores informações no site: www.comperj.com.br.

"Em SG, o Shopping de SG eu gosto muito, pra mim igual não tem lá, por conta de ser um shopping, fiquei até meio surpresa, não esperava essa estrutura tão boa, é um local de lazer, de tranquilidade, não acho lá perigoso, pelo menos nunca tive problema, tem acesso, tem bastante ônibus, então é um local que eu me divirto. E em Niterói, vou ao shopping, a praia, no Rio eu vou mesmo pra ver shows, já que em SG não tem muito, claro que, há muito mais variedade de cultura, coisa que em SG não tem, então são esses locais que eu vou." (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

Também podemos observar uma apropriação de alguns ambientes do Município do Rio, especialmente das boates e pontos turísticos, sendo algo corriqueiro para os que curtem a noite e a agitação. É possível identificar nas falas: inicialmente, uma necessidade de reforçar a ausência de lugares voltados para lazer em São Gonçalo, e logo apontar os espaços de circulação, cujo limite de identificação ultrapassa o territorial administrativo, onde certos lugares (praias, shopping), principalmente de Niterói, apresentam-se como extensão do seu lugar de vivência, seu “quintal de circulação”.

"Eu, quando vou me divertir geralmente vou para o Rio. Ultimamente, eu tenho ido para o Rio ou para Niterói, que é o lugar que eu tenho frequentado mais quando vou me divertir." (Pedro, Neves e São Gonçalo)

"Olha diversão, diversão eu não sou muito de sair, então eu fico mais em internet e tal, conversando com os meus amigos, mas quando eu vou sair é Plaza, Niterói né... eu vou a Niterói vejo um filme e sair de noite é Rio, eu prefiro ir pro Rio, até porque o meu gosto de música está mais adequado para o Rio porque é boate.. Aqui tem o Castelo das Pedras, que é mais funk, já fui, mas eu prefiro mesmo é ir pro Rio." (Renata, Neves e São Gonçalo)

Os jovens de Monjolos e Ipiúba apresentam maior distinção entre eles na forma de lazer, ou seja, encontramos a maior parte dos jovens apresentando apenas lazer doméstico, uma que mesclam entre o lazer doméstico e estruturado (Carla) e ainda os que possuem lazer ampliado para além do município, sendo estes últimos moradores dos bairros mais centrais e próximos da rodovia.

Os jovens que vivem mais isolados e/ou frequentam religiões mais conservadoras são os mesmos cujo campo de diversão se restringe ao lazer doméstico, enquanto os que moram mais próximos às rodovias são os que se divertem mais para Niterói. Quando o assunto é frequentar o Rio percebemos uma discrepância muito grande entre eles e os jovens do outro grupo de distritos, pois, com exceção do Leonardo que possui carro próprio, ninguém costuma frequentar a parte de lazer desse município. Dentre as falas que ilustram essa situação encontramos:

"Atualmente não estou me divertindo tanto, às vezes vou a uma pizzaria, na Praça Zé Garoto, na Praça Santa Luzia... Minha diversão é aqui por perto mesmo... Geralmente, é mais para lanchar mesmo, ver a paisagem, não é lá uma paisagem

boa, mas a gente olha as pessoas e ônibus passando para lá e para cá. Para conversar, encontrar os amigos.” (Victor, Monjolos e Ipiíba)

“Minha diversão era mais em SG, como lhe falei eu sempre fui de poucas amizades, então agente sempre se reunia pra fazer um churrasco, um almoço ou um jantar, sempre na casa de um amigo pra ir.” (Sofia, Monjolos e Ipiíba)

Podemos observar que a forma como os jovens divertem-se varia muito de acordo com inúmeros fatores, tais como: a religião; o gênero, já que as mulheres relataram muito mais o problema da violência como motivo para não frequentar certos lugares; a rede de amizade; o acesso aos lugares, onde o transporte é um dos fatores relatado e essenciais para o deslocamento seja para ida e principalmente para o retorno a casa; etc. Também podemos perceber que para alguns jovens (havendo distinções de acordo com a posição social que ocupam, além de todos os fatores mencionados) o lazer ganha ainda outras dimensões, como: ser o campo privilegiado de exercício de certa autonomia, principalmente no que tange as escolhas da forma como vão usufruir desse tempo livre; momento de sociabilidade e formação de redes de amigos; e ainda, para uma parte deles fator impulsionador de deslocamento, circulação e apropriação de diferentes e diversos territórios da cidade.

Um dado interessante remete ao uso da internet, assunto abordado de forma superficial apenas para sabermos se esses jovens tinham acesso à internet e redes sociais e como estas eram utilizadas. Percebemos que todos os jovens de ambos os grupos de distritos ressaltaram que têm redes sociais, com exceção de uma jovem (Sofia) de Monjolos e Ipiíba que não possuía nenhuma, por acreditar ser invasão de privacidade. A maioria usava mais as redes para falar com pessoas que já conheciam, uma vez que a violência era um medo recorrente. Entretanto, quando observamos os jovens que utilizavam essas redes como ferramentas para diversos fins (divulgação de eventos, militância política, namorar, formar rede de sociabilidade) observamos que estes são de Neves e São Gonçalo.

“Eu tenho as redes sociais, mas eu não sou aquela pessoa aficionada na internet. [...] quando acesso é mais a trabalho. [...] E no caso dessas redes sociais para mobilizar as pessoas. São pessoas que eu não conheço, que eu tento arrebatar, buscando fazer novos contatos.” (Otávio, Neves e São Gonçalo)

“As redes sociais tem várias utilidades. E na verdade é o hábito, tem a parte de divulgação, onde os ajudantes começam a adicionar várias pessoas, mesmo sem conhecer. Aí começamos a mandar os eventos, sites, no final do ano usamos como ferramenta. Então, mesmo sem conhecer a gente faz uma relação das pessoas e envia, porque é mais rápido.” (Martha, Neves e São Gonçalo)

Dessa maneira, até agora, já podemos observar que os jovens mais enraizados são aqueles que acumulam características comuns, como: isolamento territorial; restrições para

circulação seja objetivamente (transporte) ou subjetivamente (medo, receio, assimilação dos fatores isolacionistas como escolha pessoal); lazer doméstico; acesso restrito a internet e uso limitado das redes sociais; vivência profunda do lugar de residência.

- **Tópico Circulação e Horizonte de circulação a outros territórios:**

Antes de iniciarmos as análises desse tópico, cabe ressaltar em que consiste e como foi utilizada na pesquisa que nos dá suporte a categoria de “horizonte de circulação”, para logo ressaltar seu significado e a forma como nós vamos utilizá-la aqui.

Durante as análises dos questionários pela pesquisa, numa tentativa de agregar as experiências dos jovens em categorias gerais, perceberam-se diferentes tipos de circulação em distintos “graus”, classificados em: circulação local ampla, englobando aspectos envolvendo estudo, trabalho, lazer ou local restrita, envolvendo apenas alguns desses aspectos dentro do próprio município; circulação ampliada, podendo agregar ambas as categorias para além do município; e o tipo de circuito, se de trabalho e/ou se de lazer. Também se explicitou o “desejo de acesso” aos núcleos urbanos, numa tentativa de alcançar o “horizonte” de circulação dos jovens. Assim, o “horizonte de circulação” significa, na verdade, “disponibilidade para circulação”, estando associado principalmente a fatores ligados à escola e ao trabalho. Nós utilizamos essa categoria como forma de compreender o grau de enraizamento dos jovens ao mesmo tempo que seu horizonte e desejo de circulação tanto no próprio município como nos demais, numa tentativa de apreender seu deslocamento e seus territórios de apropriação.

Buscando compreender os lugares que os jovens conheciam do município de São Gonçalo e por onde costumavam circular, levamos dois mapas retirados do Google Maps e pedimos que os preenchessem. Assim, podemos visualizar um panorama da circulação e do conhecimento desses jovens sobre os territórios tanto do próprio município como nos núcleos urbanos próximos.

Através do primeiro mapa, referente ao que conheciam (Apêndice B, encontram-se os mapas individuais), percebemos que a maioria dos jovens de Neves e São Gonçalo conhece os bairros que circunscrevem as principais vias, a BR101 e a RJ 104, sendo estes também os que se destacam por serem os mais conhecidos e falados. No geral, o principal eixo de conhecimento do município para esses jovens remete a Alcântara, bairros adjacentes aos dois lados na rodovia, centro de São Gonçalo e bairros que fazem a conurbação com Niterói. As

exceções são Quetruem e Martha que espraiam seu conhecimento também para alguns bairros no interior, geralmente onde têm amigos e/ou parentes. O que nos leva a constatar a importância da rede de amigos e familiares para o espraiamento do conhecimento territorial.

Por sua vez, os jovens de Monjolos e Ipiúba conhecem, além dos bairros que circundam as principais vias, o interior do município, geralmente, formando uma rede de bairros próximos a sua residência. O eixo geral refere-se principalmente a Alcântara, centro e interior (bairros mais distantes das vias). Ao contrário do que ocorre no outro grupo, os homens conhecem mais o município do que as mulheres, sendo Tânia a que menos conhece, nos levando a acreditar que ser mulher em territórios mais isolados restringiria ainda mais as possibilidades de circulação por inúmeros motivos, dentre eles: medo da violência e maiores restrições familiares.

- Circulação a outros municípios:

Quando o assunto é a circulação a outros municípios observamos uma divergência entre os grupos, pois em Neves e São Gonçalo todos declararam conhecer e frequentar mesmo que minimamente Niterói e Rio, havendo uma heterogeneidade na motivação e na frequência. A maioria dos jovens frequenta desde cedo, principalmente Niterói levados ora pela família ora pelos amigos. Os motivos variam especialmente entre estudo, lazer e trabalho. Para esses jovens, “jovens de fronteira”, Niterói é uma extensão de suas vidas diárias, um espraiamento de seu território de vivência, cujo início de frequência foi impulsionado, muitas vezes: pelas escolhas dos pais, ora por escola ora pela forma de divertimento; pelas escolhas próprias, geralmente após o término do Ensino Médio, envolvendo a rede de amigos na busca por lazer (como por exemplo, bailes, grupo de dança) e/ou busca por trabalho.

"Desde bem novinho, quando saía com meus pais frequentava Niterói, até hoje. [...] eles sempre foram, porque tudo que a gente precisava tinha que ir pra Niterói, se precisava fazer uma compra, passear, se divertir, tinha que ir pra lá, porque aqui não tinha isso, nada disso." (Bruno, Neves e São Gonçalo)

"Agora frequento bem mais Niterói e Rio do que antes. [...] Conheci através da dança tive um movimento mais amplo, porque aí que a gente vai conhecendo as pessoas. Niterói eu to frequentando mais por causa do trabalho também, que daqui eu já parto, pra qualquer lugar." (Martha, Neves e São Gonçalo)

Quanto à circulação ao Município do Rio visualizamos uma menor frequência em comparação com Niterói, onde, principalmente, as mulheres apontavam seus receios, medos

com a violência e dificuldade de transporte (custeio, trânsito, demora) como aspectos negativos que justificavam essa pouca frequência. Geralmente, a circulação era impulsionada mais pelo lazer e busca por trabalho, motivos estes alegados por todos, com exceção de Quetruem que começou a frequentar em decorrência de um tratamento de saúde. Normalmente esta frequência estava relacionada ao fato dos jovens terem parentes ou amigos que moravam ou trabalhavam lá. Observando especificamente a questão de gênero percebemos que a circulação, no caso das mulheres, remete a uma mescla entre estudo, lazer e trabalho, já no dos homens refere-se essencialmente a lazer e às vezes a trabalho.

“Meu pai hoje ele mora no Rio, ele se casou, mas nesse processo que ele estava namorando vira e mexe me levava, Via Show, essas coisas a gente sempre curtia junto. Ele mora ali no Centro do Rio, o que conhecia era muito pouco e ia com ele mesmo, com meus amigos não saia não, até porque eu não gostava, por causa desse medo de voltar, da volta não tinha ônibus. Para evitar problemas futuros eu praticamente não ia.” (Martha, Neves e São Gonçalo)

“[...] conheço o Rio, costumo frequentar pra comprar algo, pra ver alguma coisa de emprego, tenho amigos que moram lá, às vezes passo final de semana lá, conheço assim poucos lugares. [...] eu comecei a ir pro Rio através de amizades, pra conhecer os lugares, passear, depois surgiu essa coisa do emprego, aí eu já conhecia os lugares direitinho, não tinha nenhuma dificuldade, pra mim foi uma coisa fácil.” (Bruno, Neves e São Gonçalo)

“Não conheço muito o Rio, me perco totalmente. [...] Eu até vou, mas sozinha não. (motivo de ir ao Rio) Que a gente tem... uma amiga que trabalha no Rio e sempre vamos lá pra almoçar com ela. Tem também uma amiga minha que é modelo, ela faz um currículo com fotos e tal e eu sempre vou com ela, que é na Lapa. Aí a gente sempre vai junto. [...] Não, me divertir no Rio não. Tenho medo. Ainda mais assim à noite. Pra voltar de ônibus é complicado.” (Sandra, Neves e São Gonçalo)

Já em Monjolos e Ipiúba a circulação declarada pelos jovens a outros municípios era bem mais restrita, com exceção de Leonardo que sempre circulou muito em função de fazer parte de um time de futebol de base. Dos jovens que costumavam frequentar, mesmo que com pouca assiduidade, Niterói, geralmente era por motivo de diversão ou busca de emprego, também sendo explicitado por Sofia a maternidade, já que escolheu um hospital desse município para ter seu filho. Entretanto, nenhum ressaltou o estudo seja o ensino formal ou cursos como um dos fatores que os levaram para lá. Através dos motivos percebemos que, ao contrário do primeiro grupo, os jovens passaram a frequentar Niterói quando tinham mais idade e certa autonomia para saírem com os amigos para se divertir ou tentar entrar no mercado de trabalho.

“Niterói, frequento raramente, mas quando é necessário resolver algum problema, fazer alguma coisa eu vou. [...] vou mais porque a parte hospitalar, médica tudo do meu filho é em Niterói, então eu to sempre indo. Antes ia mais a

passaio né, ia no Plaza, ou no cinema, até mesmo num barzinho em Icaraí, era o máximo que eu ia.” (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

“Comecei a frequentar Niterói que eu me lembre com treze ou quatorze anos a lazer mesmo. [...] Não com meus pais, só com meus colegas e noivo, que é de São Gonçalo.” (Carla, Monjolos e Ipiúba)

“Sempre me desloco para Niterói com relação a trabalho, aonde tiver oportunidade, no caso show, cinema, essas coisas que eu gosto de fazer. [...] é com certeza um dos melhores lugares, em SG tem o SG Shopping, mas poxa é mais rápido você vir pra Niterói do que SG, por causa do trânsito.” (Saulo, Monjolos e Ipiúba)

Encontramos ainda dois jovens cujas vezes que frequentaram Niterói davam para contar nos dedos, conhecendo apenas o centro e algumas praias. Se no município ao lado a frequência para alguns desses jovens é restrita, chegando às vezes a ser quase inexistente, quando observamos o Rio percebemos que é uma realidade muito distante. Nesse município a circulação por seus espaços remete: a inexistência no caso dos jovens mais isolados, Tânia (as raras vezes que frequentou foi devido a eventos marcantes e excepcionais da igreja, como encontros, show, caravanas...) e Victor; e a raridade para a maioria, onde observamos uma mescla entre passeios turísticos e/ou busca por emprego. Os principais motivos alegados por todos para não frequentarem o Rio, e em alguns casos Niterói, referem-se à falta de dinheiro, os que trabalham, pelo tempo, e para as mulheres a violência, além da unanimidade (exceção Leonardo, que possui carro) com relação ao acesso a ônibus.

“Sempre fico por aqui mesmo. Tudo aqui perto. Moro, faço tudo aqui, só às vezes que tenho que ir lá ao Rio no médico, porque faço acompanhamento, de vez em quando vou lá ao médico e volto. [...] Muitas vezes que fui a Niterói e Rio foi pela igreja. Caravana, comboio, muitas vezes quando tem show no Maracanãzinho ai vai pela igreja. Tudo relacionado à igreja. [...] Assim, fui conhecendo outros lugares. É se não também não teria conhecido, porque para eu ir a algum lugar minha mãe fala vai a onde, não sei o que [...]” (Tânia, Monjolos e Ipiúba)

“Vou pouco à Niterói. Conheço, mas não conheço bem, conheço alguns lugares. [...] O Rio conheço muito pouco, só fui à Rua Uruguaiana por causa do serviço mesmo. Porque foi lá que eu fiz a entrevista. Só essa rua mesmo.” (Victor, Monjolos e Ipiúba)

Com relação ao horizonte de circulação, especificamente ao desejo em frequentar mais outros municípios, observamos que todos os jovens, de ambos os grupos, declararam quererem frequentar mais, com exceção de uma jovem de Monjolos e Ipiúba (Sofia) que disse não querer conhecer o Rio pela violência. Todos declararam querer conhecer e frequentar mais a parte de lazer, principalmente os pontos turísticos.

Um fato que nos chama a atenção remete a questão de gênero, uma vez que são as mulheres, seja nos distritos de Neves e São Gonçalo ou em Monjolos e Ipiúba, que se

destacam, ora por serem as que mais circulam ora por serem as que menos o fazem. Levando-nos a indagar se ser mulher nos territórios mais isolados não seria acumular mais uma restrição, enquanto em territórios onde hajam maiores possibilidades não acabaria por configurar uma potencialidade.

No geral, podemos observar que a circulação é um dos fatores que diferencia a forma como os jovens vivenciam sua condição juvenil, pois os que mais se deslocam, apropriando-se de diferentes territórios da cidade são os que constroem suas identidades na relação com o “outro”, entrando em contato com as diferenças de possibilidades vivenciadas entre eles, os estigmas e rótulos, além de formar sua identidade superando o limite territorial do município de residência. Em contrapartida, os jovens mais enraizados possuem uma circulação mais restrita, construindo suas identidades na relação com o lugar, justificando as escolhas ou falta delas enquanto preferências e assimilando os estigmas dos outros lugares como motivos para não frequentar, como no caso do Rio a questão da violência.

- Desejo de mudar de São Gonçalo:

Quando o assunto era o desejo em mudar de município se pudesse escolher percebemos que cinco jovens não gostariam, preferindo permanecer em São Gonçalo, sendo dois de Neves e São Gonçalo (Renata e Sandra) e três de Monjolos e Ipiúba (Sofia, Vistor e Leonardo). O restante dos jovens apontaram municípios distintos: Niterói (Bruno – Neves e São Gonçalo; Tamara e Saulo – Monjolos e Ipiúba); Rio (Martha, Otávio – Neves e São Gonçalo; Carla – Monjolos e Ipiúba); Maricá (Quetruem – Neves e São Gonçalo); Cabo Frio (Pedro – Neves e São Gonçalo; Tânia – Monjolos e Ipiúba).

Observando apenas os jovens que preferiram não se mudar percebemos uma distinção, pois para as jovens de Neves e São Gonçalo a questão remete a tranquilidade e ao costume, já para os de Monjolos e Ipiúba além desses motivos encontramos a importância das amizades e a questão do sentimento e identificação com o lugar. Cabe ressaltar que dos jovens de Monjolos e Ipiúba Victor e Tânia (esta explicitando que gostaria apenas de mudar de bairro e não de município) são os que vivem mais isolados e apresentam maior identificação com o lugar e Leonardo, ao contrário, é o mais destoante das características dos restantes dos jovens desses distritos, pois sempre se deslocou muito, possui carro particular e contato direto com os dirigentes do município. Assim, percebemos que para uns a mudança poderia representar

modificações na qualidade de vida e para outros remeteria a perda de certos aspectos positivos que os distinguem dos demais.

"[...] como eu tenho facilidade de me locomover para outros lugares, e como SG é uma cidade tranquila, pelo menos no lugar aonde eu vivo, eu não mudaria pro Rio e não mudaria pra Niterói, até porque o trânsito de Niterói não é muito bom, porque é uma cidade pequenininha e o Rio tem aquele negócio de violência, bueiro explodindo, então assim, o custo de vida é mais caro do que de SG, então tipo prefiro morar em SG e explorar outros lugares." (Renata, Neves e São Gonçalo)

"Acho que não, não gostaria de me mudar. [...] até por morar lá tanto tempo já até me acostumei. Também é perto das pessoas que eu falo, que convivo." (Sandra, Neves e São Gonçalo)

"[...] olha eu gosto de morar aqui, mas eu moraria no Engenho do Roçado (bairro vizinho), pela facilidade de ter alternativas pra você ir em determinados lugares, ser mais perto, ter mercado, farmácia. [...] se pudesse escolher, voltaria pra onde eu morava. Eu gosto daqui." (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

"Olha no momento eu acho que aqui tá muito bom para mim. Claro que a gente pensa em melhorar, mas aqui eu me sinto bem. Não tenho preocupação com nada, é tranquilo, não tem tanta violência." (Victor, Monjolos e Ipiúba)

"Me mudar daqui é complicado, porque assim, eu tive a oportunidade de me mudar do meu bairro, fui morar com minha mãe por um tempo, foi complicado porque agente não conhece como são as pessoas que moram lá, ai até formar aquela amizade de sei lá mais de 15 anos é complicado." (Leonardo, Monjolos e Ipiúba)

❖ *Traçado de circulação dos jovens*

Visando identificar os territórios por onde os jovens circulavam levamos o segundo mapa, onde cada um preencheu o percurso que normalmente fazia. Para fins meramente ilustrativo utilizamos o programa gvSIG 1.10 para traçarmos as linhas que marcavam esses percursos, não respeitamos as coordenadas geográficas apenas os bairros selecionados pelos jovens. Após fazermos o traçado de cada um realizamos uma junção destes separando-os por grupo de distritos analisados (ilustração 1 e 2).

Por onde circulo...

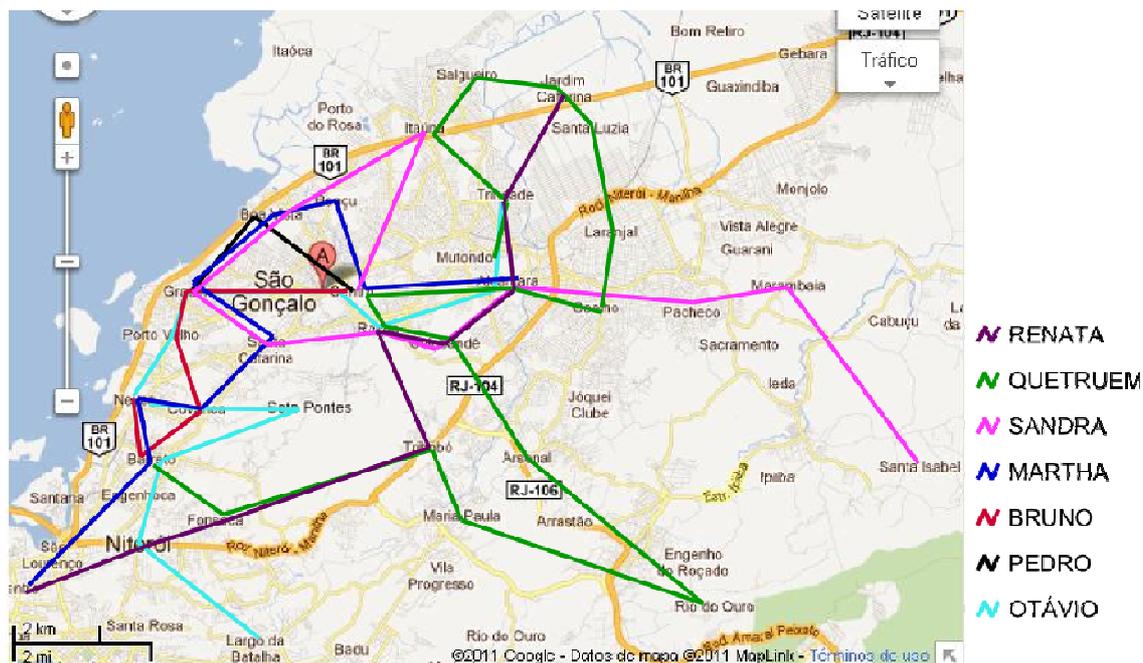


Figura 1 – Percursos realizados pelos jovens de Neves e São Gonçalo
Fonte: Entrevistas realizadas

Por onde circulo...



Figura 2 – Percursos realizados pelos jovens de Monjolos e Ipiúba
Fonte: Entrevistas realizadas

Ao visualizarmos as ilustrações podemos perceber algumas distinções entre elas: maior dispersão do traçado do primeiro grupo, que tem como ponto de confluência o centro de São Gonçalo; já na segunda, o ponto de encontro entre os percursos dos jovens é Alcântara. Como já mencionado, em Neves e São Gonçalo os homens, principalmente Pedro e Bruno são o que menos circulam em seus cotidianos, enquanto que em Monjolos e Ipiúba destacam-se Carla, Tânia e Victor cuja circulação restringe ao município.

Cabe ressaltar, que Alcântara é um bairro do distrito de São Gonçalo, seu surgimento remete a criação da estação de trem, sendo desenvolvido no cruzamento da rodovia estadual RJ-104 (construída na década de 40, faz ligação da capital com o norte fluminense), com o antigo traçado da Estrada Geral (que fazia ligação das antigas fazendas do extremo oeste do município, Pacheco e Santa Izabel, à sua sede, Centro, e aos antigos portos do município). Desde a década de 1960, cogitava-se a transformação do bairro em município, chegando a ocorrer à realização de um plebiscito, que tramitou pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e se concretizou em 1995, porém não logrou êxito. O novo município se chamaria São Pedro de Alcântara e seria composto de alguns bairros do 1º e todos do 2º e 3º distritos, fato que causaria grandes transtornos econômicos a Prefeitura de São Gonçalo.

Atualmente, é considerado um dos maiores polos de negócios, centro comercial e de serviço do município, ao lado do centro, sendo encontradas inúmeras agências bancárias, supermercados, lojas de eletrodomésticos e móveis, clínicas hospitalares, escolas, muitos edifícios comerciais, igrejas, etc. Também é considerado um bairro de grande produção e venda têxteis, não sendo por acaso um sub-centro de atração de mão de obra do município.

Buscando entender as dinâmicas expostas pelas ilustrações dialogamos com as questões apontadas por Luciana Lago (2008) em seu artigo intitulado “O mercado de trabalho na metrópole do Rio de Janeiro: a ‘periferia’ que virou ‘centro’”, já mencionado anteriormente (capítulo 1). Seu objetivo era compreender os efeitos da crise do trabalho sobre as desigualdades sócio-territoriais, partindo do pressuposto que a instabilidade do trabalho e da renda viria acompanhada de uma maior imobilidade social e espacial. Examinou, com base nos censos demográficos de 1980, 1991 e 2000, a heterogeneidade sócio-ocupacional dos trabalhadores na escala intramunicipal e o grau de absorção do mercado de trabalho local, englobando todos os municípios que compõem a região metropolitana do Rio de Janeiro, incluso as periferias, como São Gonçalo.

A autora trabalha com duas hipóteses integradas para compreender essa relação: a primeira, onde o aumento da imobilidade dos trabalhadores estaria relacionado à expansão da economia informal precária nas áreas periféricas populares, inclusive nas mais distantes do

centro, evidenciando uma descentralização econômica “perversa”, ou seja, áreas populares desconectadas dos centros, abrigando uma economia precária de “autossustentabilidade” (no sentido, da atividade econômica voltada para o mesmo grupo social do trabalhador residente na mesma região). E a segunda estaria relacionada a um maior dinamismo econômico em sub-centros periféricos e, conseqüentemente, a um mercado de trabalho para os setores médios. Tal dinamismo geraria, ainda, uma economia informal de serviços de baixa qualificação. Durante sua argumentação, Lago, explicita como a crise e a reestruturação econômica iniciadas na década de 80 e a privatização dos serviços públicos na década de 90 teriam alterado as condições de acesso à renda, à moradia e aos serviços urbanos dos trabalhadores e, como consequência, o padrão de desigualdades socioespaciais e as formas de interação entre as classes sociais, mostrando como a partir de então as duas hipóteses se comungam. Ou seja, evidência como vem ocorrendo uma descentralização econômica perversa, onde ora áreas populares abrigam uma economia precária de “autossustentabilidade” ora ampliam seus mercados de trabalho tanto formal como informal para os setores médios em sub-centros dinâmico da economia periférica.

Focando os dados expostos que retratam o município de São Gonçalo percebemos que a autora, através dos dados dos Censos Demográficos de 1980 e 2000, ressalta que esse município juntamente com Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti e Nilópolis, sendo os mais consolidados e que sofreram processo de desindustrialização nos anos 80, formam o conjunto de municípios que mais ampliaram a retenção da mão de obra local. No caso específico de São Gonçalo a maioria dos trabalhadores em 1980 precisavam se deslocar para trabalhar (51,4%), já em 2000 esse quadro se inverte, onde 63,1% dos trabalhadores permaneciam trabalhando no próprio município, havendo uma redução da mobilidade casa-trabalho de longa distância para estes moradores.

Acreditamos, ao observar a circulação desses jovens juntamente em diálogo com o exposto por Lago, que em São Gonçalo estaria sendo marcado por dois sub-centros: o próprio centro do município e Alcântara como polos de tração de mão de obra. Assim, o município estaria passando por um dinamismo econômico em sub-centros periféricos dentro de seu próprio território, ampliando o mercado de trabalho tanto formal como informal de serviços de média e baixa qualificação voltados geralmente para os setores médios, que muitas vezes acabam por aumentar a imobilidade espacial da população, principalmente para os que vivem mais isolados e têm sua identidade marcada pelo lugar.

Em síntese, podemos perceber, dentre outras coisas: que os jovens “de fronteira” fazem um movimento de “dentro para fora” em relação à cidade, deslocando-se de seu centro

mais consolidado para cidades de economia e lazer mais dinâmicos, escapando da circunscrição ao município; enquanto que os jovens enraizados fazem um movimento que converge fortemente ao redor do sub-centro Alcântara, estando muito mais presos ao território do que os demais.

- **Tópico como é ser jovem em São Gonçalo:**

❖ *Ser jovem*

Ao questionarmos se eles se consideravam jovens todos responderam que sim, sempre entrecortados por risos e apontando apenas os aspectos positivos do que representaria a juventude. De maneira geral, uma das diferenças observáveis, comparando os grupos dos distritos, remete as falas dos homens que eram muito mais diretas em Neves e São Gonçalo, resumindo apenas a responderem sim, do que em Monjolos e Ipiíba, onde explicavam o que consideravam ser jovem, justificando suas posições.

"Acho que sim. Considero-me sim." (Pedro, Neves e São Gonçalo)

"Eu sou jovem. [...] Ser jovem é sempre buscar coisas novas, tá sempre querendo mudar, para melhor claro. Para mim isso é ser jovem nunca se contentar com pouco sempre procurar o melhor. Esse é meu objetivo eu me considero jovem." (Victor, Monjolos e Ipiíba)

"Considero-me sim, com certeza. [...] ser jovem... eu acho que inicialmente seria a idade, faixa etária de 20 a 30 anos, e por se divertir ainda, lazer, essas coisas. [...] poder usufruir melhor a vida, se divertir mais, ter mais empolgação pra vida, mais saúde, eu acho que é mais ou menos isso." (Saulo, Monjolos e Ipiíba)

Outro fato que nos chamou a atenção foi a necessidade das mulheres (duas de cada grupo de distritos) justificarem seus amadurecimentos precoces, fazendo normalmente comparações com as novas gerações, onde as estas acumulavam aspectos negativos em comparação com as delas. Entretanto, observamos nas falas das jovens de Monjolos e Ipiíba certo saudosismo e arrependimento por aquilo que não viveram, fato que não aparece nas de Neves e São Gonçalo.

"[...] na idade sim me considero jovem, risos, eu tenho uma cabeça... não sei se por ter uma responsabilidade muito cedo, mas alguns amigos meus do trabalho até me criticam porque eu sou muito séria... sou muito responsável, sou muito coerente, então é, às vezes, isso acaba me atrapalhando, por exemplo, ninguém acha que tenho vinte anos, me dão vinte e cinco, vinte e seis, pelo meu jeito

de ser, eu levo as coisas muito a sério, gosto de tudo muito certo, então eu acho que os jovens de hoje não levam tão a sério assim." (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

"[...] considero-me, ser jovem seria aproveitar mais a vida, eu aproveitei, mas eu tive uma criação muito severa, então meio que eu envelheci mais rápido do que as meninas que têm a minha idade, eu gostaria de participar de uma balada, gostaria de poder namorar mais, de poder estudar mais, entendeu, sendo que, eu fui escolhendo as minhas próprias escolhas, aonde eu botei limitações em algumas, mas eu gosto, eu gostaria de curtir mais a vida." (Sofia, Monjolos e Ipiíba)

"[...] caramba eu acho que ser jovem é tão bom, nossa eu acho que eu nem sou mais tão jovem com 29 anos, é uma pena que eles pulam uma etapa da vida deles, eu acho que hoje se eu pudesse voltar atrás no tempo e pudesse ser jovem eu queria fazer tudo diferente. Uma das coisas que eu queria fazer diferente é estudar muito pra poder ter um bom emprego, pra ter a minha profissão, casamento nem pensar, só depois que eu estivesse bem estabilizada, aí sim eu iria pensar... curtir muito os momentos de lazer, sair bastante, namorar, beijar bastante na boca, nada de cigarro, nada de bebida é só curtir e conhecer lugares novos." (Tamara, Monjolos e Ipiíba)

Podemos perceber como a imagem e os estereótipos da juventude, disseminados pelos diferentes meios de comunicação, são assimilados e incorporados pelos jovens como o ideal a ser alcançado, sempre ressaltando os aspectos positivos e negando os dilemas e impasses enfrentados por eles como parte comum de uma geração ao invés de uma questão pessoal envolvendo suas escolhas.

Ser jovem corresponderia para esses jovens uma fase para aproveitar a vida; se divertir; viver sem responsabilidade, sem reconhecerem os impasses com as escolhas que marcam seus futuros, como carreira, entrada no mundo do trabalho, casamento. Entretanto, principalmente as mulheres são as que menos se identificam com esse ideal, uma vez que, ou são pressionadas pela criação da família ou pelos dogmas religiosos, levando-as a amadurecerem muito cedo. Isso nos leva a refletir como esse ideário de jovem construído e disseminado socialmente remete principalmente aos homens de classe média e, em nosso país, corresponderia dizer a maioria branca.

❖ *Limites em ser jovem em São Gonçalo*

Ao abordarmos os limites, que o fato de morar em São Gonçalo poderia ou não ter gerado, percebemos diferenças entre os grupos. Em Neves e São Gonçalo todos os jovens alegaram fazer diferença ser jovem dependendo da localidade em que se vive, porém se distinguem no tipo de impacto que apontam. A maioria ressaltou que em outros municípios, principalmente Niterói e Rio, haveria maiores possibilidades de trabalho e no campo do lazer, apresentando São Gonçalo enquanto aspectos negativos.

“Eu acho que tem limitações em ser jovem em SG, porque geralmente as pessoas, não são todas, mais a maioria desse pessoal que mora em SG, é um povo mais carente. Aí, não é a mesma coisa de uma pessoa que mora em Icaraí, que moram em apartamento... que tem um lugar legal para frequentar. Em Niterói tem muito lugar para sair à noite, em São Gonçalo é muito difícil só tem funk. E, geralmente, as pessoas que moram por lá têm uma condição financeira melhor, não todas, mas tem pouco lugar carente já em SG é mais carente que outra coisa...” (Sandra, Neves e São Gonçalo)

“[...] acho que tem, principalmente nessa parte de diversão, poxa em Niterói tudo é próximo, a praia, o shopping, até o trabalho, empregos tudo é ali, acho que fica mais fácil, o centro empresarial deles é maior do que o de SG, então, ser jovem lá é bem mais fácil.” (Bruno, Neves e São Gonçalo)

Entretanto, encontramos dois jovens que apontaram aspectos positivos comparados a outras realidades mais carentes. E ainda podemos visualizar uma jovem que respondeu não ter tido nenhuma limitação enquanto jovem, já que sempre se deslocou muito, ou seja, ela própria ressalta a importância da circulação para poder vivenciar suas experiências.

“Eu acho que não atrapalhou muito porque, como eu disse, posso me deslocar livremente e pelo menos no meu crescimento, não atrapalhou, porque eu pude brincar na rua até de noite, não tinha que ficar brincando dentro de casa porque podia passar polícia, essas coisas, então eu aproveitei o máximo que eu pude na minha infância, agora se eu quiser sair eu saio e se quiser voltar de madrugada eu volto claro que, tomando cuidado e tal, mas não atrapalhou.” (Renata, Neves e São Gonçalo)

“Tem si. Acho que tem. Aqui você fica mais..., tipo assim, você é um jovem mais solto, mais na sua. E lá fora você já é um jovem com mais consciência do que vai fazer, acho que é isso. [...] Acho que tem possibilidade de vivenciar a juventude. Tem sim. Tem algo a melhorar ainda, mas acho que conforme o tempo às coisas vai melhorando, aí dá para chegar nesse ponto.” (Pedro, Neves e São Gonçalo)

“Há claro que tem diferença, muita. Os jovens de São Gonçalo têm várias oportunidades de fazer inúmeros cursos, como eu fiz o Projovem, tem várias possibilidades, só basta os jovens se mobilizarem e querer. Em outros lugares já não tem essa mesma perspectiva, essa mesma oportunidade que tem aqui em São Gonçalo ou que pro Rio, que tem ainda mais que SG, um exemplo de Campos.” (Otávio, Neves e São Gonçalo)

Já entre os jovens de Monjolos e Ipiúba encontramos uma maior heterogeneidade de respostas. A maioria ressaltou os aspectos negativos de São Gonçalo que os limitaram, principalmente em relação à diversão, a poder seguir os estudos, a infraestrutura, e ao mercado de trabalho.

“[...] ser jovem em Niterói eu acho mais fácil do que ser jovem em SG, porque em Niterói tem um leque de opções né, tem vários barzinhos, shopping, a classe social é diferente, o jovem em SG procura logo Nova Show, Ita Show, e em Niterói não, os jovens procuram barzinhos, boates, essas coisas mais, risos, mais organizadas entre aspas né. [...] em Niterói a infraestrutura lá é bem melhor do que a infraestrutura aqui, bem, nem se compara.” (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

“Eu acho que sim, porque são oportunidades diferentes. Eu fui acostumada com... sei lá, talvez, assim, os meus pais não têm estudos e a gente fica meio presa a esse mundo aqui. Aí, sei lá, as pessoas do Rio tem mais oportunidades, as portas são abertas mais facilmente, eu acho. Acesso ao ensino superior, a melhores escolas, muda bastante de lugar.” (Carla, Monjolos e Ipiíba)

“Olha tem diferença em questão como lazer, por exemplo, Niterói tem muito mais lazer do que aqui em São Gonçalo, a condição de vida também é melhor. Para mim esse é um dos pontos alto, lá para ter acesso a cultura também é bem melhor do que aqui. São Gonçalo se você quiser ir para algum lugar tem que pegar ônibus, as vezes não tem o ônibus... é mais difícil. Essa que é a diferença.” (Victor, Monjolos e Ipiíba)

Entre as exceções, encontramos Leonardo que, em decorrência de sua família ser de Pernambuco, cuja realidade é mais precária, comparou positivamente as oportunidades oferecidas pelo município e dois jovens que apontaram não ter diferenças ser jovem aqui ou ali, dependendo das escolhas pessoais.

“Ser jovem é... depende do ponto de vista de cada um. Eu no meu modo, eu sou evangélica, então para mim é bom. A igreja que eu frequento é ótima, meus amigos todos são ótimos também, então para mim não vejo nada de ruim não. Um ruim nessa parte toda é o emprego, é arrumar um emprego, tem que realmente ter uma indicação de alguém.” (Tânia, Monjolos e Ipiíba)

“[...] não, acho que não, não tem diferença, basta à pessoa buscar o conhecimento, estudar. [...] nada me prejudicou (a vivenciar sua juventude), porque eu querendo alguma coisa eu posso me deslocar pra outra cidade, não tem nenhum problema. [...] sem dúvida ser jovem é igual em todo lugar.” (Saulo, Monjolos e Ipiíba)

No geral, podemos observar que os homens são os que menos abordaram aspectos negativos, ora por terem contato direto com outras realidades mais precárias, tendo sempre como referencia essas realidades e não outra de maior possibilidade, ora por apontarem aspectos pessoais como se as questões de limitações dependessem do indivíduo para serem superadas. Também percebemos que é em Monjolos e Ipiíba a maior recorrência desses jovens que põem em questão as limitações em São Gonçalo. Todavia, torna-se explicito que em sua maioria (tomando-os como um todo) os jovens têm consciência das ausências e limitações que foram submetidos, mesmo que às vezes apontem aspectos pessoais, seja para enfrentá-las, como no caso dos muitos deslocamentos enfatizados por alguns, seja para justificá-las, por ser evangélica e não haver problema, por exemplo.

❖ *Características dos jovens de São Gonçalo*

Ao questionarmos se haveria uma caracterização dos jovens de São Gonçalo, perguntando algumas vezes se existia aquela coisa de “tinha de ser de São Gonçalo” e qual seria as características gerais desses jovens, podemos observar opiniões bem distintas.

Por um lado encontramos os jovens de Neves e São Gonçalo cuja maioria apontou uma visão pejorativa dos jovens do município, colocando-se distantes, mirando-os sem se reconhecerem, as características remetiam a falta de educação, a serem roceiros, carentes, gritões, sem dinheiro, pouco militante...

"[...] sinceramente, a falta de educação com certeza, se fosse pra resumir, a parte de educação, digo aquela educação mesmo de respeito, não conseguem sentar e conversar sobre um assunto, até mesmo aquela educação de pedir da licença, muito obrigado..." (Quetruem, Neves e São Gonçalo)

"A eu acho que, é sair num grupão e só dois terem dinheiro para lanchar e eles ter que dividir aquilo com todo mundo. E vão olhar se mulher entra de graça, coisas assim. [...] Não sei, mas o jeito de falar também. O pessoal de São Gonçalo é mais mal educado." (Sandra, Neves e São Gonçalo)

"[...] o tinha que ser de SG é meio complicado, porque você às vezes tá num ônibus, aí vem àquele pessoal gritando não sei que..., tá escutando música alta aí você olha tá com a camisa de SG. Você não vê o pessoal escutando música com fone, conversando baixinho e tal é mais escancarado mesmo, é mais gritalhão." (Renata, Neves e São Gonçalo)

Encontramos ainda, nesse grupo, dois jovens que falaram a partir do autorreconhecimento ressaltando a princípio aspectos positivos, mesmo que um deles acabou, no final, abordando os aspectos negativos.

"[...] como se diz, seria um perfil bem jeca, bem aquela coisa bem mais roceira mesma. Aqui tem pessoas que são agitadas, mas o perfil do pessoal daqui, dos jovens daqui é ser bem mais tranquilo mesmo, é ser bem mais amistoso também, porque aqui o pessoal é bem mais amigo um vai se conhecendo, como se diz, e acaba se relacionando bem com outras pessoas. Aí aqui é aquela coisa bem amistosa mesmo e os jovens daqui eu considero que sejam assim mais tranquilos." (Pedro, Neves e São Gonçalo)

"[...] um jovem batalhador, guerreiro, lutador, que busca, que passa pelas dificuldades, mas não se abate por essa situação, esse é o jovem de SG, que tem pouco conhecimento, pouco estudo, não sabe dos seus direitos dentro da sociedade, e por isso acaba sendo mais um dentro de SG. Fica muito difícil pro jovem que mora aqui, escola, curso, emprego deveria ter bastante, mas acaba não tendo. Aqui dentro, o jovem não sabe o que é votar, ele não sabe que o voto dele pode mudar as coisas, é um jovem desinformado, que quer lutar, mas não tem a condição." (Bruno, Neves e São Gonçalo)

Por outro lado, visualizamos entre os jovens de Monjolos e Ipiúba uma diversidade de opiniões indo desde os que têm uma visão positiva, passando pelos que não concordam em generalizar até os que ressaltaram aspectos negativos. Dos jovens que ressaltaram os aspectos positivos encontramos os dois que moram mais isolados e que acabaram por abordar as características as quais os identificam e reconhecem.

"[...] minha cunhada é uma jovem típica de SG, nós né, nós duas assim, que se diverte aqui em SG com muito pouco, agente não precisa de muito pra se divertir... Então, em Alcântara, no Rodo, em qualquer outro lugar em SG, ela tá sempre rindo, sempre de bem com a vida, então ela é uma jovem de SG, talvez se ela fosse do Rio ou de Niterói, ela seria diferente. Ela é uma pessoa que não precisa ir muito longe pra se divertir, não precisa tá num barzinho em Icaraí, nem muito menos na orla de Ipanema, pra se divertir né, aqui em SG ela já se diverte a vontade, então, é um jovem de SG." (Sofia, Monjolos e Ipiúba)

"A característica marcante é a vontade de vencer, porque quem quer consegue vencer. Tem que buscar, a maioria das pessoas começam a trabalhar para pagar uma faculdade particular com objetivo de crescer, pelo menos a maioria das pessoas que eu conheço é assim." (Victor, Monjolos e Ipiúba)

Dos jovens, que não souberam responder e nem quiseram generalizar, observamos estarem cientes dos estigmas aos quais são expostos ao mesmo tempo em que sinalizaram desconforto com essa generalização.

"Não sei cada caso é um caso. Tem aqueles que são violentos, tem aqueles que são mais educados, então não tem como eu falar dos outros eu falo de mim... Eu me porto bem, gosto daqui, respeito, não faço arruaça, então é assim. Varia muita da pessoa, tem aquela que vê um celular acha bonitinho vai lá pega, tem muita gente assim não só aqui, mas em todos os lugares." (Tânia, Monjolos e Ipiúba)

"[...] não, não tem como descrever, assim, olhando pra pessoa é meio difícil saber a localidade que ela mora, acho que não." (Saulo, Monjolos e Ipiúba)

Já as jovens que ressaltaram os aspectos negativos especificaram, principalmente, a falta de estudo, o trabalho precário, a falta de oportunidade e a vergonha que os jovens sentem desse município.

"É difícil, mas geralmente são jovens que não concluíram o Ensino Médio, que começam a trabalhar em empregos que não dão futuro, sem muita opção, a maioria pelo menos dos que eu conheço." (Carla, Monjolos e Ipiúba)

"[...] olha se você vê os jovens que tem Orkut aqui eles põem no perfil que moram em Niterói, olha só que coisa horrorosa, eles acham mais chique... Eu não sei se é há mais possibilidades pra parte de Niterói, talvez seja isso entendeu, então são mais abertos. Baseando-me no Projovem, o jovem de SG é mais carentes sabe, os jovens são mais carentes de perspectivas." (Tamara, Monjolos e Ipiúba)

Em síntese, quando observamos o conjunto dos jovens, sem considerar os grupos, percebemos novamente que as mulheres são as que mais explicitam os aspectos negativos dos jovens do município e os homens os positivos. Em Monjolos e Ipiíba os jovens demonstraram ter ciência dos rótulos negativos aos quais são expostos, onde apenas duas jovens os reforçaram, não se reconhecendo enquanto pertencente ao grupo, os demais ou não quiseram opinar, estabelecendo clareza que há uma heterogeneidade, ou defenderam as características positivas que os fazem ser jovem em São Gonçalo, reafirmando suas identidades territoriais.

De maneira geral, podemos perceber que os jovens que mais circulam, estando constantemente em contato não só com outras realidades e com um leque de possibilidades, mas também com os estereótipos e estigmas com que tratam e retratam o município, acabam, em sua maioria, assimilando esses aspectos negativos e os generalizando, sem, contudo se reconhecerem enquanto parte integrante dessa realidade. Já os jovens que são mais enraizados, cuja identidade é marcada pela relação com o lugar, reconhecem e exaltam os aspectos positivos com os quais se autorreconhecem.

Em fim, após realizarmos as análises e discussões verificamos a complexidade que marca a transição para a vida adulta dos jovens que vivem no município de São Gonçalo e como o território é um dos fatores que a impactam. Através do conjunto de dados utilizados (levantamento em órgãos estatísticos, banco de dados e uso do SPSS, entrevistas) foi possível perceber como as desigualdades territoriais e sociais exercem influência na possibilidade de oportunidades que concerne seja em relação ao tipo de escola, a inserção no mercado de trabalho, aos equipamentos e estabelecimentos de lazer, ao acesso a transporte, a circulação e horizonte de circulação que possibilita.

Outro fato observável é como todos os jovens têm uma relação afetiva para com o território, mas há uma configuração de fatores (como escola, trabalho, circulação, forma de divertimento, etc.) que evidenciam que mesmo mantendo essa relação afetiva e percebendo os limites de morar em São Gonçalo, apenas certa configuração de condições, disponível para alguns, permite a busca por romper com essa circunscrição ao território de residência. Por isso, ao analisarmos São Gonçalo percebemos que a realidade é muito mais complexa, uma vez que, os diferentes territórios do município são hierarquizados e produzem novas hierarquias num processo contínuo de construção e reconstrução das desigualdades, que influe direta ou indiretamente na forma como os jovens vivem suas condições juvenis e a transição para vida adulta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desse trabalho havíamos ressaltado como a juventude é uma categoria social delimitada no tempo e no espaço, caracterizada por ser uma condição liminar, dependente, relacional, sustentável, com caráter simbólico e de representação, onde ser jovem representaria, essencialmente, um ser em transição. Entretanto, essa transição e a forma de se vivenciar a juventude podem ocorrer de múltiplas formas em decorrência do sexo, da classe social de origem, da família, da etnia, da religião, do gênero, do grupo etário ao qual o indivíduo pertence, das escolhas individuais e como viemos apontando, durante todo o trabalho, que também do território pertencente.

Enfocamos o território enquanto apropriação e domínio de um espaço socialmente compartilhado, onde se concentra as relações sociais, de solidariedade e poder, enfatizando especificamente o espaço urbano, a cidade. A cidade é apreendida aqui como local de conflitos, que é ao mesmo tempo fragmentada e articulada, onde diferentes forças se chocam dando origem a territórios distintos. Sinalizamos como o território é um dos elementos importantes no processo de transição para a vida adulta, interferindo na sociabilidade, na mobilidade e apropriação dos espaços da cidade, nos processos de pertencimento e organização das identidades, proporcionando experiências limitadoras e/ou ampliadoras na construção das trajetórias dos jovens.

Fazendo uma retrospectiva, de todo o caminho trilhado, visualizamos inicialmente um panorama de como as temáticas da juventude, os estudos sobre transição para vida adulta e o conceito de território veem sendo abordados por diferentes pesquisadores e áreas. Em seguida, nos debruçamos sobre os dados e resultados alcançados pela pesquisa “Percursos, trajetórias, modos de crescer: escola e trabalho na transição para a vida adulta”, juntamente com nossas descobertas realizadas por meio do programa SPSS, que nos serviram de base necessária ao nosso mergulho qualitativo, permitindo o aprofundamento de nossas hipóteses, a elaboração do roteiro e criação dos critérios para seleção dos jovens a serem entrevistados. Logo, elucidamos as análises das quatorze entrevistas e chegamos as nossas conclusões, em um processo contínuo de interpretação construída com base na análise e síntese.

Realizamos um estudo de caso no município de São Gonçalo, que é marcado por inúmeras contradições e peculiaridades seja em referência a distribuição de sua renda, a infraestrutura, ou ao contraste socioeconômico na comparação entre suas regiões administrativas.

Como vimos, buscando encontrar os possíveis impactos do território sobre a transição desses jovens explicitamos alguns fatores que acreditamos serem essenciais, como: trajetória educacional e laboral; forma de apropriação e circulação pelo município e demais centros urbanos próximos; rede de solidariedade estabelecida (familiares, amigos e vizinhança); acesso a transporte e internet; maneira como enxergar os limites e benefícios do município; forma como se diverte; horizonte de circulação e desejo de mudança; reconhecimento das potencialidades e vulnerabilidades em ser jovem e os limites apresentados pelo município.

Com relação à escola, observamos, dentre outras coisas, que há formas diferentes e desiguais de se experimentá-la, pois percebemos que o tipo de escola faz toda a diferença na infraestrutura que disponibiliza, na rede de sociabilidade que gera, na ampliação tanto da circulação como do horizonte de circulação dos jovens, uma vez que, estudar em uma escola nuclear ou local faz toda a diferença, significando, para além da qualidade do ensino, ter um leque de opções disponível ou não. Entretanto, a escolha pelo tipo de escola só é possível mediante o conhecimento prévio e a oportunidade de acesso, ambos os fatores muitas vezes negados dependendo do grau de pertencimento/conhecimento do território e do isolamento vivenciado.

Visualizamos, como já vem sendo apontando pelos debates sociológicos sobre a influência da concomitância entre escola e trabalho, para o fato desta não ser necessariamente algo negativo, onde o trabalho acabaria por atrapalhar o estudo, mas que varia de acordo com o tipo de trabalho exercido, com a variedade de meios e projetos de inserção que congrega. Observamos como para alguns jovens, especialmente de Neves e São Gonçalo, essa concomitância ocorreu quase como um prolongamento dos seus estudos, um treinamento, uma forma de experimentar suas qualificações (geralmente relacionadas a cursos feitos), entretanto quando o trabalho começava a interferir nos estudos era abandonado de imediato. Diferentemente, de outros jovens, principalmente de Monjolos e Ipiíba, cuja concomitância ocorreu quase como uma necessidade de sobrevivência, de ajudar a subsistência da família, realizando atividades manuais/“bicos”, sem necessariamente configurar uma possível carreira, desempenhando outro significado.

Percebemos, ainda, como os jovens têm consciência dos problemas enfrentados por eles na inserção do mundo do trabalho, sendo apontados, por exemplo: ausência de perspectivas no município; necessidade de experiência e o desencantamento com o mundo do trabalho, gerado pela necessidade de trabalhar não em sua formação e pretensão, mas no que aparecer.

Nesse sentido, evidenciamos como o trabalho assim como a escola são dois fatores que marcam diretamente a transição para vida adulta desses jovens, não só pelas escolhas no presente, como também futuras, que acabam sendo influenciados direta ou indiretamente pelo território, seja através da infraestrutura que congrega (escolas nucleares, saneamento básico, transporte, cursos, mercado de trabalho, etc.), da possibilidade de escolhas que oferece, seja pela visibilidade que disponibiliza das políticas públicas presentes no município. Não sendo por acaso que o isolamento territorial de algumas localidades ocasiona uma junção de restrições e de impossibilidade de maior e melhor apropriação educacional e laboral.

Outro fato explicitado remete a possuir parentes, mas especificamente amigos, em outros municípios e até em outros estados, significando para muitos jovens, principalmente os mais isolados, maior probabilidade de deslocamento e circulação por diferentes territórios, principalmente, no caso dos parentes, pela necessidade de visitá-los e, dos amigos, pela diversão. Ou seja, há influência das redes de amigos e parentes na maior circulação dos jovens, onde, geralmente, amizades com pessoas que costumam se deslocar e se apropriar dos mais diversos territórios da cidade (principalmente, relacionados ao lazer) tendem a impulsionar e estimular a própria circulação dos jovens. Em contrapartida, amizade com pessoas mais reservadas e que também não costumam circular tendem a servirem como ancoras, aumentando ainda mais o enraizamento nos lugares que marcam seu cotidiano (trajeto de casa e trabalho, quando muito a igreja), especialmente entre os jovens dos territórios mais isolados.

A administração do tempo livre foi outro ponto abordado, sendo elucidado que a forma como os jovens divertem-se varia muito de acordo com inúmeros fatores, tais como: a religião; o gênero; a rede de amizade; o acesso ao transporte; etc. Para alguns jovens, dependendo da posição social que ocupam, além de todos os fatores mencionados, o lazer ganha ainda outras dimensões, como: ser o campo privilegiado de exercício de certa autonomia, principalmente no que tange as escolhas da forma como vão usufruir desse tempo livre; momento de sociabilidade e formação de redes de amigos; e ainda, para uma parte deles fator impulsionador de deslocamento, circulação e apropriação de diferentes e diversos territórios da cidade. Também elucidamos como a forma de apropriação das redes sociais e da internet, como um todo, varia bastante, servindo para os jovens mais enraizados de Monjolos e Ipiúba apenas como um meio de comunicação com pessoas já conhecidas, em contraste com os de Neves e São Gonçalo que as utilizavam enquanto potencialidade, como ferramentas para diversos fins (divulgação de eventos, militância política, namorar, formar rede de sociabilidade).

Com relação à visão dos próprios jovens sobre a juventude e as limitações enfrentadas por eles em São Gonçalo, ficou claro que a maioria reafirma o ideário da juventude enquanto uma fase para aproveitar a vida; se divertir; viver sem responsabilidade, sem reconhecerem os impasses com as escolhas que marcam seus futuros, como carreira, entrada no mundo do trabalho, casamento. Percebemos que os jovens de Neves e São Gonçalo enquanto os que mais circulam, estando constantemente em contato não só com outras realidades e com um leque de possibilidades, mas também com os estereótipos e estigmas com que tratam e retratam o município, acabam, em sua maioria, assimilando esses aspectos negativos e os generalizando, sem, contudo se reconhecerem enquanto parte integrante dessa realidade. Já os jovens de Monjolos e Ipiúba que são mais enraizados ao território de vivência, cuja identidade é marcada pela relação com o lugar, reconhecem e exaltam os aspectos positivos com os quais se autorreconhecem.

Perante as nuances do impacto do território na vida desses jovens passamos a operar com as categorias de enraizamento e isolamento, por um lado, e jovens de fronteira e circulação ampliada, de outro, visando, assim, entender o grau de permanência e incorporação do território pelos jovens. Assinalamos que a permanência no lugar de residência não quer dizer necessariamente apropriação efetiva do território de sua cidade e menos ainda expansão da circulação e do seu horizonte circulação, uma vez que, os jovens dos distritos menos precários (no caso, Neves e São Gonçalo) eram os que mais circulavam e apropriavam-se de diversos territórios tendo seu lugar identitário muito além das fronteiras administrativas dos municípios e estando constantemente em contato com os estigmas e rótulos, o que lhes davam maior consciência da situação periférica do município de São Gonçalo, configurando-os como os verdadeiros “jovens de fronteira”. Entretanto, para os jovens que vivem em situação mais isolada o território carregava todo seu caráter simbólico de “abrigo”, “lar”, segurança afetiva, onde percebemos a confirmação do exposto por Haesbaert que é “entre aqueles que estão mais destituídos de seus recursos materiais que aparecem formas, as mais radicais, de apego às identidades territoriais”. A defesa do lugar passa a ser a extensão da defesa de si mesmo.

Nessa perspectiva, encontramos jovens que podem ser agrupados segundo características comuns: por um lado, observamos “os jovens enraizados”, comungando o isolamento territorial; restrições para circulação seja objetivamente (transporte) ou subjetivamente (medo, receio, assimilação dos fatores isolacionistas como escolha pessoal); lazer doméstico; acesso restrito a internet e uso limitado das redes sociais; vivência profunda do lugar de residência; fazendo um movimento que converge fortemente ao redor do sub-centro Alcântara, estando muito mais presos ao território do que os demais.

Por outro lado, visualizamos “os jovens de fronteira”, com circulação e lazer ampliados; apropriação de diferentes e diversos territórios dos centros urbanos; uso potencializado das redes sociais; maior contato com as características pejorativas com que “os outros” retratam seu município; fazendo um movimento de “dentro para fora” em relação à cidade, deslocando-se de seu centro mais consolidado para cidades de economia e lazer mais dinâmicos, escapando da circunscrição ao município. Também percebemos haver os jovens híbridos que comungam características que os deixam no meio do caminho entre os dois tipos de jovens, remetendo àqueles que ora conseguem sobressair entre os dos distritos mais precários, tendo uma circulação ampla, estudando em escolas nucleares, e/ou trabalhando em outros municípios, ora destoam entre os jovens dos distritos de maior circulação, por acumularem, dentre outras coisas, uma circulação mais local, estudarem em escolas locais e trabalharem no próprio município, apresentando maior imobilidade espacial. Nesse sentido, estes jovens configuram, no universo estudado, quase que as exceções que confirmam a regra.

Conseguimos sinalizar, por meio das ilustrações do traçado da circulação dos jovens, que vem ocorrendo uma reestruturação urbana e produtiva no município, não sendo esse mais passivo de ser considerado apenas um “município dormitório”. Nossa hipótese é que o município estaria passando por um dinamismo econômico em sub-centros periféricos dentro de seu próprio território, ampliando o mercado de trabalho tanto formal como informal de serviços de média e baixa qualificação voltados, geralmente, para os setores médios, que muitas vezes acabam por aumentar a imobilidade espacial da população, principalmente para os que vivem mais isolados e têm sua identidade marcada pelo lugar.

De maneira geral, viemos demonstrando como morar nos territórios extremos do Município de São Gonçalo, não necessariamente baseado na divisão distrital, mas principalmente no grau de isolamento, influencia a forma como os jovens se reconhecem, se projetam e se apropriam dos espaços da cidade, onde essa dimensão territorial torna-se um dos elementos determinantes (sem cair no determinismo geográfico) na construção de suas trajetórias.

Se para uns o território é funcional, servindo enquanto recurso, para outros é simbólico, produzindo significados, no caso dos jovens, a apropriação dos territórios requer, dentre outras coisas, dinheiro e disponibilidade de tempo, onde circulação e apropriação são submetidas à lógica capitalista, cujo valor de troca sobrepõe o valor de uso, limitando-os. Haesbaert (2004) ressalta como a territorialidade incorpora as dimensões políticas, econômicas e culturais referentes ao modo como as pessoas utilizam a terra, se organizam no

espaço e dão significado ao lugar, o que nos mostra como há territorialidades distintas entre os jovens estudados.

Hoje, principalmente pelo novo aparato tecnológico-informacional, há uma superposição espacial, sendo marcado, como aponta Haesbaert (2004), pela multiterritorialidade. Esta referente não apenas ao deslocamento físico como também por “conectividade virtual”, ocasionando uma maior capacidade de interagirmos à distância, influenciando e, de alguma forma, integrando outros territórios. Entretanto, essa flexibilidade territorial é usufruída apenas por alguns grupos, em geral os mais privilegiados, que conseguem desfrutar dessa multiplicidade de territórios sejam pela sobreposição no mesmo local ou pela conexão em rede por vários pontos do mundo. O que nos leva a indagar que longe de ocorrer de forma unívoca, a multiterritorialidade pode está gerando um abismo entre as classes e frações de classes, aumentando, no caso dos jovens estudados, desigualdades e dicotomias na forma de se experimentar a juventude.

O local de moradia é um dos fatores que opera como segmentador de experiências dos jovens, configurando territórios de potencialidades ou vulnerabilidades. Muitas vezes o próprio território municipal funciona como segmentador das desigualdades ao passo que distribui seus equipamentos e serviços de forma desigual nas diversas regiões da cidade. Corroboramos com Marques (2005) ao apontar que essa dimensão territorial “cumpre importante papel em sua produção e reprodução, reforçando circuitos e cristalizando situações de pobreza e destituição”. Em São Gonçalo, o processo de territorialização colabora para perpetuar e ampliar a situação de vulnerabilidade dos jovens, na medida em que, os enraízam dificultando a formação de redes sociais e os inserem de forma desigual nas estruturas de oportunidades, ocasionando não só uma imobilidade espacial como também social.

Nesse sentido, Milton Santos (1996) já nos chamava a atenção para o fato da cidade ser produtora da pobreza, pois faz dos indivíduos que habitam territórios pobres pessoas ainda mais pobres, pois morar na periferia seria:

Se condenar duas vezes à pobreza. O território determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhe ser entregue gratuitamente pelo poder público. (SANTOS, 1996, p. 112 - 113).

Ao retornarmos as nossas hipóteses e ao nosso questionamento central, podemos perceber que estes se confirmam, remetendo, primeiramente, ao fato da escola, apesar de criar a juventude, não criar as condições de emancipação, pois em escolas desiguais como as

nossas geram diferentes formas e desiguais maneiras de vivenciar a juventude e habitar seus próprios espaços, produzindo horizontes de aspiração também desiguais. Uma vez que, mesmo a escolarização provocando ampliação das aspirações, esta depende do tipo de escola cursada, envolvendo variações no efeito dessas aspirações por meio: do tipo de equipamento disponível; do conhecimento adquirido; das redes de sociabilidade existentes/construídas; das inserções institucionais possibilitadas. Em segundo, a trajetória laboral dos jovens pode restringir ou ampliar as aspirações sociais, a circulação pelo território e os projetos de futuro, através: do período demarcado para o início dessa etapa na vida do jovem; do tipo de experiência laboral acumulada; da possibilidade (ou não) de configurar carreiras, áreas de atuação, e projetos futuros de articulação entre formação e trabalho; da disponibilidade (ou não) de circular e de apropriar dos territórios da cidade.

Em terceiro, o território em sua dimensão material/funcional e imaterial/simbólico é um dos elementos importantes no processo de transição para a vida adulta, interferindo na sociabilidade, na mobilidade, na apropriação dos espaços da cidade, nos processos de pertencimento e na organização das identidades, podendo proporcionar experiências limitadoras e/ou ampliadoras na construção das trajetórias dos jovens, por meio: do tipo de equipamento que acumula (escolas, postos de trabalho, equipamentos culturais e de lazer); do tipo de vizinhança e formação de redes de contatos que propicia; da mobilidade física (grau de circulação, acesso a ônibus) e social que dispõe; do tipo de sociabilidade que proporciona; do grau de pertencimento que evoca.

Ao término deste estudo, acreditamos que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, mas não finalizados, pois são inúmeros os questionamentos que emergem, dentre eles: se e como o território pode influenciar os jovens de áreas não periféricas; como a multiterritorialidade diferencia e distancia as experiências juvenis; como tornar-se adulto na atualidade diante de tantos impasses; etc.

A pesquisa permitiu maior compreensão das características, gerais e específicas das desigualdades territoriais que marcam a transição para vida adulta dos jovens do município de São Gonçalo, possibilitando-nos uma melhor e mais profunda análise desta região pouco estudada, que se expande marcando sua importância, como objeto de estudo e de intervenção no Estado do Rio de Janeiro.

A partir dessa constatação, abriram-se aqui novos espaços para reflexões que poderão ser relevantes e orientar futuros trabalhos. Assim, esta pesquisa não tem a ousadia de findar tal discussão. Ao contrário, pretende fomentar novas inquietações no que se refere aos

impactos do território na transição para vida adulta, visando entender como vem ocorrendo a reprodução das desigualdades nas formas de se vivenciar a juventude em regiões periféricas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ALCANTARA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcântara_\(São_Gonçalo\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alcântara_(São_Gonçalo))>. Acesso em: 30 abr. 2012.

ALGEBAILLE, Eveline Bertino. *Escola Pública e Pobreza: expansão da escola dos pobres no Brasil*. 2004. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

ARRUDA, Marcela Rocha de. *Prolongamento da Juventude – Opção ou Falta de Opção?* 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Demografia e Estudos Populacionais) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2004.

BECKER, H. S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BONOMA, Thomas V. Case Research in Marketing: Opportunities, Problems, and Process. *Journal of Marketing Research*, v. XXII, n 22, p. 199-208, may 1985.

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

_____. *A Miséria do Mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BURGUESS, Ernest. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: PIERSON, Donald. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1948. p.353-381.

CACCI BAVA Jr., Augusto. Direito Civil dos jovens e insegurança urbana. *Revista Semestral do Departamento de Sociologia*, São Paulo, v. 9, n.17, p. 41-64, 2004.

CAÏS, J. Metodologías del análisis comparativo. *Cuadernos Metodológicos*, Madrid, n. 21, p. 23-38, 1997.

CALVO, Enrique G. Nascidos para Cambiar. Madrid: Taurus, 2001 apud PIMENTA, Melissa de Mattos. “*Ser Jovem*” e “*Ser adulto*”: identidades, representações e trajetórias. 2007. 463 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAMACHO, L.M.Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva* - Revista do Centro de Ciências de Educação, Florianópolis, n. 22, p. 325-341, jul.-dez. 2004.

CAMARANO, Amélia (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

_____ et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última Década*, Valparaíso, n 21, p. 11-50, dez. 2004.

CASAL, Joaquim et al. Aportaciones teóricas y metodológicas a la sociología de la juventud desde la perspectiva de la transición. *Revista da Sociologia*, Barcelona, n. 79, p. 21-48, 2006.

_____. *Enquesta als joves de catalunya 2002*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, Secretaria General de Joventut, 2004.

CATÃO, G. A.; SARTOR, C. E. *O uso da tecnologia SIG na análise das desigualdades socioespaciais na Metrópole do Rio de Janeiro*. Artigo apresentado na GIS Brasil 2001, 7º Show de Geotecnologias, Curitiba, 2001.

CHAMBOREDON, Jean-Claude. La société française et sa jeunesse. In: DARRAS, *Les Partage des Bénéfices*. Paris: De Minuit, 1966 apud PIMENTA, Melissa de Mattos. “*Ser Jovem*” e “*Ser adulto*”: identidades, representações e trajetórias. 2007. 463 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COMPLEXO PETROQUIMICO DO RIO DE JANEIRO. Desenvolvido por Petrobras, 2009. Disponível em: <www.comperj.com.br> . Acesso em: 15 maio 2012.

CORDEIRO, Denise. *Juventude nas sombras: escola, trabalho e moradia em territórios de precariedades*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CORROCHANO, Maria Carla. *O trabalho e sua ausência: narrativas e percursos de jovens participantes do programa Bolsa Trabalho*. 2008. 450 f. Tese (Doutorado em Sociologia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

COSTANZI, Rogério Nagamine. *Trabalho decente e juventude no Brasil*. [Brasília]: Organização Internacional do Trabalho, 2009.

DOMINGUES, Álvaro. (SUB)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, Porto, v. X/XI, p. 5-18, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANFANI, Emilio Tenti. *Culturas jovens e cultura escolar*. Documento apresentado no Seminário Escola jovem: um novo olhar sobre o ensino médio, Brasília, jun. 2000.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel, 1999.

FERNANDEZ, Aline. *Desigualdades sociais e espaciais na distribuição de equipamentos escolares no município de São Gonçalo na primeira década do século XXI*. 2009. 61 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2009.

FIGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro. Lugares, trajetórias e práticas: explorando os vínculos de sentido nas relações sócio-espaciais. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu. [*Trabalhos apresentados...*]. Caxambu: ANPOCS, 2007.

FONTES, Virgínia. *Reflexões im-pertinentes: história e capitalismo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la Jeunesse*. Paris: Armand-Colin, 1997 apud PIMENTA, Melissa de Mattos. “*Ser Jovem*” e “*Ser adulto*”: identidades, representações e trajetórias. 2007. 463 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GONZALES, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In: CASTRO, J.; AQUINO, L.; ANDRADE, C. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em Pesquisa Social*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1969.

GUIMARÃES, Nadya. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, Amélia (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 171-198.

HAESBAERT, Rogério. Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, 1., 2004, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: [s.n.], 2004.

_____; ARAÚJO, F. *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/censopopulacional2011>. Acesso em: 11 dez. 2011.

KAZTMAN, R. *Aislamiento social de los pobres urbanos: reflexiones sobre la naturaleza, determinantes y consecuencias*. Buenos Aires: Siempre/UNESCO, 2001.

LAGO, L.C. Estruturação Urbana e Mobilidade Espacial: Alterações no Quadro de Desigualdades Socioespaciais na Metrópole do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 11, 1998, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ABEP, 1998. p.383-419

_____. O mercado de trabalho na metrópole do Rio de Janeiro: a “periferia” que virou “centro”. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 16, 2008, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ABEP, 2008. St 36

LEFEBVRE, Henri. *La Production de l’Espace*. Paris: Anthropos, 1986.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick et al. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 59-106.

LUDKE, Menda; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANNHEIM, Karl. O problema da Juventude na Sociedade Moderna. In: BRITO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 69-94.

MARCELLINO, Nelson de Carvalho. Lazer: concepções e significados. *Licere*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.37-43, 1998.

MARGULIS, M. ; URRESTI, M. *Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud*. Buenos Aires: Biblos,1996.

MARQUES, E. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: MARQUES, E.; TORRES, H. (Orgs.). *Segregação, pobreza e desigualdades sociais*. São Paulo: SENAC, 2005. p.19-56.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MELLO, Juliana Leitão. *Transições para a vida adulta - os jovens da região metropolitana do Rio de Janeiro*. 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado em Demografia e Estudos Populacionais), Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, Francisco. *Os direitos do antivalor - a economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, Maurício Mendes de. *Caminhos e Descaminhos do Planejamento Urbano Municipal de São Gonçalo*. 2006. 79 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2006.

PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.

PARK, Robert. Ecologia Humana. In: PIERSON, Donald. *Estudos de Ecologia Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1948.

PEREGRINO, Mônica. *Desigualdade numa escola em mudança: trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres*. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

_____. Desigualdade, Juventude e Escola: Uma Análise de Trajetórias Institucionais. In: ZACCUR, E.; FÁVERO, O. *Pesquisas em educação: diferentes enfoques*. Niterói: UFF, 2008. p. 113-151 .

_____. Projeto de Pesquisa *Juventude e escolarização no Leste Metropolitano do Rio de Janeiro*: as condições de escolarização. Rio de Janeiro: UERJ, 2008a.

_____. *Juventude e trabalho em tempos de expansão da escola..* São Paulo: USP, 2010. Relatório de finalização de pós-doutorado

PIMENTA, Melissa de Mattos. “*Ser Jovem*” e “*Ser adulto*”: identidades, representações e trajetórias. 2007. 463 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PREFEITURA DE SÃO GONÇALO. Portal do Município de São Gonçalo. Disponível em: <<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/>>. Acesso em: 9 dez. 2011.

RANGEL, André da Silva. Escolas, jovens e mercado de trabalho: desfiliação institucional na Baixada Fluminense. In: RIBEIRO, L. C. Q., et al. (Orgs.). *Desigualdades Urbanas e desigualdades escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010. p. 225-248.

REIS, Letícia. Jovens em situação de risco social. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Orgs.). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 81-102.

RIBEIRO, L. C. Q. Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano. *Revista VeraCidade*, Salvador, v.7, p. 113-127, 2008.

_____. LAGO, L. C. A oposição favela-bairro MP Rio de Janeiro. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 14, n. 1, p. 144-154, 2001.

SALATA, André R.; SANT’ANNA, Maria J. Entre o mercado de trabalho e a escola: os jovens do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, L. C. Q. et al. (Orgs.). *Desigualdades Urbanas e*

desigualdades escolares. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010. p. 91-120.

SANTOS, Angela; Moulin, S. Penalva. Cidades médias e reestruturação espacial na economia fluminense. In: CARNEIRO, S.; SANT'ANNA, M. (Orgs.). *Cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 137-166.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O espaço do cidadão*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1996.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e concepções sobre o território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Marília P. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

_____. A pesquisa sobre os Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, Marília P. (Coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. p. 11-16.

STENNER, P.; MARSHALL, H. On Developmentality: Researching the Variety of Meanings of 'Independence' and 'Maturity' Extant amongst a Sample of Young People in East London. *Journal of Youth Studies*, v. 2, n. 3, p. 218-239, 1999.

SMALL, M. L. *Villa Victoria: the transformation of social capital in a Boston Barrio*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

TARTUCI, Gisela Lobo Baptista Pereira. *Tensões e intenções na transição escola-trabalho: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre os processos de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo*. 2007. 441 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TELLES, Vera da Silva. *Direitos sociais: afinal do que se trata?* Belo Horizonte: UFMG, 1999.

TELLES, V. Debates: a cidade como questão. In: TELLES, Vera; CABANES, Robert (Orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 35-64.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1994.

TULL, D. S.; HAWKINS, D. I. *Marketing Research, Meaning, Measurement and Method*. London: Macmillan Publishing Co, 1976.

WACQUANT, Loic. *Os Condenados da Cidade: estudo sobre a marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan: FASE, 2001.

WE all want to be young. Roteiro e direção: Lena Maciel, Lucas Liedke e Rony Rodrigues. [S.l.]: Box 1824, 2010. (9:47 mim). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=c6DbaNdBnTM>>. Acesso em: jan. 2011.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WILSON, William Julius. *The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

WIRTH, Louis. *The Ghetto*. Chicago: Chicago University Press, 1928.

YIN, Robert K. *Case Study Research - Design and Methods*. USA: Sage Publications, 1989.

_____. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Tradução: Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Brookman, 2001.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Este documento visa solicitar sua participação no projeto de mestrado realizado por Aline da Fonseca Fernandez, que tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre Juventude em São Gonçalo.

Por intermédio deste Termo são-lhes garantidos os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo durante os grupos focais, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, durante a minha participação, esclarecimentos sobre esta Pesquisa. Fico ciente também de que uma cópia deste termo permanecerá arquivada com o Pesquisador do Departamento de Educação da UERJ/FFP responsável por esta Pesquisa.”

São Gonçalo, de de 2011

Participante: _____

Endereço: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

APÊNDICE B - Ilustrações do conhecimento territorial dos jovens

Grupo 1 (Neves e São Gonçalo)

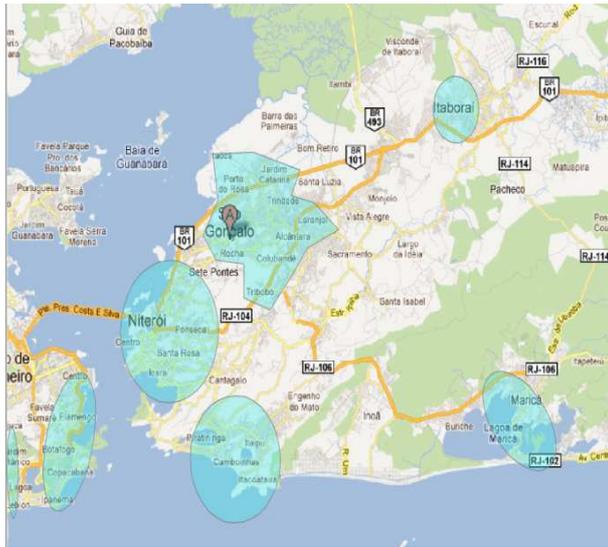


Ilustração 1- Renata

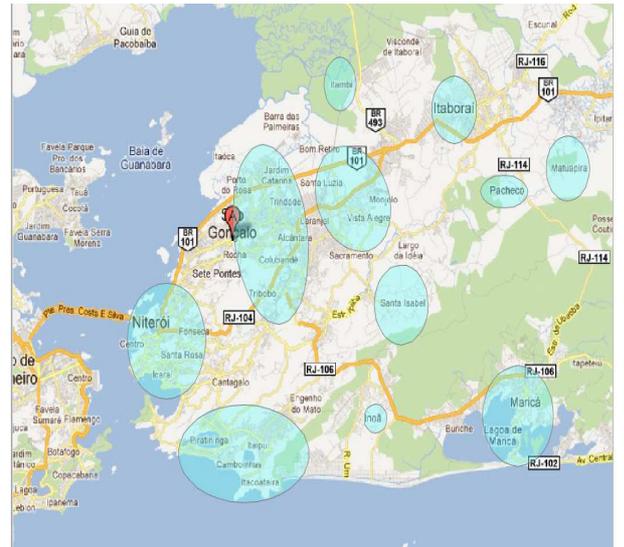


Ilustração 2- Quetruem



Ilustração 3- Sandra

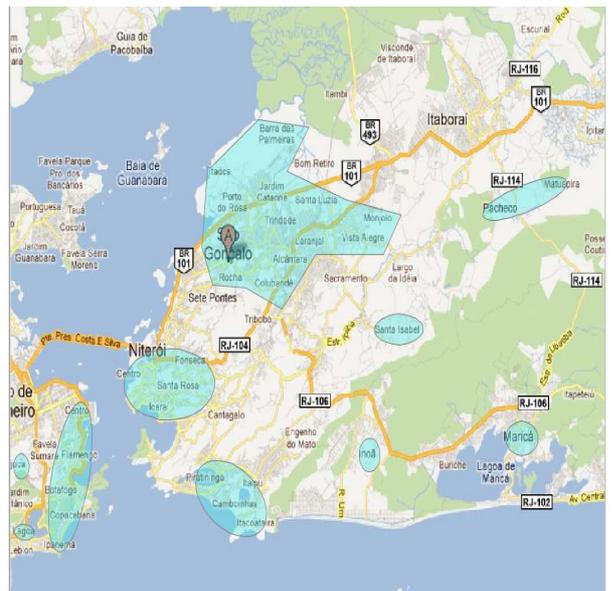


Ilustração 4- Martha

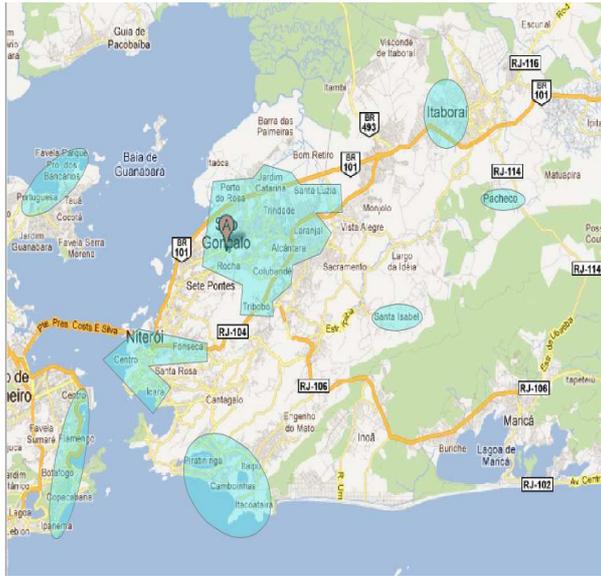


Ilustração 5- Bruno



Ilustração 6- Pedro

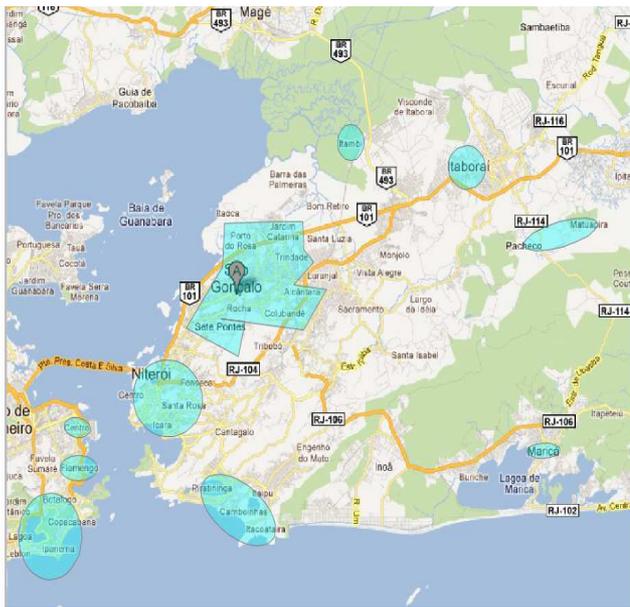


Ilustração 7- Otávio

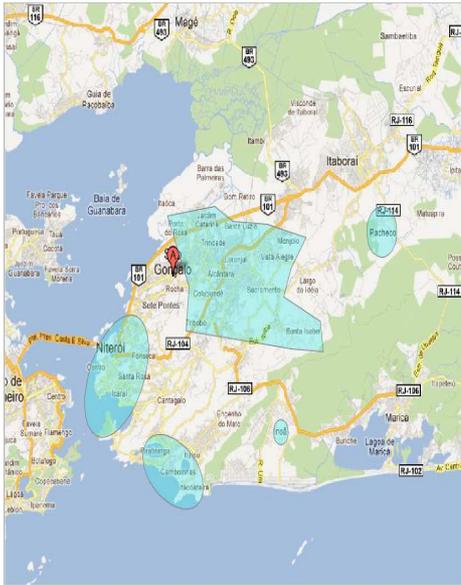


Ilustração 12- Saulo



Ilustração 13- Victor

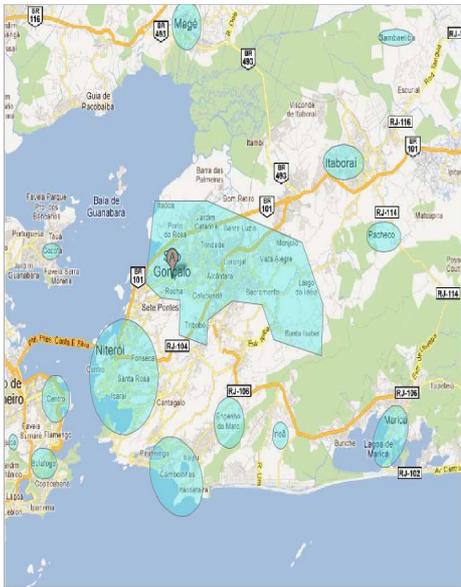


Ilustração 14- Leonardo